

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

GECIELLI ESTEFANIA FRITZEN

UMA LEITURA DOS MODOS DE VIDA E DO
TRABALHO FABRIL NO ROMANCE *DE MIM JÁ NEM
SE LEMBRA*, DE LUIZ RUFFATO

Florianópolis

2015

GECIELLI ESTEFANIA FRITZEN

**UMA LEITURA DOS MODOS DE VIDA E DO
TRABALHO FABRIL NO ROMANCE *DE MIM JÁ NEM
SE LEMBRA*, DE LUIZ RUFFATO**

Dissertação submetida ao Programa
de Pós-Graduação em Mestrado em
Literatura Brasileira para a obtenção
do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Cláudio Celso
Alano da Cruz, Dr.

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fritzen, Gecielli Estefania

Uma leitura dos modos de vida e do trabalho fabril no romance De mim já nem se lembra, de Luiz Ruffato. / Gecielli Estefania Fritzen; orientador, Cláudio Celso Alano da Cruz - Florianópolis, SC, 2015. 109 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Modos de vida. 3. Trabalho fabril. 4. Luiz Ruffato. 5. De mim já nem se lembra. I. Cruz, Cláudio Celso Alano da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

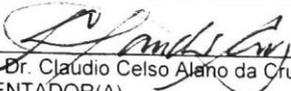
"Uma leitura dos modos de vida e do trabalho fabril no romance *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato"

Gecielli Estefania Fritzen

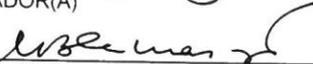
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

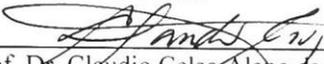


Prof. Dr. Claudio Celso Alano da Cruz
ORIENTADOR(A)

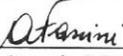


Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo
COORDENADORA DO CURSO

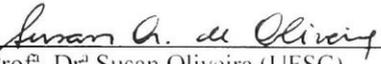
BANCA EXAMINADORA:



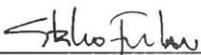
Prof. Dr. Claudio Celso Alano da Cruz
PRESIDENTE E ORIENTADOR(A)



Prof. Dr. Angela Maria Rubel Fanini (UTFPR)



Prof. Dr. Susan Oliveira (UFSC)



Prof. Dr. Stélio Furlan (UFSC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade e pela possibilidade de cursar a Pós-graduação em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina.

Aos professores Angela Rubel Fanini, Cláudio Celso Alano da Cruz e Stélio Furlan pelo acompanhamento, críticas e sugestões.

A minha madrinha e ao meu namorado pelo apoio e companheirismo.

A CAPES, pela concessão da bolsa, sem a qual não poderia dedicar integralmente meu tempo e esforços em prol da pesquisa.

Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral e política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos vários privilégios de que gozam alguns em prejuízo dos outros, como o serem mais ricos, mais poderosos ou homenageados do que estes, ou ainda por fazerem-se obedecer por eles.

(ROUSSEAU, 1978, p. 236)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo fazer uma leitura dos modos de vida e do trabalho fabril no romance *De mim já nem se lembra* (2007) de Luiz Ruffato. Entre os temas abordados por esse escritor estão questões relacionadas com a migração de trabalhadores do campo para a cidade em busca de uma melhor perspectiva de vida. É nesse contexto que os personagens de Ruffato irão se deparar com o trabalho fabril nas metalúrgicas das grandes metrópoles e, em função disso, terão sua cultura, identidade e modos de existência alterados em relação à vida que possuíam no interior. Pretendemos por meio do estudo da literatura, da história e da sociologia, abrir caminhos para uma melhor compreensão dessa narrativa de Luiz Ruffato.

Palavras-chave: Modos de vida. Trabalho fabril. Luiz Ruffato. *De mim já nem se lembra*.

ABSTRACT

This thesis aims to make a reading of livelihoods and factory work in the novel *De mim já nem se lembra* (2007) of Luiz Ruffato. Among the topics covered by this author are issues related to migration of rural workers to the city in search of a better outlook on life. In this context, the Ruffato characters will face the work on metallurgical factories in the big cities and, on that basis, will have their culture, identity and livelihoods changed in comparison to their earlier life in countryside. We intend through the study of literature, history and sociology, open ways for a better understanding of this Luiz Ruffato narrative.

Keywords: Livelihoods. Factory work. Luiz Ruffato. *De mim já nem se lembra*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O TRABALHO INDUSTRIAL	17
2.1	O QUE FOI A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.....	17
2.2	OS MODOS DE VIDA E DE TRABALHO DOS TRABALHADORES FABRIS NA INGLATERRA	23
3	CONTEXTO HISTÓRICO DA DÉCADA DE 70 NO BRASIL	41
3.1	PERÍODO MÉDICI (1969-1974)	42
3.2	PERÍODO GEISEL (1974-1979)	47
4	UMA LEITURA DOS MODOS DE VIDA E DO TRABALHO FABRIL NO ROMANCE <i>DE MIM JÁ NEM SE LEMBRA</i>, DE LUIZ RUFFATO ...	55
4.1	<i>DE MIM JÁ NEM SE LEMBRA</i>	57
4.2	TRABALHAR, TRABALHAR E TRABALHAR	59
4.3	FUSCA AMARELO COLÔNIA.....	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

Essa dissertação divide-se em três partes. Na primeira delas, denominada “o trabalho industrial” é apresentado, de acordo com a perspectiva de historiadores e sociólogos, o conceito de Revolução Industrial. Descreve-se como era a rotina dos tecelões, artesãos, agricultores e trabalhadores não qualificados quando viviam no campo e as causas do processo migratório para as cidades.

No ambiente citadino esses trabalhadores terão seus modos de vida e de trabalho significativamente alterados em relação ao que estavam acostumados no ambiente rural. Tais mudanças se fazem notar pela falta de saneamento básico nos bairros operários, precárias habitações, assim como a proliferação de enfermidades.

Serão expostos, ainda, fatos relacionados com o grande número de mortes de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos decorrentes de acidentes domésticos, o trabalho infantil e feminino, a precária alimentação, bem como a rasa formação dos operários no que se refere à leitura e escrita.

Também se destaca as consequências nefastas para o corpo e a mente dos assalariados fabris, as exigências e a pressão dos empregadores para o prolongamento do dia de trabalho. De modo que a jornada monótona e repetitiva ditada pelo ritmo das máquinas, aliada à falta de tempo para o descanso e o lazer, acarretarão inevitavelmente em acidentes físicos com as máquinas.

Os efeitos de tal processo também se dão na ordem moral. Serão sentidas pelas mulheres no assédio sexual, e para ambos os gêneros nas multas cobradas pelos patrões: se surpreendido conversando com o colega, cantando, assoviando ou na ausência do posto durante o trabalho.

Na segunda seção dessa dissertação, cujo título é “Contexto histórico da década de 70 no Brasil” serão apresentadas as consequências de uma administração “linha dura” fortemente caracterizada pela ditadura opressiva e autoritária, marcada principalmente pela prática de choques elétricos, surras e afogamentos. Destaca-se também censura a editores, televisão e rádio. Assim como o antagonismo fortemente marcado pelo desenvolvimento acelerado do Brasil *versus* uma má administração dessa riqueza, marcada por desigualdades econômicas e sociais.

Por fim, faremos uma leitura crítica referente aos modos de vida e de trabalho fabril no romance *De mim já nem se lembra* (2012), de Luiz Ruffato.

A pesquisa de tais materiais se fará necessária na medida em que nos deparamos com reflexões e questionamentos variados no que se refere à leitura aguçada e pormenorizada do romance *De mim já nem se lembra* (2012) de Ruffato. Tais bibliografias servirão igualmente como embasamento teórico às nossas considerações e afirmações.

Será conceituada a palavra *trabalho* tendo como base as considerações de Suzana Albornoz, no livro *O que é trabalho* (1986). Serão destacadas algumas características daquilo que Ricardo Antunes em *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (2002), denomina sistemas de mediações de primeira ordem e *sistemas de mediação de segunda ordem*.

Utilizaremos o texto *Os parceiros do rio bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida* (2010) a fim de elucidar os significados dos termos *permanência/persistência* e *alteração*. Tal compreensão se faz indispensável para compreender o processo de migração de trabalhadores de regiões rurais para as metrópoles em busca de cargos de trabalho na década de 70 no Brasil.

Faremos uso também do texto *La manipulación del hombre a través del lenguaje* (1987) de Alfonso Lopes Quintás, pois sua compreensão ajuda-nos a desmistificar os usos que determinados indivíduos fazem da linguagem quando visam atingir determinados objetivos e fins em benefício próprio ou de um determinado grupo.

Por fim, serão levantadas questões como *desenraizamento* e *direito à preguiça*, expostos por Ecléa Bosí e Paul Lafargue. Embora a segunda seja denominada dessa forma pelo genro de Karl Marx, pesquisadores de diferentes épocas, como Adam Smith e Ricardo Antunes também reforçam o argumento segundo o qual o direito ao descanso, ao repouso e lazer é indispensável à vida do trabalhador se quisermos pensar em uma vida provida de sentido dentro e fora do ambiente de trabalho, uma vez que ambos os espaços sociais não podem ser pensados de modo dissociado.

2 O TRABALHO INDUSTRIAL

2.1 O QUE FOI A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Neste capítulo pretendemos expor algumas considerações sobre o que foi a Revolução Industrial de acordo com historiadores e sociólogos, e para isso teremos como base, no decorrer das páginas que seguem, as contribuições teóricas de dois pesquisadores decisivos quando o assunto é modos de vida e de trabalho do operário fabril. Trata-se de Friedrich Engels¹ e Edward Palmer Thompson².

Mas, antes de nos determos sobre o conceito de Revolução Industrial propriamente dito, parece-nos importante, primeiramente, expor como era o cotidiano dos trabalhadores que viviam no campo antes de sua migração para as cidades e para o trabalho nas fábricas que começavam a surgir na Inglaterra e que tiveram como consequência a revolução na indústria.

Para pensar essas questões, foi privilegiado o livro *A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão* (1987), do historiador Edward Palmer Thompson, uma vez que ele se propõe a pesquisar a vida dos trabalhadores antes da efervescência da Revolução Industrial. Daí o caráter singular e a importância de tal leitura para que possamos entender o processo como um todo, visto que muitos dos resquícios do modo de vida dos trabalhadores pré-industriais estarão presentes no desenvolvimento das indústrias e das grandes cidades industriais.

Thompson divide o grupo de trabalhadores da época pré industrial entre: artesãos qualificados, trabalhadores não qualificados, trabalhadores rurais e tecelões. Os artesãos eram homens qualificados que se preocupavam tanto com o conhecimento e aperfeiçoamento pessoal, quanto com as questões relacionadas com a sua classe e seu entorno, homens que “se entusiasma com a política” (MAYHEW, 1862 apud THOMPSON, 1987a p. 80). Também eram indivíduos críticos em relação às suas ocupações, uma vez que “trabalhavam no ritmo que seu ofício exigia” (THOMPSON, 1987a, p. 73) e “possivelmente exageravam na exigência pela qualidade do material e do serviço” (THOMPSON, 1987a, p. 73). Havia essa possibilidade porque existia “uma aristocracia especialmente favorecida nas

¹Amigo e colega intelectual de Karl Marx, Engels fez valiosas contribuições para a história do surgimento do trabalhador industrial na Inglaterra.

²Historiador britânico, considerado por muitos como um dos maiores historiadores do século XX.

especialidades ligadas à produção de artigos de luxo, em Londres” (THOMPSON, 1987a, p. 76) e porque eles tinham prestígio em relação a outros grupos, justamente por desenvolverem um trabalho com mão de obra qualificada. Os artesãos trabalhavam “em pequenas oficinas ou na sua própria casa” (THOMPSON, 1987a, p. 71) e podiam “se espreguiçar em seu próprio campo” (THOMPSON, 1987a, p. 65).

Um século antes, Friedrich Engels, em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2008) destacava que o “tecelão às vezes podia economizar e arrendar um pequeno pedaço de terra, que cultivava nas horas livres, escolhidas segundo a sua vontade, posto que ele mesmo determinava o tempo e a duração de seu trabalho” (ENGELS, 2008, p. 46). De maneira que

os trabalhadores sobreviviam suportavelmente e levavam uma vida honesta e tranquila, piedosa e honrada [...] não precisavam matar-se de trabalhar, não faziam mais do que desejavam e, no entanto, ganhavam para cobrir suas necessidades e dispunham de tempo para um trabalho sadio em seu jardim ou em seu campo, trabalho que para eles era uma forma de descanso; e podiam, ainda, participar com seus vizinhos de passatempos e distrações – jogos que contribuía para a manutenção de sua saúde e para o revigoramento de seu corpo (ENGELS, 2008, p. 46).

Ao lado desse grupo de trabalhadores, Thompson cita os trabalhadores não qualificados. Diferente dos artesãos, esse grupo de homens parece “não ter qualquer opinião política formada; ou, mesmo se as têm... preferem a manutenção das ‘coisas como estão’ ao invés da ascensão da classe trabalhadora” (MAYHEW, 1862 apud THOMPSON, 1987a p. 80). Os trabalhadores não qualificados geralmente trabalhavam “em atividades mais ou menos eventuais nas ruas, nos pátios dos edifícios ou nas docas³” (THOMPSON, 1987a, p. 71). Devido à sua mão de obra qualificada, os melhores postos de trabalhos nas fábricas acabavam sendo ocupados pelos artesãos e não por esses trabalhadores não qualificados. E, se as condições de vida e de trabalho já não eram favoráveis para esse grupo de trabalhadores qualificados, pior ainda para os trabalhadores sem nenhuma qualificação, que tiveram que passar por situações extremamente difíceis em busca de

³Docas: 1. Parte de um porto onde atracam os navios para carga e descarga. 2. Dique para construção ou reparo de navios. 3. Armazém de entreposto, para o comércio marítimo. (FERREIRA, 1999)

emprego. Thompson destaca que “se conhece pouco sobre os trabalhadores não qualificados das primeiras décadas do século 19, porque eles não tinham sindicatos e raros eram os líderes que articulavam suas queixas” (THOMPSON, 1987a, p. 109).

Assim como os artesãos e os trabalhadores não qualificados, os trabalhadores rurais também compõem uma parcela desse grupo que se veria obrigado a migrar para as cidades em busca de melhores condições de vida. Esse fato se deve principalmente aos cercamentos. O cercamento significava que os trabalhadores mais humildes estavam sendo jogados para fora das terras onde haviam vivido durante todas as suas vidas. As terras que seriam tiradas desse grupo de trabalhadores seriam tomadas pelos grandes proprietários a fim de que pudessem estender cada vez mais seus lucros e seus bens.

Para eles não era conveniente que os trabalhadores mais humildes tivessem um pequeno pedaço de terra para poderem criar seus animais e plantar seus alimentos, uma vez que eles se tornariam independentes e não estariam disponíveis para desenvolver as atividades que lhes fosse solicitada.

Era uma questão política procurar aumentar o grau de dependência da reserva de mão-de-obra barata — tratava-se de uma ‘atividade econômica mais proveitosa’ para as conveniências do fazendeiro, interessado na colheita e no preparo do feno, e para a construção de estradas e cercas, além das eventuais drenagens⁴ nos cercamentos. (THOMPSON, 1987a, p. 51-52).

Percebemos que a questão econômica do acúmulo do capital está intimamente relacionada com a questão ideológica do controle dos que possuem o poder e os meios de produção em relação aos que não os possuem. Assim como os trabalhadores rurais sofreram com os cercamentos, os artesãos também sofreriam na pele as consequências das mudanças que estavam ocorrendo na sociedade do fim do século XVIII e início do século XIX.

Não podemos deixar de falar sobre a realidade de outro grupo de trabalhadores: os tecelões. Esses trabalhadores geralmente desenvolviam suas atividades “por conta própria e por peça, para mestres de sua escolha” ou então, trabalhavam “em sua própria casa e em seu próprio tear para um único mestre” (THOMPSON, 1987a, p. 119). Em certa

⁴1. Ato ou efeito de drenar. 2. Conjunto de operações e instalações destinadas a remover os excessos de água das superfícies e do subsolo (FERREIRA, 1999, p. 708).

medida, o que ocorreu com os tecelões não é muito diferente do que aconteceu com os artesãos e com os trabalhadores não qualificados. Os tecelões, antes de terem que migrar para as cidades em busca de emprego, possuíam uma vida tranquila nos vilarejos onde moravam.

Muitos deles eram “tecelões-poetas, biólogos, matemáticos, músicos, geólogos e botânicos” (THOMPSON, 1987a, p. 147). Thompson destaca as palavras de um “tecelão que trabalhou em teares manuais entre 1820 e 1850, obtendo, então, um emprego numa fábrica de teares mecânicos, [que] lamentou os efeitos dessa mudança sobre seus versos”, (THOMPSON, 1987a, p. 149):

Eu trabalhava antes numa pequena sala, com vista para o cemitério [...] Costumava passear pelos campos e bosques... no horário das refeições, e ouvir o canto dos pássaros durante o verão ou contemplar as águas agitadas do Luddon (...) Algumas vezes fui despertado desses devaneios por alguma donzela apaixonada e desamparada que...lançava os lamentos de seu coração ao vento ingrato...Então, voltava pra casa e escrevia (...) mas tudo isso acabou; devo continuar meu trabalho, em meio ao ruído das máquinas (THOMPSON, 1987a, p. 149-150).

Os tecelões se assemelham aos artesãos, pelo fato de que seu *status* também estava em declínio. Tal fato se dava porque o “tear mecânico” estava passando a ter um rendimento três, ou quatro vezes maior do que o “tear manual” (THOMPSON, 1987a, p. 138). Por outro lado, os tecelões também se assemelham com os trabalhadores não qualificados porque tiveram que se submeter a atividades cujos salários eram extremamente baixos, uma vez que sua mão de obra estava cada vez menos valorizada.

Muitos tecelões aceitavam trabalhar por salários extremamente baixos, isso quando não eram obrigados a desempenhar funções não remuneradas durante algumas horas, para que então pudessem conseguir um dia de jornada de trabalho. O modo de vida nas comunidades onde moravam esses grupos de trabalhadores “compunha-se de uma mescla singular de conservadorismo social, orgulho local e tradições culturais” (THOMPSON, 1987a, p. 146). Durante gerações esses trabalhadores tiveram prestígio nas comunidades onde viviam porque seus trabalhos eram valorizados. Tinham uma vida simples e sem luxos, no entanto, possuíam o necessário para viver: uma pequena casa com mobília, um salário justo e tempo livre para o descanso. O ar era puro e era possível colher aquilo que se plantava. É certo que em algumas regiões

montanhosas o acesso era mais difícil e raras eram as mulheres grávidas que tinham acompanhamento na hora do parto. Mas, de modo geral, as pessoas tinham uma rotina de vida e de trabalho que era estipulada por elas mesmas.

Essa rotina seria drasticamente alterada por causa do surgimento das primeiras indústrias. E, assim como a mudança geográfica marca a saída desses trabalhadores do campo para a cidade, os modos de vida e de trabalho desses grupos também sofrem mudanças significativas. A frase de Thompson, “a fábrica surge como o símbolo das energias sociais que estão destruindo o verdadeiro ‘curso da natureza’ ” (THOMPSON, 1987a, p. 11) traduz bem esse processo de mudança pelo qual a sociedade e principalmente esses grupos de trabalhadores estavam passando. A Revolução Industrial marca decisivamente o processo de transformações de uma sociedade pré-industrial para outra sociedade pós-desenvolvimento industrial.

Feitas essas considerações iniciais sobre os modos de vida e de trabalho desses grupos de trabalhadores que viviam tranquilamente suas vidas no campo, partiremos para o desenvolvimento do conceito de Revolução Industrial. Esse conceito é de extrema importância para entendermos os motivos pelos quais esse processo se transformou em um importante divisor de águas sobre o que se entendia e o que se entende por sociedade ocidental.

Mais do que um grande acontecimento histórico, a Revolução Industrial foi o símbolo do desenvolvimento econômico e tecnológico, além de ser uma das principais revoluções que o mundo presenciou. A Revolução Industrial foi a revolução no campo da economia, da máquina e da indústria. Muitos investidores e empresários compravam no mercado mais barato e vendiam no mais caro. Se, antes disso, os pequenos burgueses dependiam única e exclusivamente do trabalho do artesão para poder fabricar as mercadorias que passariam a vender por um preço maior, com as invenções da “máquina de fiar, o tear movido a água, a fiandeira automática e, um pouco mais tarde, o tear a motor [...] que eram simples e baratos” (HOBSBAWM, 2012, p. 70) essa realidade mudaria completamente.

A invenção da ferrovia também possibilitou um grande avanço para a Revolução Industrial. O transporte de mercadorias pela estrada de ferro teria seu custo e seu tempo substancialmente reduzidos se comparado com os meios de transportes anteriores. Para que o desenvolvimento industrial pudesse acontecer com sucesso era preciso mais do que grandes investimentos particulares de empresários ou avanços no setor de pesquisas químicas. Para que a revolução na

indústria pudesse se desenvolver ela demandava uma grande quantidade de mão de obra para trabalhar nas fábricas, na construção de ferrovias e nas minas de carvão.

Impulsionados pela oferta de elevados salários, os trabalhadores do campo passariam a migrar do campo para as cidades, de maneira que o meio rural passou a ter uma grande diminuição de habitantes, enquanto que a cidade abrigava um contingente cada vez maior de pessoas que crescia junto com as fábricas. Embora os trabalhadores estivessem habituados a trabalhar longas horas diárias no campo, com a mudança dessa massa para o meio urbano eles viveriam o contraste de uma jornada diária e ininterrupta de trabalho que seria fortemente marcada pela mecanização e repetição que exigia a indústria. É importante destacar que, como a maioria desses trabalhadores vinha do campo, poucos tinham a qualificação necessária para ocupar os cargos que recebiam os salários mais bem remunerados. Sobre esse fato Hobsbawm afirma que

todo operário tinha que aprender a trabalhar de uma maneira adequada à indústria, ou seja, num ritmo regular de trabalho diário ininterrupto, o que é inteiramente diferente dos altos e baixos provocados pelas diferentes estações do trabalho agrícola (HOBSBAWM, 2012, p. 91).

O que fez com que os artesãos, tecelões, trabalhadores não qualificados e rurais abandonassem suas vidas no meio rural para mudarem para as cidades foi, além da oferta salarial, a esperança de encontrarem melhores perspectivas de vida e de trabalho. Mesmo que para isso tivessem que reestruturar suas vidas em prol das exigências impostas pela indústria. Esse deslocamento de pessoas do campo para o espaço citadino gerou uma massa populacional que viveria no meio urbano sem ter as mínimas condições de suprir suas necessidades mais elementares como moradia, alimentação, saúde e vestimenta.

Importante destacar que o grupo de trabalhadores que serviram ao desenvolvimento da Revolução Industrial não se restringe somente àqueles que trabalharam dentro das fábricas, pois havia a necessidade de mão de obra braçal tanto para a construção dos trilhos por onde passariam os trens, quanto para a extração de carvão nas minas da Inglaterra, para citar apenas dois exemplos. Mas, como o objetivo dessa pesquisa é analisar especificamente os modos de vida e de trabalho dos trabalhadores industriais, no subcapítulo que segue direcionaremos nossos esforços no sentido de pensar e expor considerações sobre os modos de vida e de trabalho dos trabalhadores fabris na Inglaterra.

2.2 OS MODOS DE VIDA E DE TRABALHO DOS TRABALHADORES FABRIS NA INGLATERRA

Antes de iniciarmos as reflexões referentes aos modos de vida e de trabalho dos trabalhadores fabris, devemos traçar um breve perfil do trabalhador industrial a fim de que possamos visualizá-lo e imaginá-lo nas mais variadas situações a que nos referiremos nas páginas a seguir. No que se relaciona às vestes,

as roupas da esmagadora maioria dos operários estão em péssimas condições, os tecidos empregados em sua confecção são os menos apropriados e o linho e a lã quase desaparecem do vestuário de homens e mulheres, substituídos pelo algodão (ENGELS, 2008, p. 108).

Percebemos no decorrer de nossas leituras que “todo o vestuário dos operários [...] é pouco adequado ao clima”, uma vez que “o ar úmido da Inglaterra” e “as bruscas mudanças do tempo provocam rápidas quedas de temperatura”. A isso, acrescentamos “o costume [...] de andar descalço” (ENGELS, 2008, p. 108-109), que foi introduzido na Inglaterra pela influência cultural dos irlandeses. Estes últimos chegariam a representar “um quinto ou um quarto dos operários⁵ [...] em cada grande cidade” (ENGELS, 2008, p. 134).

A influência irlandesa tornou-se tão forte entre os trabalhadores que “hoje em todas as cidades industriais, veem-se muitíssimas pessoas, sobretudo mulheres e crianças, andando descalças” (ENGELS, 2008, p. 109). Outra característica dos trabalhadores fabris ingleses é o uso do chapéu e do boné:

o uso do chapéu é generalizado, inclusive entre os operários – chapéus das mais variadas espécies, redondos, cônicos e cilíndricos, com abas largas ou estreitas; bonés só são usados nas cidades industriais pelos mais jovens; quem não tem um chapéu, faz para si mesmo, com papelão, um gorro baixo e quadrangular (ENGELS, 2008, p. 108).

Ao dirigir nosso olhar para além do vestuário, encontraremos homens com uma aparência física bastante fragilizada. Engels

⁵Houve uma forte influência dos irlandeses no processo da Revolução Industrial, tanto no que se refere ao trabalho (uma vez que constituíam uma das mãos de obra mais baratas devido à inexistência de qualificação) quanto no que diz respeito aos seus modos de vida (que eram caracterizados pela pouca higiene, pelo alcoolismo e pela facilidade com que se envolviam em brigas).

caracteriza os corpos desses trabalhadores como “espectros lívidos, esguios e magros, de tórax estreito e olhos encovados, rostos inexpressivos, inermes” (ENGELS, 2008, p. 138) além de serem quase todos

frágeis, com ossadura angulosa, mas pouco resistente [...] pálidos e seu corpo, excetuados os músculos exigidos para o trabalho, apresenta-se flácido. Quase todos têm problemas gástricos, quase todos são mais ou menos hipocondríacos e seu humor é melancólico e irritadiço. Seu organismo debilitado tem poucas chances de resistir às doenças, que os vitimam com frequência – por isso, envelhecem prematuramente e morrem jovens (ENGELS, 2008, p. 144).

Através da leitura de *A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão* (1987), de Edward Palmer Thompson, também é possível perceber que os modos de vida e de trabalho desses indivíduos estão estreitamente relacionados com aqueles dos trabalhadores que viviam no campo. Isso acontece porque muitos costumes e culturas pertencentes aos trabalhadores industriais tiveram forte influência do meio rural onde anteriormente viviam. Entre elas podemos citar: as datas festivas; as danças; e os jogos que com o decorrer do tempo iriam se perder.

Com o surgimento das grandes fábricas e cidades, os trabalhadores advindos do campo tiveram que se adaptar aos novos modos de vida e de trabalho oferecidos por esse meio. As primeiras indústrias foram construídas nas antigas vilas onde, por sua vez, foram construídas as primeiras moradias. As casas que foram feitas ao redor das fábricas até possuíam alguma infraestrutura de saneamento básico, mas na medida em que as fábricas se multiplicaram de maneira rápida e os trabalhadores começaram a se aglomerar ao redor dessas indústrias, os centros urbanos tiveram um crescimento acelerado. Como não houve um planejamento para atender a demanda habitacional os imigrantes começaram a se concentrar em cômodos cada vez menores, aumentando a densidade demográfica.

Hobsbawm destaca que “para os planejadores de cidades, os pobres eram uma ameaça pública”, uma vez que “suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios deveriam ser cortadas por avenidas e bulevares que levariam os pobres dos bairros populosos a procurar habitações em lugares não especificados”. É importante destacar a complexidade desse fenômeno uma vez que, “quem

diz cidade em meados do século XIX diz ‘superpovoamento’ e ‘cortiço’ e, quanto mais rápido a cidade crescesse, pior era em superpopulação” (HOBSBAWM, 1996, p. 295). A falta de estrutura nos locais onde os trabalhadores viviam passaram a ser tais, que

as condições gerais nas grandes cidades pareciam (e eram efetivamente) mais repugnantes e inconvenientes. Nas vilas, a água de um poço próximo ao cemitério podia ser impura, mas, pelo menos, seus habitantes não tinham de se levantar à noite para entrar numa fila diante da única bica que servia a várias ruas, nem tinham de pagar por ela. Os habitantes das áreas industriais tinham frequentemente de suportar o mau cheiro do lixo industrial e dos esgotos a céu aberto, enquanto seus filhos brincavam em detritos e montes de esterco (THOMPSON, 1987a, p. 185).

As moradias dos trabalhadores fabris localizavam-se distante dos centros comerciais e dos bairros onde viviam os donos das fábricas. Nessas regiões a falta de planejamento no saneamento básico teve como consequência diversas doenças, como: tuberculose, convulsões, inflamação dos pulmões, definhamento físico, debilidade, inflamação intestinal, inflamação cerebral, definhamento, febre comum, asma, paralisia e enfermidades do fígado (THOMPSON, 1987a, p. 194).

Thompson destaca que “os pobres viviam em vielas e porões” (THOMPSON, 1987a, p. 189), daí o fato de algumas enfermidades estarem diretamente relacionadas não apenas com a condição sanitária, mas também com a habitacional.

As doenças pulmonares são a consequência inevitável dessa condição habitacional e, por isso, são particularmente frequentes entre os operários. A aparência de tísicos de tantas pessoas que se encontram pelas ruas é claro indicativo de que a péssima atmosfera de Londres, em especial nos bairros operários, favorece ao extremo o desenvolvimento da tuberculose (ENGELS, 2008, p. 138).

Além da tuberculose, o tifo⁶ também está relacionado com essas precárias condições, uma vez que “a má ventilação, a umidade e a

⁶“Tifo é o nome genérico de várias doenças infectocontagiosas. A maior parte dessas bactérias se desenvolve num reservatório animal e é transmitida ao homem pela picada de insetos infectados. A infecção ocorre especialmente em áreas geográficas

sujeira” (ENGELS, 2008, p. 138) favorecem seu desenvolvimento. Há ainda o raquitismo⁷, que é causado em consequência da “alimentação deficiente durante o período de nascimento” (ENGELS, 2008, p. 141) decorrente da miséria em que viviam esses trabalhadores. Com o aumento da população rural vindo para as cidades em busca de trabalho, multiplicou-se cada vez mais o que Engels denominou de “bairros de má fama” (ENGELS, 2008, p. 70). De acordo com o pesquisador⁸,

na Inglaterra, esses ‘bairros de má fama’ se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; quase sempre, uma longa fila de construções de tijolos, de um ou dois andares, eventualmente com porões habitados e em geral dispostas de maneira irregular [...] normalmente constituem em toda a Inglaterra, exceto em alguns bairros de Londres, a habitação da classe operária. Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias – onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa (ENGELS, 2008, p. 70).

Devido à precária condição financeira, “o operário é constrangido a morar nessas casas já arruinadas porque não pode pagar o aluguel de

com más condições sanitárias e de higiene e com grande aglomeração de pessoas, como campos de refugiados, prisões, etc”. Disponível em <<http://goo.gl/B1kRcK>>. Acesso em: 9 março 2014.

⁷“Doença inglesa cujos sintomas incluem protuberâncias nodosas nas articulações, muito frequente entre os filhos dos operários: a formação dos ossos torna-se lenta, o desenvolvimento do esqueleto é retardado e, ao lado de afecções raquíticas habituais, são comuns deformações nas pernas e na coluna vertebral” (ENGELS, 2008, p. 141). “Doença da infância devida a deficiência de vitamina D e que se manifesta, sobretudo, por deformidades e alterações outras do esqueleto” (FERREIRA, 1999, p. 1706)

⁸No prefácio do livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2008) Friedrich Engels destaca que “durante vinte e um meses, tive a oportunidade de conhecer de perto, por observações e relações pessoais, o proletariado inglês, suas aspirações, seus sofrimentos e suas alegrias – ao mesmo tempo em que completava minhas observações recorrendo às fontes originais” (ENGELS, 2008, p. 41).

outras em melhor estado, porque não existem moradias menos ruins na vizinhança das fábricas ou porque, ainda, elas pertencem ao industrial e este só emprega os que aceitem habitá-las” (ENGELS, 2008, p. 101). Tais infraestruturas não possibilitam uma “vida familiar possível; só podem sentir-se à vontade nessas habitações indivíduos desumanizados, degradados, fisicamente doentios e intelectual e moralmente reduzidos à bestialidade” (ENGELS, 2008, p. 105).

Não há um único pai de família em cada dez, em toda a vizinhança, que tenha outras roupas além de sua roupa de trabalho, e esta rota e esfarrapada; muitos só tem à noite, como cobertas, esses mesmos farrapos e, por cama, um saco de palha e serragem (ALSTON, 1844 apud ENGELS, 2008, p. 73).

Como um grande número de trabalhadores passam por muitas privações por causa dos baixos salários, desempregos ou enfermidades, cada oportunidade para ganhar dinheiro fora do salário é aproveitada. Por isso, não é estranho o fato de “numerosas famílias, dispondo de apenas um cômodo” receberem “pensionistas e hóspedes em troca de algum dinheiro e não é raro que pensionistas e hóspedes de ambos os sexos se deitem na mesma cama que o casal” (ENGELS, 2008, p. 106). Não é difícil imaginarmos as consequências morais que acarretaram para a família, especialmente para os filhos, esse tipo de atitude que na melhor das intenções serve como um paliativo no combate à miséria.

As habitações, que no período do surgimento das fábricas eram ocupadas por um ou dois habitantes, no auge do desenvolvimento industrial passaram a ser ocupadas por cinco ou mais pessoas. Isto dificultava ainda mais o processo de manutenção, organização e limpeza desses espaços, para não mencionar a falta de tudo o que se possa imaginar como fundamental à vida de uma família. O número de moradores torna-se ainda maior quando as habitações possuem poucos metros a mais em suas estruturas “em cada uma dessas minúsculas casas (que têm quando muito, duas divisões e um sótão e, por vezes um porão), vivem em média vinte pessoas e que, em todo o bairro, para cada 120 pessoas há apenas uma instalação sanitária” (ENGELS, 2008, p. 103).

Além das enfermidades e da falta de infraestrutura, houve outros fatores que afetaram diretamente a vida da família dos trabalhadores fabris. A debilidade dos recém-nascidos cujas mães trabalhavam até a última semana de gravidez, o retorno das mães à fábrica três semanas após o parto ou mesmo antes, além da falta dos necessários cuidados com

os recém-nascidos contribuíram para a morte de centenas de crianças na faixa etária de “0 a 5 anos” (THOMPSON, 1987a, p. 195-197). Sobre esses fatos, Engels destaca que

em muitas famílias, a mulher, assim como o homem, trabalha fora de casa, do que resulta a ausência de cuidados com as crianças, que ficam trancadas nas habitações [...] não estranha, pois, que centenas dessas crianças percam a vida nos mais diversos acidentes. Em nenhum lugar como nas grandes cidades inglesas as crianças são esmagadas por cavalos ou carroças, morrem por causa de quedas, se afogam ou se queimam. Particularmente comuns são os casos de morte devido a queimaduras graves por fogo ou água fervente (ENGELS, 2008, p. 151).

Os modos de vida e de trabalho das crianças com idade a partir de 4 ou 5 anos não são nada animadores. Além das questões apontadas anteriormente, a família necessitava do ganho adquirido com o trabalho mensal desses pequenos, ou seja, “os pais não só necessitavam dos salários de seus filhos, mas também julgavam natural que eles trabalhassem” (THOMPSON, 1987a, p. 211).

Em outros casos percebe-se que esta condição está bastante arraigada em uma cultura passada de geração em geração no processo de iniciação bastante precoce da criança nas atividades domésticas, pois “a forma predominante do trabalho infantil era a doméstica ou a praticada no seio da economia familiar” (THOMPSON, 1987a, p. 203). Nas atividades culinárias do lar “as meninas ocupavam-se com o preparo do pão e da cerveja”, assim como “na agricultura, as crianças [...] trabalhavam nos campos ou na fazenda, sob qualquer condição climática” (THOMPSON, 1987a, p. 204). Os filhos dos trabalhadores que viviam no campo “cresciam respirando o ar puro do campo e, se tinham de ajudar os pais, faziam-no ocasionalmente, jamais numa jornada de oito ou doze horas” (ENGELS, 2008, p. 46).

Do campo, a cultura do trabalho infantil foi transferida para a cidade e conseqüentemente para a indústria. E, se no meio rural a criança era inserida de acordo com o seu ritmo e desenvolvimento nas atividades do lar e da agricultura, quando deparada com a realidade da cidade e do trabalho fabril, o ritmo e o desenvolvimento das crianças deixam de ser respeitados e começa a imperar então, a mesma rotina diária de desgaste físico e mental sofrido pelos pais. Nas indústrias as crianças desempenham funções e atividades que demandam um corpo e mãos pequenas, como tirar os fios que sobram das máquinas. Thompson

faz uma comparação entre o trabalho doméstico que era desenvolvido nas vilas, e o trabalho fabril, desenvolvido pelas crianças nas fábricas.

As atividades domésticas eram mais variadas (e a monotonia é particularmente cruel para a criança). Em circunstâncias normais o trabalho não se prolongava ininterruptamente, seguindo um ciclo de tarefas: mesmo as atividades uniformes, como enrolar bobinas, não ocupavam o dia inteiro, exceto em circunstâncias especiais (quando, por exemplo, uma ou duas crianças serviam a dois tecelões). Nenhuma criança tinha de pisar sobre o algodão numa tina, durante oito horas por dia, seis dias por semana. Em síntese, podemos supor que havia uma introdução gradual ao trabalho que respeitava a capacidade e a idade da criança, intercalando-o com a entrega de mensagens, a colheita de amoras, a coleta de lenhas e as brincadeiras. Acima de tudo, o trabalho era desempenhado nos limites da economia familiar, sob o cuidado dos pais (THOMPSON, 1987a, p. 205).

“Nas fábricas, a força de trabalho infantil e juvenil crescia a cada ano; em diversos dos ofícios ‘indignos’ ou relacionados com o trabalho externo, seu trabalho tornava-se mais intenso e a jornada, mais longa”. E, de fato, “houve uma intensificação drástica da exploração do trabalho das crianças entre 1780 e 1840” (THOMPSON, 1987a, p. 202).

Neste período torna-se igualmente importante a caracterização da condição de trabalho das mulheres, que além de terem rendimentos inferiores aos dos homens, sofreram na pele o processo da dupla jornada de trabalho.

Sabemos que as mulheres desempenhavam nas fábricas as mesmas funções dos homens, no entanto seus salários eram inferiores pela simples questão de gênero. Não bastasse isso, a mulher teve que enfrentar as mudanças decorrentes da migração da família para o centro urbano que acabou acarretando na distância dos espaços: casa e trabalho, antes vividos no lar.

Se, no campo, a mulher conseguia, ao mesmo tempo, cuidar da casa, dos filhos e executar algum tipo de trabalho para auxiliar nos gastos familiares, o mesmo não podia ocorrer quando esta estava trabalhando nas fábricas, pois seu dia deveria ser dedicado única e exclusivamente ao trabalho fabril.

Sobrando apenas a noite ou uma pequena parte do dia para a

mulher dedicar tempo para o cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos, houve um acúmulo de funções que acarretaram inevitavelmente em uma dupla jornada de trabalho. Ou, nas palavras de Ricardo Antunes em *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho* (2002),

a mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital (ANTUNES, 2002, p. 108).

Além desses apontamentos sobre as condições de vida da família proletária, a questão da alimentação desta também é objeto de estudo. No campo os trabalhadores tinham a possibilidade de plantar frutas, grãos e se alimentar com a carne provida dos animais que criavam, além de produzir o pão e a cerveja caseira que alimentava toda a família. “O debate sobre a dieta popular durante a Revolução Industrial, remete-nos principalmente para os cereais, carne, batatas, cerveja, açúcar e chá” (THOMPSON, 1987a, p. 179). No entanto, sabemos que não foram em todos os momentos que os trabalhadores industriais tiveram condições de consumir essa gama de produtos ou parte dela.

Houve ainda um interesse da classe dominante “em reduzir o custo da dieta dos pobres” (THOMPSON, 1987a, p. 180), de maneira que a posição social dos indivíduos era fortemente marcada pelos alimentos que consumiam. Assim, aos pobres coube a alimentação de batatas e aos ricos o pão branco. Thompson afirma que “o pão branco, consideravam-no ciosamente como símbolo de [...] status” e “as batatas suplantaram o pão” (THOMPSON, 1987a, p. 180):

...o uso da batata... permitiu, de fato, a sobrevivência dos trabalhadores com os mais baixos salários. Dessa forma, pode-se supor que a batata serviu para prolongar e estimular por mais cem anos o empobrecimento e a degradação das massas inglesas – (SALAMAN, 1949 apud THOMPSON, 1987a, p. 180).

Dois alimentos tiveram importante peso para medir os padrões de vida e materiais durante a Revolução Industrial: o “pão” e a “carne” (THOMPSON, 1987a, p. 181). O pão “era o principal índice para avaliar o padrão de vida”, enquanto que a carne “certamente serve como um sensível indicador dos padrões materiais, pois seu consumo seria um dos primeiros a crescer quando houvesse um aumento real dos

salários” (THOMPSON, 1987a, p. 181). Sobre a preferência alimentar dos trabalhadores fabris, destaca-se que

os tecelões rurais desprezavam a comida da cidade e preferiam comer ‘o que matavam com a própria faca’ – uma frase que indica a sobrevivência de uma economia baseada na criação doméstica de porcos, além da suspeita de que a carne urbana estava contaminada. Quando obrigados a comerem na cidade [...] arenque defumado e salgado, pés de carneiro e de vaca, orelhas de porco, miúdos, tripas e morcela [...] cada bocado era engolido entre penosas especulações sobre qual teria sido o quadrúpede, quando vivo, e qual a razão de seu sacrifício. Não era novidade que os habitantes das cidades estivessem sujeitos a consumirem alimentos impuros ou adulterados, mas, à medida que crescia o número de trabalhadores urbanos, o problema tornava-se mais grave (BURNETT, 1959 apud THOMPSON, 1987a, p. 182).

Se Thompson descreve a insatisfação dos trabalhadores fabris em consumir os alimentos das cidades, a realidade que Engels já nos mostrava no século XIX, não é muito diferente. Ele enfatiza a grande quantidade de produtos que eram adulterados para que pudessem se tornar mais baratos a fim de ser vendidos a preços acessíveis à massa de trabalhadores industriais.

Vende-se manteiga salgada como manteiga fresca, cobrindo-a com uma camada de manteiga fresca ou colocando à mostra uma libra de manteiga fresca para ser provada e, depois da prova, vendendo manteiga salgada ou, ainda, retirando o sal pela lavagem e apresentando-a como fresca. Ao açúcar mistura-se farinha de arroz ou outros gêneros baratos, assim vendidos a preços altos; até mesmo resíduos de sabão são misturados a outras substâncias e vendidos no açúcar. Mistura-se chicória ou outros produtos de baixo preço ao café moído; ao café não moído, dando-se-lhes formas de grãos, também se misturam outros artigos. Também é frequente misturar-se ao cacau uma finíssima terra escura que, banhada em gordura de carneiro, deixa-se

facilmente misturar-se com o cacau verdadeiro. O chá vem misturado com folhas de ameixeiras e outros vegetais, ou então folhas de chá já servidas são recuperadas, tostadas em alta temperatura sobre placas de cobre para que retomem a cor e vendidas em seguida. A pimenta é adulterada com cascas de nozes moídas etc. O vinho do Porto é literalmente falsificado (com corantes, álcool etc), uma vez que se bebe mais na Inglaterra do que todo o Porto produzido em Portugal. E o tabaco é mesclado a substâncias de toda espécie, qualquer que seja a forma sob a qual é posto à venda (ENGELS, 2008, p. 111-112).

Mesmo vivendo nas cidades e trabalhando nas indústrias, os trabalhadores não deixavam de manter as tradições das festas que eram comuns quando habitavam no meio rural. As festividades que ocorriam em algumas épocas do ano ajudavam a fortalecer os laços que eles tinham com a alimentação quando viviam no campo.

No início da Revolução Industrial, o ano de um trabalhador ainda se compunha de ciclos de grande fadiga e provisões escassas, intercalado por dias de festa, em que a bebida e a carne eram mais abundantes, as crianças ganhavam laranjas e fitas, e as danças, o namoro, as visitas sociais e os esportes envolviam o povo (THOMPSON, 1987a, p. 294).

As festividades geralmente eram realizadas pelos trabalhadores quando possuíam empregos. No entanto, os patrões admitiam e demitiam seus empregados quando queriam, de maneira que não havia nenhum tipo de garantia ou estabilidade nos postos de trabalho. O desemprego e os baixos salários impossibilitava-os de ter uma alimentação digna, e assim muitos morriam de fome. Hobsbawm nos lembra que “havia um limite fisiológico nessas reduções, caso contrário os trabalhadores morreriam de fome, como de fato aconteceu com 500 mil tecelões manuais” (HOBSBAWM, 2012, p. 79).

No período em que Engels permaneceu na Inglaterra⁹ ele destaca que “a causa direta da morte de vinte ou trinta pessoas foi a fome” e salienta que “a isso chamam os operários ingleses de assassinato

⁹Em setembro de 1844, Engels instala-se na casa paterna, dedica-se à redação d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (obra concluída em março de 1845 e publicada em Leipzig, em finais de maio), (ENGELS, 2008, p. 11).

social” (ENGELS, 2008, p. 69). Isso nos mostra as consequências geradas pelo fato de que “de todos os custos, os salários [...] eram os mais comprimíveis”(HOBSBAWM, 2012, p. 79).

Sobre a educação, no livro *A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores* (1987), Thompson nos traz informações substanciais no que se refere ao grau de instrução da classe operária no início do século XX.

É difícil formular generalizações sobre o grau de alfabetização nos primeiros anos do século. As ‘classes industriosas’, num dos extremos, incluíam um milhão ou mais de analfabetos, ou de alfabetizados cujo grau de instrução ia pouco além da capacidade de soletrar umas poucas palavras ou de escrever seus nomes. No outro extremo estavam indivíduos com realizações intelectuais consideráveis (THOMPSON, 1987b, p. 304).

Engels afirma que “os trabalhadores [...] raramente sabiam ler e, menos ainda, escrever” (ENGELS, 2008, p. 47). E, entre os indivíduos com realizações intelectuais acima da média geral estavam os artesãos, que eram um caso específico de “*élite* intelectual de classe” (THOMPSON, 1987b, p. 310). É importante destacar que não é porque os trabalhadores não conseguiam ler que eles deixavam de ter acesso aos textos que circulavam nos periódicos e nos livros, uma vez que “em períodos de fermentação política, os analfabetos pediriam aos companheiros de trabalho que lessem em voz alta; [...] lia-se o jornal nas reuniões políticas, gastava-se um tempo imenso com a leitura de discursos” (THOMPSON, 1987b, p. 305).

A carga diária de trabalho dos empregados na indústria era bastante elevada. Soma-se a isso um salário que mal dava para suprir suas necessidades básicas de alimentação, moradia e saúde, de maneira que, as “dificuldades quase esmagadoras – a falta de tempo livre, preço das velas (ou dos óculos)” (THOMPSON, 1987b, p. 305) dificultavam ainda mais o acesso do trabalhador à educação básica. E é nesse contexto que ganham importância e peso as “Sociedades Bíblicas” e as “sociedades de Escola Dominical”, como “um meio de ensinar muitas milhares de crianças a ler” (THOMPSON, 1987b, p. 308). Essas instituições tiveram um papel importante na diminuição do nível de analfabetismo entre a classe operária.

Nas primeiras décadas do século, cerca de dois em cada três operários conseguiam ler de

alguma forma, embora fossem menos os que sabiam escrever. À medida que se sentia cada vez mais o efeito das escolas dominicais e diárias, além do esforço de auto-aperfeiçoamento entre os operários trabalhadores, caía o número de analfabetos (THOMPSON, 1987b, p. 305).

Conforme destacado, o número de trabalhadores que sabia escrever era ainda menor do que a dos que sabiam ler. Para resolver, em parte, o problema da comunicação por cartas, muitas mulheres solicitavam aos “escritores de carta ‘profissionais’ que se encontravam na maioria das vilas e aldeias” (THOMPSON, 1987b, p. 309) para redigir suas correspondências.

O tema da leitura e escrita destacados por Engels e Thompson remete-nos a dois textos significativos da literatura brasileira do século XIX. Trata-se do texto autobiográfico *Como e porque sou romancista* (2005), de José de Alencar, e o romance naturalista *O cortiço* (1998), de Aluísio Azevedo.

No primeiro é possível nos depararmos com os detalhes referentes à ação e consequências da leitura em voz alta realizada por Alencar:

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu o chamado ao lugar de honra [...] era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo [...] Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição [...] Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio (ALENCAR, 2005, p. 24, 27-28).

No segundo, mais próximo ao ambiente social que estamos investigando, encontramos uma personagem bastante peculiar. Trata-se de uma jovem de dezoito anos: Pombinha. A “flor do cortiço” chama atenção por destoar física e culturalmente dos demais habitantes do lugar onde vive. “Bonita, loura, muito pálida, com uns

modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar” (AZEVEDO, 1998, p. 39).

Tendo a progenitora se sacrificado para educá-la, a moça havia tido inclusive aulas de francês. De modo que era ela a encarregada de realizar a leitura e escrita dos mais variados tipos de textos às lavadeiras e aos trabalhadores fabris:

“Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para quem quisesse ouvir” (AZEVEDO, 1998, p. 40).

De modo que além dos trabalhadores com um nível de instrução acima da média e dos escritores de cartas profissionais destacados historicamente por Engels e Thompson, é possível encontrarmos personagens representativos dessas figuras nesses dois importantes textos da literatura brasileira.

A situação da formação educacional dos trabalhadores ganhou impulso com o trabalho das “Uniãos políticas”, que se empenhavam substancialmente em montar “ ‘Sociedades de Leitura’, e nos centros maiores abriram salas de jornais ou de leituras permanentes [...] o local ficava aberto das 8 horas da manhã até às 10 horas da noite” (THOMPSON, 1987b, p. 311) e como muitos trabalhadores trabalhavam por turnos, a distância entre trabalho e educação poderia sofrer um processo de distanciamento um pouco menor.

A necessidade de saber ler e escrever estava para além da questão pessoal de aprendizagem e conhecimento, uma vez que “as exigências da própria indústria requeriam a consolidação e aperfeiçoamento” (THOMPSON, 1987b, p. 310). “Um homem não é muito útil a não ser que saiba ler e escrever; se um homem pede serviço, e diz que não sabe ler nem escrever, nada mais lhe é perguntado” (Great Britain Parliament. House of Commons. Select Committee on Artisans and Machinery, 1824 apud THOMPSON, 1987b, p. 310).

As condições e oportunidades de aprendizado, de fato, não eram fáceis. No entanto, a disciplina e a vontade de adquirir conhecimento de muitos trabalhadores, assim como o anseio de ensinar do professor conseguiram superar muitos obstáculos:

Lembro bem a primeira escola de meio período em Bingley. Era uma cabana na entrada do pátio da fábrica. O professor, um homem velho e pobre que fazia serviços avulsos e simples [...] veio ensinar os de meio-período. Mas, para que

não ensinasse demais ou para que o sistema não saísse muito caro, ele tinha de arrancar arruelas do tecido com uma marreta pesada de madeira, sobre um grande bloco de madeira, durante as horas de aula – (WOOD, 1956 apud THOMPSON, 1987b, p. 330).

Thompson destaca que esta é a “aprendizagem” nas primeiras duas décadas do século XIX em seu pior momento. Com o passar do tempo essa situação melhoraria, uma vez que seria possível “encontrar escolas melhores, fossem na aldeia, fossem patrocinadas por artesãos, onde os alunos pagariam uma pequena taxa” (THOMPSON, 1987b, p. 330). Para os trabalhadores que já possuíam uma bagagem elementar de instrução não cabiam muitas alternativas além do estudo por conta própria. Assim, era comum muitos trabalhadores desenvolverem o autodidatismo ou o “estudo solitário individual” (THOMPSON, 1987b, p. 330).

Demonstração desse fato é a venda da gramática de língua inglesa “publicada em 1818, que vendeu 13.000 exemplares em seis meses, e mais de 100.000 nos quinze anos seguintes” (THOMPSON, 1987b, p. 330). Importante lembrar que “ao traduzir as vendas (ou a circulação de periódicos) em estimativas de leitores, o mesmo livro ou jornal era emprestado, lido em voz alta e passava por muitas mãos” (THOMPSON, 1987b, p. 330) o que significa que o número de aprendizes estava muito além do apontado nas estatísticas das vendas de livros.

Além da educação, outra questão merece destaque quando o assunto é o universo fabril e sua relação com a vida do operariado industrial. Quando o artesão vivia no campo e trabalhava em oficinas ou na sua própria casa, desempenhava, em boa parte das vezes, todo o processo de elaboração do produto final. Com a mudança deles para as cidades e com a introdução das máquinas nas indústrias, o trabalho artesanal passa a sofrer drásticas modificações.

Após a criação e gradativa introdução dos teares mecânicos e das máquinas a vapor nas indústrias, o trabalho passa a ser multiplicado, uma vez que cada máquina passa a desempenhar o trabalho de vários operários em um mesmo percurso de tempo. Assim, “a divisão do trabalho multiplicou os efeitos embrutecedores do trabalho forçado. Na maior parte dos ramos da indústria, a atividade do operário reduz-se a uma miserável e mecânica manipulação, que se repete, minuto a minuto, ano a ano” (ENGELS, 2008, p. 158). Esse processo, que maximiza a produção e o lucro, torna-se bastante atrativo para os donos das indústrias, uma vez que possuem um retorno financeiro (do

investimento feito em máquinas e aluguéis das fábricas) muito mais rápido, além de poderem lucrar mais com uma produção maior feita em menor tempo. Consequência disso é um número cada vez maior de trabalhadores sendo despedidos de seus postos de trabalho, pois a máquina substitui sua mão de obra.

As consequências desse processo de mecanização industrial na vida do trabalhador não se restringem à demissão e à falta de emprego. Aos trabalhadores que ainda estão empregados a situação não é a das mais favoráveis. O constante aumento da divisão de trabalho e inserção de máquinas cada vez mais modernas e que produzem mais com menos tempo, faz com que os industriais se sintam à vontade para exigir do trabalhador um ritmo e aumento da carga horária diária de trabalho, forçando-os cumprir horas extras.

Aquela jornada tão longa de trabalho [...] não bastava à avidez dos capitalistas; era preciso obter, por quaisquer meios, o máximo retorno sobre o capital investido em máquinas e edifícios: por isso, os fabricantes introduziram o infame sistema de trabalho noturno. Em algumas fábricas, havia dois grupos de operários para operá-las continuamente: um grupo trabalhava doze horas ao dia e outro doze horas à noite [...] dela resultou, inevitavelmente, uma superexcitação nervosa e um esgotamento do corpo, que se acresceram ao enfraquecimento físico preexistente (ENGELS, 2008, p. 189).

Assim, além da divisão do trabalho, o operário viu-se cada vez mais submetido a cumprir uma jornada diária que simplesmente impossibilitava-o de desfrutar o mínimo de descanso. Trata-se de uma total desumanização do trabalhador.

A atividade do operário [...] foi levado ao extremo da monotonia. Ele não permite ao operário nenhuma possibilidade de atividade espiritual, e, no entanto, absorve-lhe a atenção a ponto de impedi-lo de pensar em qualquer outra coisa [...] sem falar na ausência da atividade intelectual (ENGELS, 2008, p. 158).

Além dessas questões, há outras consequências do acúmulo de jornada de trabalho. Trata-se das consequências degradantes para a saúde dos trabalhadores, que, submetidos a esse sistema monótono de repetição, tem sua média de vida cada vez mais reduzida. “Os homens

envelhecem prematuramente. A maior parte deles está incapacitada para o trabalho quando chega aos 40 anos; poucos se mantêm aptos até os 45 anos e quase nenhum aos 50” (ENGELS, 2008, p. 196). Além do fato de serem visivelmente distinguidos de outros trabalhadores pelas variadas formas que seus corpos vão adquirindo em decorrência de terem de permanecer muitas horas diárias nas mesmas posições. “Todos têm o mesmo aspecto: os joelhos curvados para dentro e para trás, os pés voltados para dentro, as articulações deformadas e grosseiras e, frequentemente, a coluna desviada para a frente e para o lado” bem como “os pés chatos” (ENGELS, 2008, p. 191).

Conjugado a esse perfil de alterações físicas visualmente perceptíveis, há igualmente as consequências que não podem ser visualizadas, mas inevitavelmente sentidas, como as “dores constantes nas costas, quadris e pernas, tornozelos inchados, ulcerações nas coxas e na panturrilha” (ENGELS, 2008, p. 191). Não é de se espantar que, os trabalhadores fabris, perante essas condições, se tornem “pálidos e emaciados” além de alimentar, cada vez mais, “um estado depressivo geral” (ENGELS, 2008, p. 193).

Se somarmos as consequências do trabalho monótono e repetitivo, a pressão psicológica para maximizar a produção e uma falta de tempo mínimo para o descanso teremos como consequência um grande número de trabalhadores sofrendo acidentes com as máquinas.

O trabalho em meio às máquinas está sujeito a numerosos acidentes mais ou menos graves, cuja consequência é a incapacidade parcial ou total do operário para o seu trabalho. Muito frequente é o esmagamento de uma falange ou mesmo de um dedo; menos comum, mas ocorrente, é a metade da mão, a própria mão¹⁰ ou um braço ficarem presos nas engrenagens e serem esmagados. De tais acidentes, mesmo os menos graves, geralmente resulta o tétano, que provoca a morte (ENGELS, 2008, p. 201).

Na idade da máquina, a mão teria, por acaso perdido as finíssimas articulações com que se casava as saliências e reentrâncias da matéria?

¹⁰No livro *Crônicas da vida operária* (2006) de Roniwalter Jatobá encontramos um texto denominado “A mão esquerda”. Através dessa leitura, podemos ter uma noção do processo de mutilação física sofrida pelo trabalhador fabril enquanto opera seu instrumento de trabalho: a prensa.

O artesanato, por força recua ou decai, e as mãos manobram nas linhas de montagem à distância de seus produtos. Pressionam botões, acionam manivelas, ligam e desligam chaves, puxam e empurram alavancas, controlam painéis, cedendo à máquina tarefas que outrora lhes cabiam. A máquina, dócil e por isso violenta, cumpre exata o que lhe mandam fazer; mas, se poupa o músculo do operário, também sabe cobrar exigindo que vele junto a ela sem sessar: se não, decepa dedos distraídos (BOSI, 1987, p. 70-71).

Além de toda essa degradação física, há também uma “degradação moral” (ENGELS, 2008, p. 213). Percebemos que esta se apresenta de diferentes maneiras. Há a degradação moral sofrida pelas mulheres, principalmente as jovens que se veem submetidas ao assédio sexual do patrão, uma vez que “o industrial é o senhor do corpo e dos encantos de suas operárias. A ameaça de demissão é uma razão suficiente em 90%, senão em 99% dos casos para anular qualquer resistência das jovens” (ENGELS, 2008, p. 186). As operárias não têm muita escolha, uma vez que não possuem instrução ou escolaridade para poder ocupar melhores cargos de trabalho onde o assédio moral não seja imperativo e constante. E, se algumas delas optam por se submeter a essas condições, outras preferem trabalhar nas ruas como prostitutas.

A degradação moral não se limita às mulheres, mas aos operários de maneira geral. Comuns são as multas cobradas dos trabalhadores por motivos irrisórios. Fica muito claro que os deveres dos operários devem ser cumpridos à risca, caso contrário são severamente punidos. No entanto, o mesmo não cabe para os donos das indústrias que não estão nem um pouco preocupados em cumprir o mínimo de suas obrigações. Isso pode ser visto em algumas das “cláusulas dos regulamentos das fábricas” (ENGELS, 2008, p. 214) que supõe, entre outras coisas, as multas que devem ser pagas pelos trabalhadores como forma de punição. “Qualquer operário que for surpreendido conversando com outro, cantando ou assoviando pagará multa [...] a mesma multa será devida por quem se ausentar de seu posto durante o trabalho” (ENGELS, 2008, p. 214). Além do fato de que “nenhum tecelão tem o direito de deixar o emprego sem aviso prévio de pelo menos uma semana; o industrial – por mau trabalho ou má conduta – pode dispensar o tecelão sem qualquer tipo de aviso prévio” (ENGELS, 2008, p. 214). Além disso, os operários são responsáveis diretos pelos objetos utilizados e pelo ambiente físico que ocupam durante o trabalho, uma vez que “qualquer lançadeira, escova, galheta, roda,

janela etc. quebrada será paga pelo tecelão” (ENGELS, 2008, p. 214).

Encontramos a recriação dessa realidade na narrativa francesa *Germinal* (1885), de Émile Zola. Embora os trabalhadores descritos sejam mineiros e não fabris, muitas características apontadas nessa pesquisa coincidem com o cenário dos trabalhadores dessas minas. De modo que a miséria nas moradias, na alimentação, vestimenta, falta de instrução, higiene, promiscuidade, acidentes de trabalho e descaso dos patrões em relação aos funcionários se fazem notar visivelmente nos seus modos de vida e de trabalho.

A literatura inglesa não passa despercebida em relação às críticas que faz. *Tempos difíceis* (1854), de Charles Dickens, é exemplo cabal disso. Especificamente nos chama a atenção o modo como nos é apresentado o comportamento dos indivíduos da sociedade moderna em termos de frieza e indiferença. A extrema valorização do cálculo, dos números e tudo o que é exato não apenas nas matérias escolares mas também na vida e nas práticas sociais dos indivíduos fazem perceber que qualquer pergunta, resposta, ação ou entretenimento que se incline à criatividade, imaginação, flexibilidade ou solidariedade são taxadas como sinônimo de fracasso, fraqueza, ignorância e incompetência.

Percebemos que muitos temas estão envolvidos quando nos propomos a pensar os modos de vida e de trabalho dos trabalhadores fabris da Inglaterra. O objetivo deste capítulo foi destacar aquilo que julgamos serem os aspectos principais dos modos de vida e de trabalho dos trabalhadores nos primeiros tempos da Revolução Industrial.

No próximo capítulo, intitulado *Contexto histórico da década de 70 no Brasil*, lançaremos nosso olhar sobre a década de 1970, observando principalmente a questão da ditadura e o universo do trabalhador fabril no Brasil. E se, à primeira vista, as informações contidas no primeiro capítulo parecem desconexas e sem relações com o segundo, uma vez que tratam de épocas e países distintos, será possível verificarmos, entre outras coisas, que a questão que norteia o universo do trabalhador industrial não se restringe apenas a uma época e país específicos.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA DÉCADA DE 70 NO BRASIL

Restringir esse capítulo ao contexto histórico da década de 70 no Brasil, já à primeira vista nos deixa a impressão de direcionar esse trabalho no sentido de verticalizar e conseqüentemente priorizar determinado período histórico em decorrência de outros. E é justamente esse um dos objetivos principais aqui. No entanto, merece destaque o fato de que, mesmo restringindo a pesquisa a essa década especificamente, muitos são os temas envolvidos quando se fala em um contexto histórico determinado, como: comportamento, política, religiosidade, artes, moda, economia, entre outras, para citar apenas alguns exemplos.

Nosso objetivo, nas páginas que seguem, é investigar o Brasil da década de 70, tendo como base os períodos de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979). No decorrer das leituras foi possível percebermos que há muitas outras questões envolvidas em um determinado período histórico. Questões como: relações nacionais e internacionais, acordos, leis, viagens, reuniões, organizações, posicionamentos, modos de vida e de trabalho de diversas classes sociais, ditadura e a repressão são alguns dos temas abordados por diversos historiadores do período.

Como nossa pesquisa não tem como foco dar conta desse todo, mas restringir o olhar principalmente sobre o universo do trabalhador industrial (seus modos de vida e de trabalho), bem como sobre a ditadura militar, procuraremos refletir sobre essas duas questões que acabam por se entrelaçar na década de 1970.

A ideia não é fazer um estudo generalizado e superficial sobre este período, mas trazer à tona algumas informações importantes sobre esse momento histórico à luz do que foi a ditadura dos anos 70 e o que esse período significou para os trabalhadores assalariados, principalmente os trabalhadores fabris.

Para podermos tecer uma linha de raciocínio sobre essas duas questões, tomaremos como base as contribuições teóricas de três grandes estudiosos e pesquisadores quando o assunto é história do Brasil. Trata-se de Thomas Skidmore¹, Boris Fausto² e Evaldo Vieira³.

¹Professor de História da América Latina e ex-diretor de Estudos Ibero-Americanos na Universidade de Wisconsin, Madison.

²Bacharel em direito, cientista político e renomado historiador brasileiro com vários livros publicados. É professor aposentado na Universidade de São Paulo.

³Além de cientista político com formação na área jurídica e Letras, é também professor na Universidade de São Paulo.

3.1 PERÍODO MÉDICI (1969-1974)

Nas páginas que seguem destacaremos algumas questões referentes ao período Emílio Garrastazu Médici⁴. Nessa época houve muitas oscilações nas ações do presidente, tanto para o que de fato contribuiu para a melhoria do país, (especificamente no que se refere a um desenvolvimento acelerado da economia) quanto à perda dos direitos humanos (traduzido por meio do regime militar, pela censura e pelas desigualdades sociais).

Dentre os muitos aspectos desta fase, merece destaque as considerações feitas pelos historiadores Thomas Skidmore e Boris Fausto. O primeiro afirma que o Brasil dessa época estava submetido ao “governo mais autoritário [...] e mais repressivo [...] na memória do povo brasileiro” (SKIDMORE, 1988, p. 233-262). O segundo fala em “um dos períodos mais repressivos, se não o mais repressivo, da história brasileira” (FAUSTO, 2010, p. 483), uma vez que eram comuns as ações com “choques elétricos, surras, quase afogamentos, execuções simuladas e acompanhamento forçado da tortura de amigos ou membros [...] (da família)” (SKIDMORE, 1988, p. 239). Além de Skidmore, Vieira também traz informações sobre como funcionava o esquema de repressão durante a gestão de 1969-1974.

As operações repressivas tomavam a mais variada forma, indo desde a busca e detenção de muitas pessoas desarmadas, até o uso de tortura para chegar a informações desejadas. [...] Casas eram invadidas e vistoriadas, em busca de alguma coisa comprometedora, se isto significava alguma oposição ao governo. Pessoas sem documentos eram tachadas, no mínimo de suspeitas e em geral detidas. A repressão política [...] estendeu-se pelas cidades e pelos campos do Brasil. [...] Os brasileiros viveram então, quase sempre, a tortura da suspeita [...]. Os banidos do Brasil igualmente mantinham silêncio, porque suas declarações não podiam ser publicadas. Mas o silêncio vinha também em virtude da desordem mental de alguns deles. Afinal, os maus-tratos físico e mentais deixaram

⁴“Elevou-se ao cargo de Presidente da República em 30 de outubro de 1969 [...] transferindo a Ernesto Geisel a Presidência da República em 15 de março de 1974” (VIEIRA, 1985, p. 30-31).

marcas definitivas⁵ (VIEIRA, 1985, p. 34,36-37)

Skidmore dá detalhes sobre o sistema de repressão e tortura brasileiro, no qual operavam três tipos de especialistas: os primeiros eram “os torturadores” (SKIDMORE, 1988, p. 258) que aplicavam choques elétricos, espancamentos, quase afogamentos na combinação certa, para arrancarem confissões; os segundos eram “os analistas” (SKIDMORE, 1988, p. 258) que recebiam informações sobre a última sessão de tortura e as comparavam com dados anteriores, para indicarem o que mais a vítima poderia saber; e o terceiro grupo de especialistas eram os médicos, que examinavam o estado físico das vítimas, para informarem até que ponto resistiriam a novas torturas se continuassem de boca fechada.

O “aparato repressivo” se tratava “de um instrumento poderoso, com a mais recente tecnologia – sistemas de comunicação por microondas, listas de suspeitos preparadas por computador e gravadores para registrar conversas telefônicas grampeadas” (SKIDMORE, 1988, p. 259).

Nesse período ditatorial havia uma grande vigilância em todos os lugares, uma vez que “para mentes obcecadas pela segurança, não havia fatos sem relação: todos eram pistas para tramas da oposição” (SKIDMORE, 1988, p. 261). Assim, um grande aparato de segurança observava “todas as fontes de possível oposição” como: “salas de aula das universidades, sedes de sindicatos, seminários, associações de advogados, escolas secundárias e grupos religiosos” (SKIDMORE, 1988, p. 261). Todo esse clima de tensão e espionagem fez com que os brasileiros se sentissem ameaçados e amedrontados.

Além da tortura física e da vigilância constante por parte dos militares para com a população, outro meio utilizado para a repressão foi “a censura”, pois a polícia “passou a mandar suas ordens de censura aos editores, por telefone ou por escrito” (SKIDMORE, 1988, p. 266-267).

Os assuntos geralmente proibidos eram atividades políticas estudantis, movimentos trabalhistas, pessoas privadas dos seus direitos políticos e más notícias sobre a economia. As notícias mais sensíveis eram sobre os militares – o que quer que pudesse causar dissensão nas forças armadas ou tensão entre os militares e o público (SKIDMORE, 1988, p. 267).

⁵Vieira nos mostra com palavras nesses trechos o que pode ser detalhadamente visto em imagens e sons. Quatro filmes nos dão uma ideia sobre o que foi a repressão e a ditadura na década de 70 no Brasil. São eles: *Pra frente Brasil* (1982), *Nunca fomos tão felizes* (1984), *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006) e *Batismo de sangue* (2007).

A população não tinha liberdade de acesso às informações contidas na “televisão e (no) rádio”, uma vez que tais “meios de comunicação eram um campo de batalha para os censores” (SKIDMORE, 1988, p. 268).

E também aqui o governo ditava o que podia e o que não podia ser transmitido. Eram especialmente controladas as músicas de certos compositores-cantores, como Francisco Buarque de Holanda, Gilberto Gil e Caetano Veloso, estes dois últimos viveram no exterior no período Médici (SKIDMORE, 1988, p. 268).

Apesar da falta de liberdade, nas décadas de 60 e 70 haveria uma popularização do consumo, incentivada pelos meios de comunicação como a televisão, jornal, rádio, entre outros, tomaram conta do sentido simbólico das populações urbanas, promovendo o consumo em massa e alterando os hábitos e costumes, fenômeno conhecido como modernização massificadora (FONSECA, 2001, p. 126).

Skidmore destaca que “o autoritarismo brasileiro tornara tanto as instituições não elitistas quanto as elitistas da sociedade civil incapazes de ação autônoma importante. Seu medo e imobilidade refletiam o tipo de Brasil que os linhas-duras se esforçaram por criar” (SKIDMORE, 1988, p. 356).

No que se refere às universidades, nessa época fez-se investimentos na “educação superior”, o que significou um “maior número de vagas” e a “contratação de mais professores” (SKIDMORE, 1988, p. 282). Soma-se a isso “o rápido desenvolvimento econômico (que) levou ao paraíso os brasileiros situados no vértice da pirâmide salarial – os profissionais, os tecnocratas, os administradores de empresa” (SKIDMORE, 1988, p. 215).

O “*boom* econômico” também resultou em “altos salários para profissionais” (SKIDMORE, 1988, p. 282). Os homens de negócio estavam ganhando com esse grande desenvolvimento econômico, uma vez que “de meados até o fim dos anos 70 os salários dos executivos brasileiros se achavam entre os mais altos do mundo” (HOWE, 1974b apud SKIDMORE, 1988, p. 355). Além dos executivos, “os empregos em áreas como administração de empresas e publicidade (também) valorizavam-se ao máximo” (FAUSTO, 2010, p. 487).

O “desenvolvimento acelerado” era a meta principal do governo, mesmo que isso significasse um agravante na “desigualdade de poder de compra entre setores sociais” (SKIDMORE, 1988, p. 284-285). O crescimento econômico do Brasil

apresentava a mais alta taxa sustentada desde os anos 50. O PIB⁶ subiu à média anual de 10,9 por cento em 1968 a 1974. O setor líder foi a indústria, com 12,6 por cento ao ano [...] o setor industrial mais dinâmico foi o de veículos motorizados, que cresceu à taxa anual de 34,5 por cento. Dessa produção, que atingiu o total anual, em 1969, de 354.000 unidades, 67 por cento eram carros de passageiros, o resto caminhões e ônibus [...] A performance mais modesta foi a da agricultura, com a média de 5,2 por cento (SKIDMORE, 1988, p. 276-277).

No entanto, a situação do desenvolvimento da economia não era vivida por todos os cidadãos, uma vez que “milhões de brasileiros não sentiram qualquer melhoria em sua condição de vida” (SKIDMORE, 1988, p. 216), ou, nas palavras de Evaldo Vieira, “a condição dos assalariados praticamente não sofria qualquer modificação para melhor” (VIEIRA, 1985, p. 33). Para mostrar isso Vieira faz uma relação do número de horas que o trabalhador tinha que cumprir em 1969 e em 1973 para poder ter condições de comprar “os alimentos mínimos” (VIEIRA, 1985, p. 38) necessários à sua subsistência.

Analisando-se o tempo de trabalho necessário para a compra de alimentos mínimos conforme o Decreto-Lei n° 399⁷ de 1938, constatam-se muitas dificuldades dos assalariados. Em 1969 eram necessárias 110 horas e 23 minutos, a fim de comprar-se a alimentação mínima, de acordo com o citado Decreto-Lei. Em 1973 eram necessárias 147 horas e 4 minutos para adquirir-se a mesma alimentação (VIEIRA, 1985, p. 39).

Além da grande dificuldade de sobrevivência enfrentada pela população, nos casos dos trabalhadores com “baixa qualificação” a renda era ainda mais comprimida (FAUSTO, 2010, p. 487). Soma-se a isso a falta de investimentos do governo em políticas sociais com foco na população mais carente, que acabou favorecendo e incentivando significativamente apenas uma pequena porcentagem da população que se encontrava no topo da pirâmide econômica do país. É a questão da desigualdade social:

⁶O Produto Interno Bruto, ou o PIB, informa sobre a renda total do país e a totalidade de despesas feitas na produção de bens e serviços (MANKIW, 1998, p. 13)

⁷Essa lei aborda diversas questões no que se refere ao salário mínimo, como por exemplo: do conceito do salário mínimo (capítulo I) e da fixação do salário mínimo (capítulo VI). Para mais detalhes verificar em: <<http://goo.gl/782Bom>>.

O censo de 1970 apontara o aumento na desigualdade de renda, sendo conhecidos numerosos estudos – muitos deles produzidos pelo próprio governo – mostrando a enorme necessidade de mais investimentos em saúde, educação, saneamento e habitação. Enquanto os executivos brasileiros ganhavam salários dos mais altos do mundo, as crianças das favelas paulistas corriam riscos cada vez maiores de doença ou morte (CAMARGO et al., 1976 apud SKIDMORE, 1988, p. 631).

Observa-se que “as classes trabalhadoras contavam pouco em termos de força coletiva”. Seus sindicatos eram bastante vigiados, “as tentativas de protestos espontâneos [...] eram facilmente esmagadas e limitavam-se a ações ocasionais” (SKIDMORE, 1988, p. 283), o que dificultava ainda mais qualquer possibilidade de reivindicações de seus direitos. No que se refere ao ramo industrial, Vieira destaca:

o crescimento econômico do país repousava, em grande parte, no desempenho do setor industrial. Mas não foi apenas e principalmente o parque industrial que se responsabilizou pelo crescimento do Produto Interno Bruto. Houve também aumento do total de investimentos estrangeiros [...] no Brasil (VIEIRA, 1985, p. 38).

Em concordância com estes dados, “um dos setores mais importantes do investimento estrangeiro foi o da indústria automobilística, que liderou o crescimento industrial com taxas acima de 30%”. E dentre as empresas estrangeiras que se sentiram atraídas a investir seus capitais no Brasil, podemos destacar a “General Motors, Ford e [...] Chrysler” (FAUSTO, 2010, p. 485).

Corroborando com essas informações, Silmara Cristiane Fonseca destaca que

muitas empresas do setor mecânico instalaram-se na região do ABCD [...] Empresas como a Mercedes-Benz, Ford passou a atuar na produção de automóveis, dinamizando o setor metalúrgico e mecânico, atraindo diversos investimentos, principalmente no setor de autopeças (FONSECA, 2001, p. 122-123).

Se, por um lado, a administração governamental receberia destaque pelo grande investimento no desenvolvimento nas indústrias,

por outro lado deixaria a desejar no que se refere aos investimentos mais elementares de que necessita uma população. Haveria assim uma

desproporção entre o avanço econômico e o retardamento ou mesmo o abandono dos programas sociais pelo Estado. O Brasil iria se notabilizar no contexto mundial por uma posição relativamente destacada pelo seu potencial industrial e por indicadores muito baixos de saúde, educação e habitação, que medem a qualidade de vida de um povo (FAUSTO, 2010, p. 487).

Fausto resume muito bem essas questões de desigualdades sociais e de investimentos quando afirma que “o ‘capitalismo selvagem’ caracterizou aqueles anos e os seguintes, com seus imensos projetos que não consideravam nem a natureza nem as populações locais” (FAUSTO, 2010, p. 487).

3.2 PERÍODO GEISEL (1974-1979)

Um dos objetivos do governo do general Ernesto Geisel⁸ era “liberalizar o regime autoritário” (SKIDMORE, 1988, p. 322) que havia herdado do governo Médici. Mas, apesar da vontade do presidente, e “das promessas feitas extraoficialmente pelo governo” (HOWE, 1974a apud SKIDMORE, 1988, p. 330) de que “a censura seria abrandada; as forças de segurança, postas sob controle” (SKIDMORE, 1988, p. 330) as torturas e as censuras prosseguiram, de maneira que “o aparato de segurança continuava em plena atividade” (SKIDMORE, 1988, p. 334) ou nos termos descritos por Fausto “continuava [...] a prática da tortura, acrescida do recurso ao ‘desaparecimento’ de pessoas mortas pela repressão” (FAUSTO, 2010, p. 491).

Vieira também é claro ao expor que “Geisel continuou com a repressão, apresentando-a sob a forma de ‘combate perseverante, rigoroso mas sem excessos condenáveis, duro porém sem violências inúteis’” (VIEIRA, 1985, p. 42).

Houve um movimento desse governo para diminuir a censura em um dos jornais. “O governo [...] suspendeu a censura prévia em *O Estado de São Paulo*, pouco antes das comemorações do centenário do jornal”(HOWE, 1975 apud SKIDMORE, 1988, p. 340). No entanto, este

⁸Período de Governo: 15/03/1974 a 15/03/1979. Disponível em: <<http://goo.gl/udDMX0>>. Acesso em: 1 setembro 2014.

foi um caso isolado, uma vez que outros jornais e revistas⁹ continuaram tendo suas publicações previamente censuradas.

O governo Geisel mostrava-se mais flexível às reivindicações e à mudança em relação ao governo extremamente inflexível herdado de Médici. Os executivos sentiam-se mais seguros em emitir suas opiniões ao presidente devido à “censura atenuada e a atmosfera menos carregada” (SKIDMORE, 1988, p. 392). E, embora seus salários fossem um dos maiores do mundo, eles almejavam mais autonomia no setor empresarial, uma vez que eles “dependiam do governo praticamente para tudo – crédito, licença de importação, controle de preços, fixação de salários, avaliação de impostos, compras governamentais, para citar apenas alguns itens” (SKIDMORE, 1988, p. 392).

Severo Gomes¹⁰ afirmava que “as políticas governamentais haviam indevidamente favorecido os investidores estrangeiros” (SKIDMORE, 1988, p. 393). Essas ações vão de acordo com a concepção de que “o ‘sacrifício’ de empresas brasileiras é encarado pelos governantes como um resultado inevitável do confronto entre diferentes mentalidades empresariais e capacidades técnicas de organizações” (IANNI, 1968, p. 195). Esse é um processo que se mostrava no “governo inaugurado [...] (em) 1964” (IANNI, 1968, p. 195) que tinha como objetivo fazer com que o Brasil substituísse

o “complexo de inferioridade”, inerente ao nacionalismo, por um “complexo de superioridade”, inerente à formulação oficial da doutrina da interdependência. Por isso, a cooperação e a competição externas passam a ser variáveis naturais e desejadas na política econômica governamental (IANNI, 1968, p. 195).

Se por um lado os empresários não estavam satisfeitos com o excessivo domínio do estado em suas questões empresariais e administrativas, a situação não estava muito diferente para a classe dos trabalhadores fabris que dependiam de seus salários para sobreviver, sustentar ou auxiliar seus familiares nas suas necessidades mais elementares como alimentação, moradia, saúde e educação.

De acordo com Fonseca:

⁹“Veja, *O Estado de São Paulo, Pasquim, Opinião e Tribuna da Imprensa*” (SKIDMORE, 1988, p. 341).

¹⁰Severo Fagundes Gomes foi um grande empresário brasileiro, que sempre defendeu o empresariado nacional e os direitos humanos, a despeito de ter sido ministro de dois governos militares – o do marechal Castelo Branco e o do general Geisel. Disponível em: <<http://goo.gl/xUcr9O>>. Acesso em: 27 março 2014.

A expansão industrial e o pós-guerra intensificaram o movimento de migração interna no país, atraindo inúmeras pessoas, vindas do interior do estado e das regiões norte e nordeste do país para o sudeste. Fugindo da seca e da fome vinham para os centros urbanos em busca de trabalho, onde eram rapidamente absorvidos, pois a indústria necessitava de mão-de-obra [...] A mutilação devido à falta de equipamento de segurança no local de trabalho ocorria com frequência, sem falar na falta de preparação do funcionário em manusear o maquinário e as próprias ferramentas [...] muitos dos acidentes aconteciam devido à falta de conhecimento, a longas horas na jornada de trabalho e ao não preparo para utilizar os equipamentos e ferramentas, pois muitos eram contratados sem qualquer tipo de qualificação (FONSECA, 2001, p. 124,136).

A classe trabalhadora não possui nada além de sua força de trabalho, e ela é caracterizada por Ricardo Antunes em *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (2002) como a “classe-que-vive-do-trabalho”¹¹. Assim, a única alternativa que ela tem é reivindicar um salário¹² minimamente justo e que satisfaça também minimamente as suas necessidades básicas e sociais primordiais. E sobre o provável número de operários e sua relação com as empresas, observa-se que

a grande concentração de trabalhadores em um pequeno número de empresas e a concentração geográfica no ABC paulista¹³ foram fatores materiais importantes para a organização do novo movimento operário. Por exemplo, em 1978 existiam em São Bernardo em torno de 125 mil operários na indústria mecânico-metalúrgica, com forte predominância da indústria

¹¹“A classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora, hoje inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho” (ANTUNES, 2002, p. 102).

¹²“Uma noção ampliada da classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital” (ANTUNES, 2002, p. 102).

¹³“Fazem parte da região do Grande ABC, sete municípios: Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul” (RODRIGUES; RAMALHO, 2007, p. 16).

automobilística; deste total, 67,2% se concentravam em empresas com mais de 1 mil operários (FAUSTO, 2010, p. 499).

Perla Draghichevich também destaca que “a aglomeração da população trabalhadora no grande ABC favoreceu a organização das reivindicações” (DRAGHICHEVICH, 2001, p. 186). Em 1968 o máximo que os trabalhadores metalúrgicos podiam conseguir eram “movimentos reivindicatórios durante os quais diminuía o ritmo de trabalho”¹⁴, uma vez que essa ação “não representava desafio direto às forças de segurança” (SKIDMORE, 1988, p. 397). Como havia “a presença repressiva do regime, através do Ministério do Trabalho, da polícia e dos militares” a liderança sindical “não tinha outra alternativa a não ser trabalhar dentro da estrutura existente” (SKIDMORE, 1988, p. 397). Mas apesar das dificuldades,

alguns sindicatos liderados com competência obtiveram concessões no que se refere a benefícios adicionais ou a remuneração igual para os recém-contratados. Conseguiram também impor suas reivindicações sobre outras regras, como as cláusulas especiais dispendo sobre o trabalho da mulher grávida (SKIDMORE, 1988, p. 398).

Skidmore destaca que “outra questão que especialmente irritava os trabalhadores era o fato de o governo não compensar plenamente a inflação quando fixava os novos índices do salário mínimo” (SKIDMORE, 1988, p. 399). Soma-se a isso a questão de que “a indexação anual dos salários, isto é, a sua correção apenas de ano em ano, contribuía para agravar o descontentamento dos assalariados” (FAUSTO, 2010, p. 498). No governo Médici registrou-se “uma taxa de inflação (de) 13 por cento [...] embora fontes não governamentais a situassem em 20-25 por cento” (SKIDMORE, 1988, p. 399).

¹⁴“O sistema industrial japonês, a partir dos anos 70, teve grande impacto no mundo ocidental. [...] Na indústria automobilística taylorista e fordista [...] era necessário racionalizar ao máximo as operações realizadas pelos trabalhadores, combatendo o “desperdício” na produção, reduzindo o tempo e aumentando o ritmo de trabalho. [...] Esse padrão produtivo estruturou-se com base no trabalho parcelar e fragmentado, na decomposição de tarefas, que reduzia a ação operária a um conjunto repetitivo de atividades cuja somatória resultava no trabalho coletivo produtor dos veículos. [...] Uma linha rígida de produção articulava os diferentes trabalhos, tecendo vínculos entre as ações individuais das quais a esteira fazia as interligações, dando o ritmo e o tempo necessário para a realização das tarefas” (ANTUNES, 2002, p. 53-36-37).

Em agosto de 1977, o governo admitiu que tinham sido manipulados os índices oficiais de inflação referentes a 1973 e 1974. Como eles regulavam os índices de reajuste salarial, verificou-se que os assalariados haviam perdido 31,4% de seu salário real naqueles anos. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema iniciou uma campanha para a correção dos salários. Essa campanha abriu caminho para as grandes greves de 1978 e 1979, que reuniram milhões de trabalhadores [...] os metalúrgicos de São Bernardo estiveram à frente dos movimentos, que abrangeram também outros setores (FAUSTO, 2010, p. 499).

Perante a essa situação,

a primeira ação em larga escala empreendida pelos trabalhadores do governo Geisel começou em maio de 1978 com uma greve [...] 2500 metalúrgicos da fábrica de caminhões e ônibus Saab-Scania no subúrbio industrial paulista de São Bernardo do Campo bateram o relógio de ponto, assumiram seus postos, cruzaram os braços, sentaram-se e recusaram-se a ligar as máquinas (SKIDMORE, 1988, p. 400).

O movimento dos trabalhadores em prol da conquista de seus direitos não tardou a ser imitado.

Dentro de dez dias 90 empresas da Grande São Paulo entraram em greve, paralisando 500.000 empregados, os quais, dada a posição 'liberal' do governo, ficaram em situação favorável. Com a decisão dos empregadores de negociar diretamente, os metalúrgicos receberam um aumento extra de 11 por cento (havia pedido 34 por cento) para ajustar seu salário base de modo a compensar a inflação subestimada no passado (SKIDMORE, 1988, p. 400).

As greves tinham por objetivo diversas reivindicações, entre elas: “aumento de salários, garantia de emprego, reconhecimento das comissões de fábrica, liberdades democráticas” (FAUSTO, 2010, p. 500). Embora a grande concentração de trabalhadores em uma mesma fábrica possa ser um fator positivo quando se tem em mente a reivindicação por direitos, ela não é suficiente se não houver independência e organização.

O sindicalismo do ABC nasceu e cresceu com marcas próprias. As mais importantes são a maior independência em relação ao Estado, (além do) elevado índice de organização – por volta de 1978, 43% dos operários eram sindicalizados (FAUSTO, 2010, p. 500).

As diversas greves ocorridas no período não passariam despercebidas pelos meios de comunicação, pois a greve na indústria automobilística, e em especial a subsequente negociação direta, foram fartamente noticiadas na imprensa.

Alguns jornais descreveram o movimento como a resposta dos trabalhadores à prometida liberalização do presidente Geisel. As afirmações da imprensa “lembravam que quanto mais o governo se aproximava da redemocratização tanto mais se impunha o processo de negociação entre capital e trabalho” (SKIDMORE, 1988, p. 401).

No fim do governo Geisel em 1978, “os comentaristas econômicos começaram a fazer o balanço de suas realizações” (SKIDMORE, 1988, p. 401). Apesar de em “1978, pela primeira vez, mais da metade das exportações brasileiras eram de produtos industrializados” (SKIDMORE, 1988, p. 403), em contrapartida,

os juros crescentes [...] empurraram muitas empresas brasileiras contra a parede, as quais se sentiam em grande desvantagem face às multinacionais que tinham acesso ao capital de suas matrizes americanas ou europeias. O governo brasileiro procurou compensar esta desvantagem de que se queixavam os homens de negócios brasileiros aumentando a disponibilidade de crédito para as suas firmas (SKIDMORE, 1988, p. 405).

No âmbito social, no fim desse período houve uma certa diminuição da repressão:

A mudança mais importante foi a abolição do AI-5¹⁵, extinguindo conseqüentemente a

¹⁵O Ato institucional nº 5, AI-5, ao contrário dos atos anteriores, não tinha prazo de vigência e não era, pois, uma medida excepcional transitória. Ele durou até o início de 1979. [...] O presidente da república voltou a ter poderes para fechar provisoriamente o Congresso. Podia além disso intervir nos Estados e municípios, nomeando interventores. Restabeleciam-se os poderes presidenciais para cassar mandatos e suspender direitos políticos, assim como para demitir ou aposentar servidores públicos. [...] Pelo AI-5 ficou suspensa a garantia de *habeas corpus* aos acusados. [...] A partir do AI-5 [...] estabeleceu-se na prática a censura aos meios de

autoridade presidencial de declarar o Congresso em recesso, cassar parlamentares ou privar os cidadãos de seus direitos políticos. O *habeas corpus* foi restabelecido para as pessoas detidas por motivos políticos, a censura prévia suspensa para o rádio e a televisão e as penas de morte e prisão perpétuas abolidas¹⁶ (SKIDMORE, 1988, p. 396).

De maneira que “criou-se a partir de 1979 uma situação em que os cidadãos podiam voltar a manifestar-se com relativa liberdade, em que os controles à imprensa haviam desaparecido” (FAUSTO, 2010, p. 494).

comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo. [...] O regime parecia incapaz de ceder a pressões sociais e de se reformar. Pelo contrário, seguia cada vez mais o curso de uma ditadura brutal (FAUSTO, 2010, p. 480).

¹⁶Fausto também menciona essas conquistas em seu livro *História do Brasil*.

4 UMA LEITURA DOS MODOS DE VIDA E DO TRABALHO FABRIL NO ROMANCE *DE MIM JÁ NEM SE LEMBRA*, DE LUIZ RUFFATO

O autor é natural de Cataguases, interior de Minas Gerais. Filho de um pipoqueiro semianalfabeto e de uma dona de casa analfabeta que sempre lavou trouxas de roupas para ajudar no sustento da casa e da família, Luiz Ruffato soube desde muito cedo o que era “ganhar o pão com o suor de seu trabalho”.

De acordo com Adeldo Rodrigues Gonçalves¹ – no texto *Um romance (?) da cidade-monstro* – para sobreviver, o escritor exerceu várias atividades profissionais: já foi, nesta ordem, vendedor ambulante de pipocas como o pai, caixeiro de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro-mecânico, jornalista, sócio de uma empresa de assessoria de imprensa, gerente de lanchonete, vendedor autônomo de livros e, novamente, jornalista, profissão que exerceu até 2003 em São Paulo, onde mora desde 1990. Desde então, procura se afirmar como escritor profissional².

Um de seus romances mais conhecidos é *Eles eram muitos cavalos*, em que o autor relata a realidade dos modos de vida e de trabalho vividos diariamente pelos indivíduos das mais variadas classes sociais, especialmente pelos menos favorecidos, o qual teve sua primeira edição no ano de 2001 pela editora Boitempo, de São Paulo.

O título dessa narrativa direta ou indiretamente aponta para o conteúdo e sobre a organização do livro propriamente dito. Concordando com a observação de Fanny Abramovich³, o título *Eles eram muitos cavalos* (2007) sugere a ideia de que as palavras “cavalgam, galopam, numa linguagem ousada, desabusada”⁴. Isso se confirma pelo fato de que propositalmente não existe uma ordem, tampouco uma organização nesse romance, e isso é possível de ser verificado, por exemplo, na maneira que as palavras são escritas. De modo que tal estratégia faz com que apoiemos a afirmação de Abramovich, quando ela diz não saber se leu um romance, novela, contos, registros ou espantos.

Por meio dessa leitura adentramos na cidade de São Paulo criada ficcionalmente, e é através da imersão nesse universo geográfico que temos a oportunidade de conhecer diversos “tipos” de personagens

¹Adeldo Gonçalves é doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

²Disponível em: <<http://goo.gl/QPCHik>>. Acesso em: 27 julho 2014.

³Escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga e atriz.

⁴Observação presente na contracapa do livro.

e suas diversas formas de pensar, falar e principalmente sobreviver em meio a esse tumultuado aglomerado urbano. De modo que é inevitável nos depararmos com os contrastes econômicos, de convivência e sociabilidade.

Em *Eles eram muitos cavalos* há meninos de dez, onze anos largando a escola para vender cachorro-quente em frente à firma onde o pai trabalha, com o objetivo de futuramente tornarem-se caminhoneiros. Há também rebentos que abandonam suas oportunidades de instrução para colaborar com os pais em casa, que estão, na maioria das vezes, desempregados e tampouco possuem alguma iniciativa.

Estão presentes também seres humildes, sem formação, que se dedicam integralmente ao trabalho, porém, se veem sempre submetidos a uma vida miserável. Eles não ganham o suficiente para suprirem suas necessidades básicas, gerando, dessa forma, climas tensos nos lares, que estimulam cada vez mais a inconformidade e a revolta. Os jovens são descritos também como desempregados, sem grandes perspectivas e envolvidos com drogas, seja por meio do tráfico ou consumo.

As mulheres são mães que fritam salgados para que suas filhas possam vender e, conseqüentemente, colaborar na renda familiar. Há também aquelas que são casadas ou prostitutas, humilhadas física, moral ou sexualmente, pelos seus maridos ou pelos homens que pagam pelos seus programas.

Os trabalhadores dessa narrativa são homens que não têm o que comer, são limpadores de vidros em prédios altos que precisam viajar em dois ônibus, trem, metrô, para chegarem a seus empregos e que, no final, acabam tendo como recompensa a morte, devido à falta de segurança em seus ambientes de trabalho.

Deparamo-nos também com histórias de religiosos, políticos corruptos, assim como pessoas adeptas a diversos tipos de crenças e simpatias, que perambulam pelos pontos mais conhecidos da metrópole paulista. A descrição de lugares periféricos nos possibilita ter acesso aos ambientes sub-humanos a eles relacionados, como por exemplo, lugares cheirando a óleo saturado e a restos de comida.

Esse é o universo ficcional descrito no romance, o mundo da cidade, do cotidiano, dos contrastes e dos diversos “tipos” que buscam sobreviver nesse aglomerado humano, cada um de acordo com suas possibilidades e oportunidades.

O romance *De mim já nem se lembra* (2012) foi publicado no ano de 2007 pela editora Moderna. É composto por 50 cartas trocadas entre José Célio e sua mãe, que datam do ano de 1971 até 1978. Esse romance epistolar faz com que conheçamos um pouco mais a realidade

e os muitos desafios pelos quais passam os trabalhadores que decidem deixar suas famílias, sua infância e sua terra e partem em busca de novas oportunidades, que geralmente se caracterizam por melhores condições de vida e de trabalho tanto para si quanto para seus familiares.

4.1 *DE MIM JÁ NEM SE LEMBRA*

No início das cartas é possível perceber os medos e o impacto sofridos por José Célio ao chegar a São Paulo. A falta de sono, os enjoos, as paradas do ônibus e o medo de nunca mais voltar a ver a sua mãe são questões pulsantes. Soma-se a isso o assombro ao ter contato com a escada rolante não conhecida, o tamanho da rodoviária e o volume de pessoas com que se depara. Além de Célio, há muitos outros trabalhadores vindos do interior de diversas partes do país que chegam à cidade em busca de trabalho nas indústrias. Nesse contexto, a questão da mão de obra qualificada é um fator decisivo para aumentar as chances de obter cargos e salários elevados em um curto período de tempo.

A partir do momento que Célio começa a trabalhar em uma fábrica chamada Conforja, passamos a conhecer sua rotina diária de existência e de trabalho. O rapaz logo percebe que o custo de vida na cidade é bem mais elevado do que no interior e por isso precisa economizar mais. Além disso, deve pegar dois ônibus para chegar ao trabalho. Almoça na empresa e faz hora extra com o objetivo de juntar um pouco mais de dinheiro. Muito comuns também são as vezes em que o rapaz relata à sua mãe a saudade que sente de sua terra e sua vontade de voltar pra casa.

Mas, com a promessa de um aumento de salário, o incentivo da mãe, a necessidade de comprar material escolar para os irmãos e com a tuberculose que ataca o pai, Célio acaba por se conscientizar que seu apoio financeiro à família é mais necessário do que nunca.

O trabalho pesado na indústria, e a exigência dos chefes em relação ao rendimento dos trabalhadores para que cumpram suas metas também é uma constante. Assim como está bastante presente no romance a existência de uma solidariedade e união entre os trabalhadores que acaba por se transformar em uma sólida amizade, que se intensifica na medida em que percebem histórias comuns no que se referem às suas alegrias, tristezas e saudades dos que ficaram para trás.

Célio relata em algumas de suas cartas momentos de agonia, desânimo e baixa autoestima. Isso geralmente se dá quando um namoro

é rompido ou outro relacionamento não começado. Ele relaciona o insucesso do relacionamento à sua dificuldade de se adaptar a tudo que faz parte do seu redor: emprego, cidade, pessoas. E enfatiza que é um “zê-ninguém”, com medo de tudo e de todos, que não tem amigos, e que a única coisa que tem feito é trabalhar.

Alguns acontecimentos descritos nas cartas apresentam-se como reflexo⁵ da realidade pela qual o país passou na década de 70. Um exemplo disso é um relato em que José Célio conta para a sua mãe que um jovem estava andando na rua e fez pouco caso dos soldados de cavalaria e de suas ordens. A consequência disso foi o jovem ser levado para a delegacia, receber uma surra, ficar todo machucado, sumir, e ninguém mais ouvir falar em seu nome.

Outros episódios reiteram a situação vivida por muitos trabalhadores no período da repressão militar da década de 70. Em uma das cartas, Célio lembra a mãe que eles vivem debaixo de uma ditadura que prende e mata trabalhadores, que a única coisa que querem é mudar a situação injusta do país. Aconselha a mãe a não falar isso em Cataguases porque ela corre o risco de ser presa e chamada de comunista. Diz que seria melhor ela rasgar as cartas, porque se alguém pegar e ler pode dar sérios problemas.

A situação da repressão também se confirma em uma carta escrita pelo filho depois das festas de fim de ano, mas que nunca foi recebida pela mãe. Célio diz que a correspondência pode ter se extraviado ou, confiscada, porque segundo o jovem é comum abrirem cartas particulares.

A questão do não pertencimento é sentida por Célio, uma vez que ele relata à sua correspondente que já não se sente pertencente à Cataguases, muito menos a São Paulo, e conclui que não é de lugar nenhum. Soma-se a esse sentimento a tristeza do rapaz ao se deparar com as paisagens vividas na infância. Como a realidade que presencia quando volta ao meio interiorano é pautada pela ausência das casas, das pessoas e das atividades que marcaram seus primeiros anos de vida, o rapaz se sente extremamente triste. Tristeza essa que se traduz em uma negação do jovem em voltar a ter contato com esses ambientes.

Em outro momento de profundo desânimo, o rapaz questiona o motivo pelo qual para poder ter melhores condições de vida e de trabalho, as pessoas menos favorecidas economicamente têm que mudar para longe daqueles que amam. E argumenta que, em Cataguases, quando os filhos das pessoas ricas vão estudar fora, eles sabem que mais dia menos dia vão voltar e serão médicos, engenheiros, donos de fábrica,

⁵No sentido corriqueiro da palavra.

advogados. Mas, eles que são pobres, saem para nunca mais voltar.

É notável também que mais de uma vez Célio recebe convites para participar das questões do Sindicato. Depois de uma negativa, ele aceita o chamado. Outro fato importante que merece destaque são as mobilizações dos trabalhadores para a reposição dos reajustes de seus salários. No decorrer da leitura das cartas percebemos o contato de Célio tanto com trabalhadores mais jovens quanto com os mais velhos que trabalham na mesma fábrica.

Na penúltima e na última correspondência, José Célio relata que comprou um carro. Trata-se de um fusca 72 que ele iria pagar com o dinheiro das férias e que em breve seria estreado na viagem que faria até Cataguases para visitar a família.

4.2 TRABALHAR, TRABALHAR E TRABALHAR

A palavra trabalho carrega consigo vários significados, podendo designar dor, tortura, suor do rosto, fadiga⁶ por aquele que desempenha a atividade do labor. Mas, paralelamente a esses conceitos, que denotam, em um primeiro momento, funções se não pejorativas ao menos desagradáveis ao corpo, difíceis de serem desempenhadas e que requerem esforço e dedicação, de maneira oposta o indivíduo que desenvolve esta função também pode ser visto pelos seus colegas de profissão, pelos seus familiares, amigos e pela sociedade de uma maneira geral como um ser honrado e digno⁷, pois o indivíduo é visto como ser capaz de ganhar o alimento com o suor de seu rosto⁸.

Histórica e sociologicamente falando, sabemos que já existiram e que ainda há inúmeras formas de organizações sociais, o que acaba influenciando direta e indiretamente nas formas de estruturação e

⁶Suzana Albornoz aprofunda o conceito de trabalho no seu livro: *O que é trabalho?*.

⁷No texto *Trabalho: a categoria chave da sociologia?* o sociólogo político Clauss Offe declara que “sociologicamente falando, há dois mecanismos principais que podem assegurar que o trabalho desempenha um papel principal na organização de uma existência pessoal: a) no nível da integração social, o trabalho pode ser normativamente sancionado como um dever, ou b) no nível da integração sistêmica, pode ser colocado como uma necessidade. No primeiro caso o trabalho é ponto fundamental de uma vida correta e moralmente boa; no segundo, é a simples condição de sobrevivência física”.

⁸Diferente do personagem burguês Brás Cubas, que no final do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, declara: “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” (ASSIS, 1997a, p. 239).

desenvolvimento das atividades relacionadas ao trabalho. Em alguns grupos⁹ a ação de trabalhar significa mais do que apenas suprir as necessidades básicas e elementares de que o indivíduo necessita para sobreviver, como por exemplo: moradia, alimentação, saúde, vestimenta. É verdade também que neste modo predominam o respeito e a harmonia do indivíduo com a natureza, uma vez que é ela quem fornece os frutos, as raízes, as folhas e a terra de que os indivíduos servirão para protegerem-se das condições climáticas, alimentar-se, curar-se e vestir-se.

Considerando os objetivos e propostas dessa dissertação, o mundo no Ocidente pode ser dividido entre antes e depois da Revolução Industrial¹⁰. O historiador Eric Hobsbawm traça em sua obra¹¹ um panorama geral das principais transformações pelas quais esta parte do globo passou entre 1760 até 1991.

Antes desse período podemos dizer que os modos de vida e de trabalho se aproximavam mais do tipo de organização descritos anteriormente. A partir do final do século XVIII e início do século XIX começamos a observar diversas transformações na ciência, na educação e na cultura, bem como na relação do homem com a natureza e na do homem com o seu semelhante¹². E é cada vez mais perceptível que essas mudanças transformam não apenas a estrutura física da terra como afeta de modo consciente e inconsciente o ser humano, uma vez que valores são perdidos e novas necessidades criadas.

Assim, é possível afirmar que ao longo do tempo houve uma profunda transformação de um *sistema de mediações de primeira*

⁹Como por exemplo, os indígenas e os caipiras. O segundo grupo teve seus modos de vida e de trabalho brilhantemente estudado pelo crítico literário e sociólogo Antonio Candido. Esta pesquisa foi feita para a sua tese de doutoramento transformando-se no livro: *Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida* (2010).

¹⁰Ver capítulo 2 desta dissertação.

¹¹*A Era das Revoluções* (1962), *A Era do Capital* (1975), *A Era dos Impérios* (1987) e *A Era dos extremos* (1994).

¹²Segundo Olgária Matos, na introdução que faz à edição brasileira do livro *O direito à preguiça* (2003), de Lafargue, “o desenvolvimento capitalista vincula-se ao extraordinário crescimento do controle sobre a natureza a partir da ciência e da técnica, mas estas, da mesma maneira que o trabalho, transformam-se em ideologia que leva o nome de progresso. Este identifica desenvolvimentos científicos e tecnológicos com progresso da humanidade, dissimulando as regressões da sociedade, e as vítimas do progresso são apenas acidentes de percurso rumo a futuros gloriosos. Assim, no apogeu do desenvolvimento técnico e científico, o mundo regurgita superfluidades e destruição planetária: os trabalhadores produzem pacificamente os meios de destruição social, sendo as guerras sua manifestação mais flagrante, sintoma de que o trabalhador perde o sentido do uso de sua vida quanto mais mercadorias e tecnologia produz” (LAFARGUE, 2003, p. 8-9).

ordem para um *sistema de mediações de segunda ordem*¹³. E, se a finalidade do primeiro é a preservação das funções vitais de reprodução individual e societal, o segundo é regido pelo capital¹⁴. O que significa dizer que todas as esferas da sociedade, desde a familiar, educacional, econômica, artística assim como a produção material e imaterial estão subordinadas “ao imperativo da expansão do capital” (MESZAROS, 1995 apud ANTUNES, 2002, p. 21).

E se é certo que todas as atividades laborais estão imersas neste sistema, pelo fato de pertencerem a ele, ao menos em alguns casos elas podem responder também a outras necessidades que não apenas a do capital. É o caso, por exemplo, dos trabalhadores envolvidos com as atividades do teatro, da pintura, da escultura, carpinteiros, escritores, professores, psicólogos, médicos, advogados, enfermeiros, músicos, etc.

Estes grupos de profissionais são exemplos de que embora respondam ao imperativo do sistema capitalista em maior ou menor ordem, são indivíduos que tem a possibilidade de visualizar se não diariamente, ao menos semanal ou mensalmente, o início, meio e fim de seu trabalho. Isso faz com que tenham – em maior ou menor grau – não apenas consciência de si, mas também do resultado de seu trabalho, que geralmente está associado em ações na vida de indivíduos¹⁵.

Uma vez que o que distingue o homem dos outros animais é, além da capacidade de raciocinar, também a de planejar e imaginar o resultado de seu trabalho¹⁶, podemos supor que qualquer trabalho que prive o ser humano dessas atividades está condenando-o à falta de consciência

¹³Conceitos expostos por Ricardo Antunes no livro *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (2002).

¹⁴“Uma dinâmica, um modo e meio totalizante e dominante de mediação produtiva” (ANTUNES, 2002, p. 21).

¹⁵“Tanto em empresas privadas como em públicas, atividades como ensino, saúde, planejamento, organização, controle, administração e aconselhamento – isto é, atividades de prevenção, absorção e processamento dos riscos e desvios da normalidade – são majoritariamente dependentes de salário, exatamente como ocorre com a produção industrial de mercadorias. O trabalho em serviços difere do trabalho produtivo pela falta de um ‘critério de eficiência econômica’, claro e incontroverso, do qual possam ser estrategicamente derivados o tipo e a quantidade, o lugar e o ritmo de trabalho ‘aconselháveis’. Este critério está ausente porque o resultado de inúmeros serviços públicos, assim como aqueles desempenhados por ‘empregados’ em firma de setor privado, não é lucro monetário, mas são ‘utilidades’ concretas” (OFFE, 2014).

¹⁶“O que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto ergue a construção em sua mente antes de a erguer na realidade. Na outra ponta do processo de trabalho chegamos ao resultado já existente no início na imaginação do trabalhador. O homem é um ser que antecipa, que faz projetos, que se representa mentalmente os produtos de que precisa. Antes da própria atividade, pela imaginação, o homem já contém em si o produto acabado”. (ALBORNOZ, 1986, p. 70).

de si e do resultado de seu trabalho, levando-o conseqüentemente ao processo de alienação¹⁷.

Albornoz chama nossa atenção para o fato de que o projeto e a visão antecipada não estão sendo possíveis no processo de produção industrial e em série, de maneira que esta atividade se torna além de alienada também desumana. Na sociedade regida pelo capital e pelo lucro não é mais o homem que planeja e desenvolve suas atividades, mas a máquina, o robô que o trabalhador não domina totalmente. Assim, o trabalho dos homens, de acordo com a autora, está reduzido ao mesmo nível das abelhas e formigas, que se agitam em seus espaços sem projeto.

Sabemos que a década de 70 foi significativamente marcada pelo processo de migração de trabalhadores do meio rural para o meio metropolitano¹⁸. E, se no campo estes trabalhadores exerciam atividades relacionadas com o cultivo da terra, na nova conjuntura social em que se encontram estes indivíduos, primeiro, irão se deparar com o desemprego provisório, para posteriormente buscarem ocupar as vagas de trabalho que melhor condizem com seus perfis educacionais e de experiência anteriores. Foi neste contexto e nesta época que muitos sujeitos começaram a realizar atividades como as de construtores civis, motoristas de ônibus, vendedores ambulantes, empregadas domésticas e trabalhadores fabris. Este último em menor escala que as demais funções por exigir, na maioria dos casos, um nível maior de qualificação.

Se esta era a realidade vivida por muitos trabalhadores neste período histórico específico no Brasil, não são muito diferentes as imagens que encontramos desses sujeitos fabris na literatura brasileira contemporânea, especificamente em *De mim já nem se lembra* (2012), de Luiz Ruffato. O personagem José Célio carrega em si uma grande gama de representações. A começar pelo seu primeiro nome: *José*. Esta nomeação dada ao personagem principal do romance pelo escritor não é fortuita, pois designa um nome simples como tantos outros existentes naquele período nas camadas não afortunadas da população brasileira.

É válido destacar o fato de que em nenhum momento no romance temos conhecimento do sobrenome do rapaz, que seria um meio para, se não singularizá-lo e distingui-lo social ou economicamente, pelo menos

¹⁷“1. Ato ou efeito de alienar (-se); alheação. 8. *Hist. Filos.* Segundo Marx, situação resultante dos fatores materiais dominantes da sociedade, e por ele caracterizada sobretudo no sistema capitalista, em que o trabalho do homem se processa de modo que produza coisas que imediatamente são separadas dos interesses e do alcance de quem as produziu, para se transformarem, indistintamente em mercadorias. 9. Falta de consciência dos problemas políticos e sociais” (FERREIRA, 1999, p. 98).

¹⁸Ver livro de Paulo Renato Souza: *O que são empregos e salários* (1984).

marcar sua memória e identidade. E, a propósito do nome na ficção, é importante lembrar algumas semelhanças existentes entre o *José* do dito romance e o *José* do célebre poema de Carlos Drummond de Andrade.

Além de significar “mais um” entre tantos outros indivíduos que não vivem, mas sobrevivem com o suor de seu trabalho, José Célio pode estar refletindo também aquela massa de trabalhadores que saíram do meio interiorano (nos anos 70) onde sempre viveram com suas famílias e amigos para trabalhar nas fábricas de São Paulo. Mas, ao mesmo tempo, personifica-se nele a queda do tipo de sociedade pautada na relação do homem com a natureza – no respeito ao tempo do descanso, do lazer, do plantio, da colheita, da preservação das tradições, dos costumes, da culinária, das relações familiares e vicinais, e da solidariedade do grupo para o desenvolvimento cada vez mais constante de um tipo de sociedade que tem como premissas principais: o consumo, a troca contínua de bens e serviços, a superficialidade, a mecanização do trabalho e consequentemente a mecanização do ser humano.

Até agora estou impressionado com o que vimos lá na roça. Antigamente a gente andava aquele trecho até a casa do vovô e de tempos em tempos tinha uma casa, cachorro na porta, gente no pasto, plantação, gado. Agora não tem mais nada. Um silêncio que nem passarinho a gente ouve mais [...] Infelizmente não tem mais nada pra fazer na roça. Uma pena, porque eu lembro a fuzarca que era antigamente [...] E era matação de porco, fazeção de doce de manga, de goiaba, de leite, e a gente ia colher milho, bater feijão, cortar arroz, estalar fumo, tirar leite... Uma função de dia e de noite. E a gente pescava, jogava bola, brincava de pique... Agora não tem mais nada. Uma tristeza de dar dó fiquei espantado com aquilo tudo. E as casas de beira de estrada? Não sei se a senhora reparou, mas estão tudo caídas, aquelas cruzeiras na porta já não servem para mais nada. (RUFFATO, 2012, p. 93-94).

Com as mãos, desde que criou a agricultura, o homem semeia, poda e colhe. Empunhando o machado e a foice, desbasta a floresta; com a enxada revolve a terra, limpa o mato, abre covas. Com a picareta, escava e desenterroa. Com a pá, estruma. Com o rastelo e o forcado, gradeia,

sulca e limpa. Com o regador, água. Desgalha com a faca e o tesourão. Manejando o cabo dos utensílios de cozinha, o homem pode talhar a carne, trincar as aves, espetar os alimentos sólidos e conter os líquidos que escoariam pelas juntas das mãos em concha (BOSI, 2000, p. 69).

De acordo com Antonio Candido, perante o processo de expansão capitalista o caipira ou agricultor se depara com uma fase de crise (principalmente econômica) na qual deve direcionar o rumo de sua vida e de sua família, decidindo entre duas opções: a *permanência/persistência* ou a *alteração*¹⁹. A primeira se caracteriza pela atitude do trabalhador rural de permanecer na sua terra ou na terra onde trabalha. A segunda designa a mudança deste trabalhador para a cidade, acarretando por sua vez, em uma mudança drástica no seu modo de vida e de trabalho, pois ele passa a viver no meio urbano e se vê obrigado a desempenhar atividades laborais pertencentes a essa nova conjuntura social.

Ambas as decisões trazem consequências marcantes para o homem que sempre viveu e se desenvolveu no campo. A opção pela *permanência/persistência* não se dá por si só, pois para poder manter o mesmo padrão de vida (em meio à expansão constante do capital das regiões urbanas para as menos habitadas) que o agricultor sempre teve ele precisará praticamente duplicar o tempo de trabalho na terra para ter uma colheita maior e assim manter o mesmo padrão de subsistência. Isso acontece porque há um desnível entre o ganho do produtor e os “novos gastos”²⁰ que possui — antes ausentes — decorrentes da influência dos comércios cada vez mais próximos às regiões rurais.

A decisão pela alteração — que equivale à vivenciada pelo jovem José Célio já nos primeiros anos de sua mocidade²¹ quando se muda do interior de Minas Gerais para a metrópole paulista — talvez seja a mais brusca para o trabalhador rural. Isto porque ela denota um rompimento

¹⁹Conceitos expostos por Antonio Candido em seu livro *Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida* (2010).

²⁰“Roupa [...] utensílios [...] alimento e bugigangas de vários tipos (CANDIDO, 2010, p. 189). Antes da influência capitalista, a mulher e o homem do campo, precisavam trabalhar menos tempo na lavoura para suprir as suas necessidades básicas. Isso fazia com que tivessem mais tempo e disposição física para poderem produzir os artigos de que necessitavam como, por exemplo, fabricar sua farinha, suas roupas, suas cumbucas, e outros utensílios de madeira, como a colher de pau”.

²¹Não é explicitado no romance a idade com que o rapaz se muda para São Paulo e começa a trabalhar na indústria. Mas, podemos deduzir que seja com 18 ou 19 anos, pelo fato do jovem começar a trocar cartas com a sua mãe na data de 2 de fevereiro de 1971 até 5 de março de 1978 (ano em que o rapaz morre acidentado) com idade de 26 anos.

total com a cultura vivida pelo agricultor e seus antepassados, além de representar também perspectivas novas e desconhecidas de vida e de trabalho.

De acordo com Marshall Berman, o turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes:

grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e catastrófico crescimento urbano [...] que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades” (BERMAN, 1986, p. 16).

E, como aquele indivíduo nunca precisou se preocupar com uma formação acadêmica e institucional para se manter, uma vez que seu sustento era tirado da terra e da natureza, este sujeito acabará ocupando os postos de trabalho informais e que demandam o esforço físico ao invés do intelectual. Este processo acarreta uma falsa sensação de pertencimento a esta nova estrutura social, pois embora esteja situado e vivendo na cidade estará muito longe de ganhar um salário que lhe permita usufruir plenamente de todas estas “novas necessidades” – ou seja, mercadorias – em que se vê imerso e que o próprio sistema criou.

Segundo Olgária Matos,

a mercadoria, por seu valor de exibição, é fetiche, feitiço que faz o consumidor ‘perder o bom senso’. As mercadorias produzidas pelas necessidades do mercado e não dos homens criam consumidores passivos, desumanizados, subordinados – e de maneira crescente – a objetos que respondem não por sua utilidade, mas às exigências do desenvolvimento da economia, o que significa que a sociedade se estrutura em uma racionalidade irracional, a do mercado mundial – que corresponde à ‘queda

tendencial do valor de uso' da mercadoria'' (LAFARGUE, 2003, p. 10).

Uma das consequências dessas alterações será a multiplicação dos mínimos em todas as esferas de sua vida, pois terá um mínimo: salário, tempo de descanso, lazer, alimentação, saúde, vestimenta, cultura e assim por diante...²²

José é um exemplo desse tipo de indivíduo. E se no decorrer de toda sua vida ele viveu sempre com o que o campo poderia lhe proporcionar, na cidade ele passará a sobreviver com os mínimos descritos, inclusive na esfera relacionada à sua formação cultural e educacional. Isso nos é apresentado de diferentes maneiras. A primeira delas no início do romance, quando o jovem se espanta ao ter contato com a vida e as infraestruturas constituintes da grande cidade, como o grande contingente de indivíduos inseridos em um mesmo espaço, a escada rolante, as cores da rodoviária, assim como as distâncias até então desconhecidas.

A rodoviária é muito bonita. Grande que só vendo. Tem um teto colorido e escada rolante. Fiquei morrendo de medo de descer na escada rolante, mas fiquei com vergonha do Nilson e desci. Até que não é ruim não, qualquer dia desses vou praticar um pouco [...] O Luizinho? Ele ia ficar doido com a montoeira de gente que tem nessa cidade. A gente saiu da rodoviária, pegou um ônibus, andou pra chuchu, pegou outro e só aí a gente chegou no Ipiranga. E diz o Nilson que isso não é nada, que eu não vi nem um décimo da cidade. Não dá nem pra acreditar... (RUFFATO, 2012, p. 30-31).

Assim como o susto decorrente do contato com o novo, a pouca ou nenhuma habilidade do rapaz para transitar por esses espaços denuncia um modo de vida pautado única e exclusivamente pelo lugar onde nasceu e morou durante toda a infância e juventude, o que nos leva a supor igualmente que o jovem nunca se deslocou a cidades ou países em busca de lazer, cultura ou aperfeiçoamento profissional.

Outra circunstância que reitera a afirmação anterior sobre as escassas oportunidades de formação humanista e que valorize as questões do espírito – no sentido goetheano – do personagem é o fato de ele

²²“Separados das famílias e das formas tradicionais de associação, e privado de proteção política, o trabalho assalariado foi vinculado à organização e à divisão capitalista do trabalho, assim como os processos de pauperização, alienação (e) racionalização” (OFFE, 2014).

ter se formado metalúrgico pelo Senai²³ na vila onde morava, antes de mudar-se para a cidade em busca de uma vaga de emprego.

O personagem Wilhelm Meister escreve uma carta presente no romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (2006) em que expressa a importância de uma formação voltada para si e não para suprir as necessidades de mão de obra exigidos pela classe burguesa da Alemanha do final do séc. XVIII:

De que me serve fabricar um bom ferro, se meu próprio interior está cheio de escórias? E de que me serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim? [...] Instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância. Ainda conservo esta disposição, com a diferença de que vislumbro com mais clareza os meios que me permitirão realizá-la (GOETHE, 2006, p. 284).

Este tipo de curso profissionalizante antes referido, visa atingir a um público bastante específico. Trata-se de formar em um curto período de tempo, e com disciplinas bastante direcionadas para o trabalho, o indivíduo que futuramente irá trabalhar em setores também bem específicos do ramo industrial. É o tipo de formação acessível e possível de ser realizada pela camada da população que tem um nível baixo de escolaridade, que não possui perspectivas ou possibilidades financeiras de realizar um curso superior em uma universidade pública ou particular de qualidade e que vê nesta modalidade de ‘qualificação’ em curto prazo as possibilidades de preencher as vagas ofertadas pelo mercado de trabalho industrial também em um curto período de tempo.

Soma-se a isso o fato de que a busca pelo conhecimento do jovem continuará – mesmo depois de ter mudado para a cidade²⁴ – atrelada única e especificamente à qualificação para o trabalho, uma vez que opta por realizar um curso no Instituto Universal Brasileiro²⁵. “Eu

²³“O curso técnico em metalurgia do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) tem a duração de dois anos e é composto por uma carga horária de aproximadamente 1.200 horas. O Curso Técnico de Metalurgia geralmente acontece à noite e tem por objetivo habilitar profissionais em planejamento, supervisão, gestão e operação dos processos metalúrgicos de fundição, conformação, soldagem, tratamento térmico e de superfície e controles laboratoriais, visando à qualidade e produtividade”. Disponível em <<http://goo.gl/4D7vj4>>. Acesso em: 1 junho 2014.

²⁴Sabemos que as opções no que se refere à cultura, educação e formação nas cidades são infinitamente maiores e mais diversificadas do que as existentes em pequenas vilas, sendo menores ainda no meio rural.

²⁵O Instituto Universal Brasileiro pode ser considerado um dos pioneiros do

mesmo estou pensando em começar um curso de desenho mecânico por correspondência no Instituto Universal Brasileiro. Já até conversei com o seu Volfé e ele me disse que faço muito bem, porque aí vou poder crescer dentro da firma” (RUFFATO, 2012, p. 61).

Mas por que José opta por realizar um curso profissionalizante na instituição acima, se o mesmo é à distância, ou seja, pode ser realizado em qualquer região do país (e não apenas em São Paulo) uma vez que após a inscrição o aluno recebe as apostilas e todos os materiais de que necessita por correspondência?

Ocorre que é a instituição que escolhe Célio e não Célio que escolhe a instituição onde irá estudar. Isto significa dizer que, parecido com os moldes do primeiro curso que o rapaz realizou quando ainda morava em Cataguases, este é barato, acessível às camadas inferiores da população que têm baixo nível de escolaridade e às necessidades dos indivíduos que precisam trabalhar o dia todo e dispor de poucas horas para o estudo, uma vez que estão cansados e esgotados depois de uma longa jornada de atividades.

Eu tenho recebido as cartas da senhora sim, a senhora até me desculpe, mas ando sem vontade de nada. Vou para a firma, trabalho, volto para o quarto, estudo, agora tô lendo um Manual de Tecnologia Mecânica, são quatro livros que o seu Volfé me mandou ler. Mas chega o fim de semana e o pessoal marca um monte de coisas, pescaria na Billings, almoço na casa de um ou de outro, descida para a Praia Grande, passeio em São Paulo, mas eu não animo com nada (RUFFATO, 2012, p. 98)

Nestas condições é de se pressupor que este tipo de instrução não é minimamente atrativa para as pessoas que dispõem de tempo, dinheiro e oportunidade para realizar uma formação do tipo presencial, com o acompanhamento de professores capacitados e que não se limite apenas a uma ínfima carga horária. Logo, este molde de “qualificação” não será o procurado pelos pequenos e grandes empresários, que podem

que depois seria chamado de Ensino a Distância (EaD) no Brasil. Desde 1941 oferece cursos profissionalizantes, como: Desenho mecânico, Eletrônica, Rádio e TV, Eletricidade de automóveis, etc. O curso profissionalizante de Desenho mecânico tem uma carga horária estipulada de 420 horas, é composto por 21 apostilas impressas em papel jornal e tem como programa os seguintes tópicos: Definições e modalidades de desenho e suas aplicações na indústria; Projeções; O esboço cotado; Escalas; Cotas e áreas; Como calcular as áreas das figuras planas; Letras técnicas; Cortes e perfis laminados; Mancais; Engrenagens. Disponível em <<http://goo.gl/WGjepM>>. Acesso em: 3 junho 2014.

proporcionar para seus filhos um tipo de educação duradoura que abranja tanto aspectos profissionais quanto humanísticos. “Aí em Cataguases, quando os filhos desse pessoal rico vão estudar fora, eles sabem que mais dia menos dia voltam e vão ser médico, engenheiro, dono de fábrica, advogado” (RUFFATO, 2012, p. 98-99).

De modo que a oposição entre o destino e as oportunidades de vida e de trabalho do proletariado em relação às da classe burguesa são profundamente marcadas no romance, uma vez que possibilita ou refreia, inclui ou exclui. José Célio reflete e, portanto, possui consciência de que pertence a uma camada que tem condições sociais, educacionais e financeiras desprivilegiadas. Essa percepção se dá no momento em que ele contrapõe a sua realidade à dos jovens abastados da sua região de origem.

José sabe que, diferente de si, estes jovens abonados possuem a oportunidade de se deslocar aos grandes centros em busca de uma profissionalização integral, sólida e duradoura, pois não precisam trabalhar para viver, o que significa dizer que possuem datas estipuladas de ida e retorno ao seio familiar, às suas tradições e aos seus costumes. Isso faz com que eles tenham uma vida com sentido, plena e feliz, que é possibilitada em grande medida pelo poder aquisitivo, pois é impossível o indivíduo atingir estes estágios de equilíbrio e harmonia se lhes falta um emprego, escolaridade, saúde, ou se devem viver permanentemente longe de seus parentes e amigos em decorrência das distâncias ou da falta de dinheiro, que nas palavras de Célio se traduz da seguinte maneira: “Por isso que dizem que rico ri à toa. É por isso, porque estão sempre perto da família” (RUFFATO, 2012, p. 99).

Assim, somados aos momentos de desânimos constantes, e em virtude da sua condição social humilde não lhe possibilitar escolhas muito diversas das que faz – José traz consigo a sua existência como um fardo que deve ser carregado, pois é este o seu destino, sua sina, seu fado, seu jugo ou sua canga individual: “a gente não escolhe os caminhos e [...] meu dever é tentar ganhar a vida em São Paulo. Mas não é fácil” (RUFFATO, 2012, p. 43).

Sendo pobre e tendo suas oportunidades limitadas, regressar à sua terra de mãos vazias após anos de trabalho com sacrifícios e privações de toda ordem seria o mesmo que fracassar. E assim o personagem vive neste labirinto sem saída se debatendo de um lado para o outro, deixando que o tempo se encarregue de dar conta das suas memórias, das ínfimas possibilidades de retorno:

Cheguei bem. A viagem de volta é sempre ruim, porque os anos passam e eu vejo que é cada

vez mais difícil pensar em voltar a morar aí em Cataguases. Desta vez andei mais pela cidade, vi alguns amigos, encontrei outros que também estão morando aqui em São Paulo e a sensação que fica é que nunca mais vou voltar. Isso é muito triste, porque aqui não é o meu lugar. Mas sinto que aí já não é o meu lugar. Ou seja, não sou de lugar nenhum (RUFFATO, 2012, p. 91).

da sua condição de migrante, e do processo de desenraizamento:

O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais [...] Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças (BOSI, 1987, p. 362).

A imersão cada vez maior de José no mundo do trabalho e na busca da qualificação de sua mão de obra não é apenas característica sua, mas também de seus colegas na fábrica onde trabalha:

O Fabinho me perguntou se eu não queria dar umas aulas para o pessoal que quer aprender coisas de mecânica e eu falei que não sou professor, mas ele falou que todo mundo sabe que eu estudo muito e que eu vou dar aula do que eu sei, que é desenho mecânico, e só para ver se eu tenho jeito para o negócio outro dia dei aula de leitura de paquímetro²⁶ no salão paroquial e o pessoal gostou pra caramba e então eu vou dar aula de desenho mecânico de noite para um grupo de pessoas lá, que tem uns meninos novinhos, mas tem até velho de cabeça branca, acredita? (RUFFATO, 2012, p. 114).

É o que podemos chamar de uma alienação tal, não bastando o indivíduo ocupar praticamente dois terços das horas do dia dedicando-se ao trabalho: “pego às sete horas e saio às cinco [...] mas, para chegar às sete horas lá, eu tenho que sair de casa antes das cinco da manhã.

²⁶O paquímetro é um instrumento usado para medir as dimensões lineares internas, externas e de profundidade de uma peça. Consiste em uma régua graduada, com encosto fixo, sobre a qual desliza um cursor (VIANA, 2009)

Pego um ônibus até o Vale do Anhangabaú e outro pra Diadema. E só chego em casa lá pelas sete horas” (RUFFATO, 2012, p. 35). Isso é muito semelhante ao que acontecia no século XIX com os operários fabris franceses²⁷ – ele opta ainda por sacrificar parcela da terceira parte do dia que lhe sobraria para o descanso e o sono para se capacitar e satisfazer cada vez mais a demanda da produção, da multiplicação e da acumulação do capital.

O salário é a mola propulsora para um empenho e dedicação cada vez maior e desumana desta classe de trabalhadores: “o chefe da minha seção, um alemão que a gente chama de seu Volfe, falou que se eu me esforçar daqui a pouco eu estou ganhando muito mais. Aliás, foi por isso que nem escrevi antes, porque agora eu estou trabalhando pra chuchu” (RUFFATO, 2012, p. 34-35).

É a promessa do aumento no soldo que faz com que José se dedique para muito além da sua força de trabalho e do que o dinheiro pode pagar. O que está em jogo é o sacrifício da saúde, da alimentação, do tempo livre, do lazer e do descanso e, assim, nesse círculo vicioso, não percebe que está tendo roubado o seu “Direito à preguiça”²⁸, e para além dele também o direito à velhice²⁹, pois antes mesmo de se dar conta ele estará precocemente velho e esgotado – não apenas física, mas psicologicamente.

E apesar destes trabalhadores estarem cientes de que os “aumentos” não lhes trarão felicidade³⁰, uma vez que a liberdade do

²⁷“Em Mulhouse, em Dornach, o trabalho começava às cinco horas da manhã e acabava às cinco horas da tarde, tanto no verão como no inverno [...] É preciso vê-los partir à noite. Assim, à fadiga de um dia de trabalho excessivamente longo, visto que labutam pelo menos quinze horas, vem juntar-se, para esses desgraçados, o cansaço das idas e vindas tão frequentes, tão penosas. Disso resulta que, à noite, chegam às suas casas oprimidos pela necessidade de dormir e, no dia seguinte, saem antes de ter repousado completamente para se apresentar na fábrica na hora da abertura” (LAFARGUE, 2003, p. 31-33).

²⁸A expressão faz referência ao título do livro de Paul Lafargue que já vínhamos citando. Nele, o genro de Karl Marx fala sobre a desnecessidade de o trabalhador dedicar tantas horas diárias ao trabalho. Defende que não haveria prejuízo ao desenvolvimento do sistema se houvesse uma dedicação menor do tempo diário destinado ao labor. Ressalta que isso seria saudável, inclusive, para a existência de um equilíbrio nos empregos, uma vez que garantiria que um número maior de trabalhadores se mantivesse empregado durante o ano todo e não apenas parte dele, por alguns meses ou temporadas.

²⁹“Os operários não conseguem compreender que, cansando-se excessivamente, esgotam as suas forças antes da idade de se tornar incapazes para qualquer trabalho; que absorvidos, embrutecidos por um único vício, (o trabalho) já não são homens; que matam em si mesmos todos os belos talentos para só conservar, e luxuriante, a loucura furiosa do trabalho” (LAFARGUE, 2003, p. 63).

³⁰Estudos em psicologia econômica indicam que o efeito motivador do salário opera

ser humano nas mais variadas esferas da vida não tem preço, mesmo assim se submetem, pois sabem que é deste ganho mensal que depende sua sobrevivência e de suas famílias, como é o caso vivenciado por José Célio.

Todos esses sacrifícios se revestem, em um primeiro momento, de uma aparência inofensiva, no entanto fazem com que o trabalhador encurte o seu tempo de vida, se prive de atividades recreativas, passe menos tempo com a família, com os amigos, deixe de se alimentar adequadamente e tenha todas as funções de seu organismo alteradas por não seguir uma rotina de trabalho, de sono e repouso adequados.

É perceptível que há de ambas as partes – do trabalhador e do sistema – um descaso total com uma mínima qualidade de vida. Dos trabalhadores, esta atitude se justifica, na maioria das vezes por não se importarem consigo mesmos, visando sempre a melhoria de vida e o mínimo conforto dos seus dependentes.

Fiquei muito feliz em ver como a senhora está bem e como a casa está bonita agora, com as paredes pintadas de azul. A senhora está de parabéns pelo bom gosto. Agora, com a bomba elétrica lá, ninguém precisa mais ficar puxando água pela corda [...] Vi que a senhora gostou da geladeira. Tem muito tempo que queria comprar uma, mas nunca tinha conseguido juntar dinheiro. Agora a senhora tem água gelada quando quiser, é só abrir a porta (RUFFATO, 2012, p. 96).

Do sistema às grandes empresas e corporações, o descaso é óbvio, pois o que está em jogo são seus interesses e metas, sua concorrência e seus lucros, independentemente se isso custe a vida de milhares de jovens, pais e mães de família assalariados.

Para o empresariado é interessante manter o empregado tão ocupado com seu trabalho ao ponto de não permitir a este pensar o

assimetricamente (Scitovsky, 1976; Hirsch, 1977). O crescimento individual e (mais ainda) o coletivo da renda não aumentam (ou aumentam muito pouco) o sentido do bem-estar ou da satisfação coletiva, e podem muito bem conduzir até mesmo à sua diminuição. Em outras palavras, o efeito motivador das alterações na renda, pelo menos em um nível relativamente alto de renda, aparece apenas negativamente, como um efeito punitivo. “Bens de consumo, e a renda, para comprá-los, têm uma relação bastante fraca com as coisas que fazem a felicidade das pessoas: autonomia, auto-estima, felicidade familiar, lazer livre de tensões, amizades” (LANE, 1978 apud OFFE, 2014, p. 815), enquanto “a satisfação com atividades não relacionadas com o trabalho contribui mais do que qualquer outro fator para a satisfação existencial” (LANE, 1978 apud OFFE, 2014, p. 817). Sobre esta questão Lafargue afirma: “Introduzam o trabalho de fábrica, e adeus alegria, saúde, liberdade; adeus a tudo o que faz a vida bela e digna de ser vivida” (LAFARGUE, 2003, p. 35).

que está produzindo, para quem está produzindo e qual é o destino do resultado de seu trabalho: “estou juntando um dinheirinho para ir aí no 7 de setembro. Que vai cair numa terça-feira e o encarregado me disse que a gente pode pegar uma folga [...] se a gente fizer hora extra e conseguir cumprir umas metas lá. Vamos ver” (RUFFATO, 2012, p. 35-36).

Essa fala denota um total desconhecimento do seu entorno, pois se ele não sabe quais são as metas da empresa, muito provavelmente não saberá quem são os compradores dos produtos que fabrica, em quais regiões ou países estes se situam, a quanto é vendido o que produz, como acontece o processo de negociação entre empresa e compradores, quanto a fábrica lucra diariamente com a mais-valia³¹ do seu trabalho, entre tantas outras questões.

Embora ocupar a mente dos trabalhadores de uma indústria ao ponto de obstruir-lhes o pensamento seja uma forma bastante objetiva e prática de dominação, não é este o único meio de realizá-la, pois existe ainda um elemento bastante significativo a ser considerado. Trata-se de uma forma simbólica e subjetiva de um homem dominar o outro, e isso se dá por meio da linguagem. No texto *La manipulación del hombre a través del lenguaje*, Alfonso López Quintás³² expõe que manipular é exercer domínio sobre pessoas ou povos que foram reduzidos a meros objetos ou meios para um determinado fim.

Nesse processo o manipulador deseja, por meio da linguagem, dominar e controlar não apenas a mente, mas também a vontade e os sentimentos das pessoas e dos grupos com o único objetivo de atingir seus fins. Como exemplo, ele cita o comerciante que nos manipula para reduzir-nos a meros clientes e assim comprar seus produtos. Destaca também que se as pessoas que integram uma comunidade perdem a capacidade criadora e não se unem entre si com vínculos firmes e fecundos, darão lugar a um monte amorfo de meros indivíduos, a que ele chama de massa³³.

Assim, ao carecer de coesão interna, a massa é facilmente dominável e manipulável pelos ansiosos de poder fácil, uma vez que a linguagem pode construir uma vida ou destruí-la, pode ser terna ou cruel, proclamadora de verdades ou mentiras. De modo que seu manejo

³¹mais-valia: 1. *Econ.* Na economia marxista, valor de que o trabalhador produz menos o valor de seu próprio trabalho. [A mais-valia mede a exploração dos assalariados pelos capitalistas e é fonte do lucro destes] (FERREIRA, 1999, p. 1257).

³²Doutor em Filosofia, professor da Universidade Complutense de Madrid, membro da Real Academia Espanhola de Ciências Morais e Políticas e da Académie Internationale de l'Art (Berna).

³³Segundo Quintás, a massa se compõe de seres que agem entre si como objetos.

estratégico pode operar de forma automática sobre a forma de pensar, a vontade e o sentimento das pessoas antes mesmo de entrar em jogo o poder da reflexão crítica. E é fato que este tipo de domínio surtirá efeitos muito maiores e significativos nas pessoas que não desenvolveram ao longo de suas vidas – e continuam a não desenvolver por motivos diversos – o hábito de pensar e agir criticamente sobre o que os outros lhe dizem ou fazem, como é em grande parte o caso do personagem José Célio.

O grupo dos manipuladores não se restringe apenas aos ansiosos por poder fácil conforme descrito, também é exercido por aqueles que já estão no poder e desejam manipular verbalmente e ideologicamente seus subordinados a fim de que permaneçam na condição em que estão ou deem ainda mais de si. É o que ocorre na relação do empregado-patrão, ou, no caso da maioria das fábricas, empregado-encarregado ou empregado-gerente.

A falta de consciência e de conhecimento do fato de pertencerem a uma sociedade capitalista que também faz uso do discurso para atingir seus objetivos – somado ao fato dessa massa precisar do dinheiro que ganha para sobreviver e ajudar os seus no sustento da casa e na manutenção da saúde – faz com que o discurso desses chefes se apresente das mais variadas formas. Percebemos que o encarregado de Célio utiliza um discurso que chamaremos de *incentivador*, uma vez que sutilmente incute na cabeça do rapaz a ideia de que quanto mais se dedicar ao trabalho maior probabilidade terá de “crescer na firma”, que pode ser interpretado como: ser promovido de cargo, ter aumento no seu salário, adquirir bonificações, benefícios, etc. “Já até conversei com o seu Volfe e ele me disse que faço muito bem, porque aí vou poder crescer dentro da firma” (RUFFATO, 2012, p. 61). Mesmo que no final das contas essa expressão signifique José assemelhar-se cada vez mais às máquinas que opera, à sua estafa física e mental, à reivindicação por melhores salários, à venda das férias, do décimo terceiro, etc.

O discurso e o uso estratégico da linguagem por parte do encarregado de José adquirem, além de incentivador, também um ar *paternal*:

Estou passado com a notícia da internação do pai. Eu sabia que não era normal aquele escarro raiado de sangue, eu sabia. Tuberculose, quem diria. Queria muito estar aí, do lado da senhora e do pai, para tentar ajudar em alguma coisa, mas fui falar com o seu Volfe, que tem sido como um pai pra mim, e ele me tirou da cabeça largar tudo aqui e voltar aí para Cataguases. Ele falou

que agora, mais do que nunca, vocês precisam de mim aqui para poder mandar um dinheiro para a senhora poder sustentar a Lúcia e o Luizinho. Ele até me disse que vai adiantar aquele aumento no meu salário, que na folha de pagamento deste mês eu já vou ter o aumento e aí fiquei sem saber o que fazer (RUFFATO, 2012, p. 45).

Percebemos que a dominação por meio de um posicionamento e discurso patriarcais pode atingir resultados ainda mais rápidos e satisfatórios se as condições sociais e familiares da vítima manipulada estão em turbulência e se encontram instáveis.

Então, a fala desses manipuladores se transveste de argumentos que veem ao encontro dos anseios do trabalhador, transformando-se em “soluções” para os seus problemas, que, coincidentemente, trazem consigo os imperativos de que quanto mais se dedicar ao trabalho mais condições econômicas terá para auxiliar seus dependentes nas suas necessidades.

O que significa dizer: “agora, mais do que nunca, eu e os donos da fábrica onde você trabalha desejamos que você dedique todo o seu tempo e esforços para acelerar ainda mais as diferenças existentes entre a sua classe social e a nossa, entre os seus modos de vida e de trabalho e os nossos, pois quanto mais você trabalha mais nós e o capital nos desenvolveremos e enriqueceremos”. Ou seja, os chefes acabam por se aproveitar de suas habilidades discursivas e da fraqueza emocional e psicológica críticas em que se encontram boa parte dos trabalhadores para inculcar-lhes a ideia de dedicação ainda mais descontrolada, impensada e intensiva ao trabalho.

Foi possível verificarmos por meio dos estudos sobre o período fundador da Revolução Industrial que muitos trabalhadores fabris eram obrigados a executar – além de sua jornada diária de trabalho – também horas extras. Com o personagem José Célio a situação não é diversa, e as consequências desse acúmulo de funções em decorrência do cumprimento das horas extras assim como a venda de férias tornam-se degradantes para seu organismo.

O filósofo e economista escocês Adam Smith, em seu livro *A riqueza das nações: da causa do aprimoramento das forças produtivas do trabalho e a ordem segundo a qual sua produção é naturalmente distribuída entre as diversas categorias do povo* (2011) nos apresenta considerações bastante pertinentes que reiteram aquelas expostas por Paul Lafargue.

Não necessariamente reivindicando o direito à preguiça, mas observando as consequências de uma jornada excessiva de trabalho na

vida do operário, Smith chama a atenção para os perigos decorrentes da falta de repouso e recreação.

O salário que o trabalhador recebe é um estímulo para a realização de suas funções. “A esperança confortante de melhorar sua condição, e de terminar seus dias, talvez em tranquilidade e abundância, [...] o anima em empenhar suas forças ao máximo” (SMITH, 2011, p. 80). Essa dedicação será ainda maior quando os salários são maiores. No caso de Célio seu saldo será maior na medida em que fizer horas extras e vender suas férias. “Quando os salários são altos nós encontraremos os trabalhadores sempre mais ativos, diligentes e dispostos do que quando são baixos” (SMITH, 2011, p. 80).

Essas afirmações de Smith, no que se refere aos anseios do trabalhador em ter uma mínima estabilidade futura, podem ser verificadas por meio da fala de José em carta escrita à mãe, quando afirma que “lá na firma a gente tá fazendo hora extra e, do jeito que as coisas vão, se Deus quiser logo logo eu vou ter um pé de meia” (RUFFATO, 2012, p. 37). Com o dinheiro das economias de seu trabalho Célio consegue – com muito sacrifício – comprar um terreno para em breve se casar. Expectativa que acaba sendo frustrada em decorrência do fim do namoro com Esmeralda.

A venda das férias do rapaz, mais do que ser destinada às suas economias, também serve para ajudar os familiares nos gastos diversos relacionados aos estudos dos irmãos, às despesas do casamento de sua irmã e ao tratamento de saúde do pai: “a senhora deve estar gastando muito com essas viagens [...] já conversei aqui na firma e vou vender 15 dias de férias para ajudar aí” (RUFFATO, 2012, p. 107).

De acordo com Smith, o anseio por um ganho maior frequentemente faz com que os assalariados se disponham a trabalhar mais do que deveriam e conseqüentemente prejudicar a saúde em decorrência do excesso de funções. Um trabalho intenso tanto físico quanto intelectual, executado por dias seguidos, causa uma grande necessidade no homem de descanso, que se não for respeitado pode ter conseqüências irreversíveis.

Mais do que uma necessidade, é um imperativo da natureza, que para ser atendido exige o lazer, não sendo suficiente o relaxamento. Se não ocorre, os efeitos podem ser danosos e inclusive fatais, pois mais cedo ou mais tarde trazem consigo doenças características da função.

Além de Lafargue e Smith, caberia citar uma obra contemporânea, *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho* (2002), no capítulo denominado “Tempo de trabalho e tempo livre: por uma vida cheia de sentido dentro e fora do

trabalho”, em que o pesquisador Ricardo Antunes faz algumas considerações substancialmente importantes sobre o assunto.

De acordo com o sociólogo, nos dias atuais a redução da jornada diária de trabalho ganha ainda mais peso, pois se mostra como um mecanismo importante para diminuir a falta de emprego que atinge um número bastante elevado tanto de trabalhadores como de trabalhadoras. Destaca também que essa formulação transcende a esfera imediata, pois a discussão está ancorada no universo da vida cotidiana, o que leva para uma reflexão muito mais aprofundada “sobre o tempo, o tempo de trabalho [...] e o tempo de vida (bem como) o afloramento de uma vida dotada de sentido fora do trabalho” (ANTUNES, 2002, p. 174).

No romance aparecem restos da voz de José Célio exprimindo a exaustão e extinção de suas forças físicas e psicológicas. Sentindo a ausência do filho, a mãe reivindica um sinal de vida, ao que José justifica: “desculpe a demora em responder, mas chego tão cansado do trabalho que não tenho força para mais nada” (RUFFATO, 2012, p. 57).

Em outros momentos, parece que mais do que tentar se explicar à mãe, José arranca de dentro do peito um último suspiro, um grito, um desabafo triste, desconsolado, descontrolado que ecoa da seguinte maneira: “desculpe esse desabafo, mas não tenho mais ninguém com quem conversar. Não tenho amigos de verdade aqui, e a única coisa que tenho feito é trabalhar, trabalhar e trabalhar” (RUFFATO, 2012, p. 74-75).

Smith destaca que se os chefes atentassem para as vozes da sensatez, da justiça e da razão, aconselhariam seus funcionários e moderar a devoção ao trabalho ao invés de incentivá-la. Um tipo de atividade em que o homem se dedique com moderação, respeitando seu corpo e sua mente, certamente fará com que trabalhe de modo contínuo, preservando sua saúde ao longo dos anos e conseqüentemente tendo uma maior qualidade não apenas no resultado de suas atividades, mas também em sua qualidade de vida.

José Célio é a representação da maioria dos trabalhadores fabris que se encontram nas mesmas situações e condições de vida e de trabalho que as suas. Mais do que sujeitos degradados, são “fantoques humanos” facilmente manipulados por meio da linguagem de seus patrões e do sistema capitalista. E é desse modo que a metáfora do trabalho mecânico, repetitivo e seriado soará quase que ironicamente na expressão “trabalhar, trabalhar e trabalhar” (RUFFATO, 2012, p. 75).

Tal é o tempo que José passa inserido na fábrica onde trabalha cumprindo horas a mais, vendendo suas férias e cumprindo metas desconhecidas, que se robotiza, torna-se parte dos mecanismos que opera

num processo de desumanização crescente em que sua vida perde sentido, fundamento e razão de ser. “Isso porque, sob o sistema de metabolismo social do capital, o trabalho que estrutura o capital desestrutura o ser social” (ANTUNES, 2002, p. 182).

E assim nesse caos, fundem-se seus dias, suas noites e seus finais de semana. Sem ter tempo, muito menos disposição e condições financeiras adequadas para buscar uma formação e educação voltadas para o desenvolvimento pleno do indivíduo³⁴, ele buscará, nas poucas horas e oportunidades que lhe sobram entreter-se com os jogos de futebol, passeios no zoológico, idas ao cinema e outras atividades entre amigos.

4.3 FUSCA AMARELO COLÔNIA

Neste romance percebemos a predominância da família, caracterizada pelo tipo patriarcal e monogâmica representada por meio dos pais e irmãos de José Célio³⁵. E, apesar de aparentemente ela seguir os moldes tradicionais no tocante às funções desempenhadas pelos seus membros, é importante destacar que aqui cabe à mulher – ou seja, a matriarca – arcar com as maiores despesas destinadas ao sustento da família, que é provido através da lavagem de roupas.

Meu sonho é a senhora deixar de lavar roupa para fora, mas eu sei que a senhora não abre mão de ter um dinheirinho sem precisar de recorrer ao pai. Mais acho que a senhora podia pelo menos pensar em largar umas trouxas, diminuir a jornada, sei lá. Pense nisso (RUFFATO, 2012, p. 103-104).

Ao patriarca, cabe – quando pode – auxiliar a mulher no orçamento com a venda de doces:

O pai então tá retomando aos poucos? Graças a Deus ele é forte. Não parece, mas é um leão. Sempre foi, não é mesmo? Eu não lembrava dessa fábrica de casquinha de canudo da dona Eusébia não. Se for para o bem dele, se não fizer mal, acho que ele está certo em vender as casquinhas sim. Passa o tempo e ainda ajuda um pouco nas contas de casa (RUFFATO, 2012, p. 64).

³⁴Como, por exemplo: teatro, literatura, pintura, escultura, intercâmbios, etc.

³⁵A mãe, o pai, José Célio e os irmãos Lúcia e Luiz.

Isso ocorre porque sua saúde encontra-se constantemente debilitada em decorrência da tuberculose.

Estou passado com a notícia da internação do pai. Eu sabia que não era normal aquele escarro raiado de sangue, eu sabia. Tuberculose, quem diria (RUFFATO, 2012, p. 45). Esse negócio de falta de ar do pai é serio. Será que é coração? Ele já voltou no médico? Pode ser que a tuberculose tenha voltado também, porque aqueles escarros de sangue são parecidos com aquela época que ele teve tuberculose (RUFFATO, 2012, p. 102).

E se na conjuntura do meio rural e do desenvolvimento fabril do fim do século XVIII e início do século XIX as crianças representavam um ganho extra no fim do mês porque trabalhavam praticamente nas mesmas condições e nos mesmos espaços que seus pais, com o decorrer dos anos esta situação começa a ganhar uma nova dimensão, na medida em que os pequenos não são mais vistos como miniadultos e sim crianças que demandam não apenas cuidados especiais no que se refere à alimentação e moradia, mas também atenção e investimentos em outras esferas igualmente importantes, como: escolaridade, recreação, lazer, descanso, privacidade, afetividade, cultura, etc.

E é neste novo contexto que José Célio desempenhará várias funções. Ele será o substituto do pai no papel de provedor financeiro do lar e atuará também como o agente mediador e responsável econômica e psicologicamente na manutenção e no custeio da educação básica de seus irmãos mais novos.

Luizinho então já passou de ano? Esse menino vai longe! [...] Agora ele tem que ter incentivo [...] a senhora deve sempre falar com ele sobre isso, para ele se esforçar nos estudos, que é a única maneira da gente subir na vida (RUFFATO, 2012, p. 64-65). Eu fiquei muito triste com essa notícia de que a Lúcia não está mais indo à escola. Ela pelo menos podia tirar a oitava série, porque hoje em dia sem estudo a gente não é nada [...] e a Lúcia abandonando os estudos. Não dá pra entender. Quando ela perceber a burrada que está fazendo, aí já será tarde. A senhora sabe, daqui a pouco ela casa, vem os filhos, os compromissos, nunca mais vai ter tempo pra nada. Eu vou escrever pra ela, vamos ver se adianta alguma coisa (RUFFATO, 2012, p. 61).

Este estreitamento com os familiares intensifica-se a partir do momento em que ele passa a viver na metrópole e ter acesso aos poucos produtos que seu salário permite comprar. Ele representa o elo entre a cidade e o campo, ou seja, entre si e seus familiares, materializado na forma de “agrados”, lembrancinhas e *souvenirs* que ele enviará sempre que puder aos seus parentes.

Importante frisar que esses objetos passam a significar muito mais do que presentes ou mimos, pois eles podem ser pensados a partir de três ângulos distintos. Primeiro, é um meio bastante significativo e simbólico da autoafirmação moral, social e econômica de José Célio, que ele faz questão de estender à sua família. Segundo, mostra como o rapaz é facilmente influenciável pelo contexto da cidade grande e do “universo das aparências”, tão marcado no sistema capitalista vigente, que condiciona a aceitação do indivíduo não pelo que de fato ele é – ou seja, sua essência, valores, memória, identidade, educação e cultura, mas por aquilo que ele aparenta ser, no visível, na estética – logo, naquilo que veste, compra, vende e os lugares que frequenta.

Uma terceira interpretação nos mostra a incorporação de “novas necessidades”³⁶ – antes inexistentes na família do rapaz – que só serão afloradas e desenvolvidas a partir do momento que ele passa a ser o mediador entre os modos de consumo metropolitano em relação aos do meio rural. Como exemplos, tem-se:

1. A bola dente de leite.

Mãe, estou mandando um dinheirinho junto com essa carta. Queria que a senhora pegasse e comprasse uma bola dente de leite para o Luizinho. Eu sei o quanto é importante a gente ter uma bola só nossa, porque impõe respeito e nesse mundo só vence quem impõe respeito nos outros (RUFFATO, 2012, p. 60).

2. A camisa oficial do time de futebol.

Não fala para o Luizinho não, mas estou levando para ele uma camisa do Palmeiras, oficial, e um par de chuteiras oficial também, que ninguém em

³⁶Conforme apontado no início deste capítulo por meio do estudo de Antonio Candido.

Cataguases deve ter. Ele vai ficar doido (RUFFATO, 2012, p. 95).

3. A organização e custeio dos preparativos para o casamento da irmã.

Pelo menos tem a notícia boa do casamento da Lúcia. Vou economizar para bancar a festa dela. Quero que a igreja esteja toda enfeitada e já até conversei com o padre Rodolfo, da Igreja de São José Operário, já acertei com ele que o pessoal do grupo de jovens dele vai cantar no casamento. A festa vai ser no Aexas, deixa comigo, eu conheço o pessoal de lá, é tudo colega meu da época do Senai. Tudo por minha conta. A senhora vai ver, vai ser coisa de gente rica (RUFFATO, 2012, p. 102-103).

4. O cordão de ouro.

Não fala para a Lúcia não, mas vou enviar um cordãozinho de ouro para ela no aniversário dela. Tem um colega do Nilson que vai aí para Cataguases em junho e já falou que leva umas encomendas [...] A Lúcia então ficou feliz com o cordãozinho de ouro! A moça da loja que eu pedi para me ajudar a escolher falou mesmo que ela ia gostar. Mulher entende mulher, é o que sempre digo (RUFFATO, 2012, p. 38-40).

5. O relógio.

estou pensando em comprar um relógio de pulso para o pai, o que a senhora acha? Outro dia vi um, de pulseira de aço, muito bonito. Será que o pai ia gostar? [...] Então vou levar o relógio para o pai no Natal (RUFFATO, 2012, p. 62-63).

6. Assim como a ida da família aos melhores estabelecimentos de beleza da cidade.

Então, agora [...] vamos pensar no casamento. O que é que está faltando ainda? Eu vou chegar aí no sábado, dia 15, de manhã. Vou ter uma semana para resolver as pendências que ainda tiver. E quero que a senhora marque cabeleireiro, manicure e pedicure para a senhora e para a Lúcia, da melhor que tiver aí, e não com essas meninas que fazem unha aí do Paraíso não. Quero salão lá da rua, daqueles chiques, que o povo rico de Cataguases frequenta. Mãe, por favor, eu faço questão disso, muita questão mesmo. E fala para o Luizinho para ir preparando porque nós dois vamos naquele salão de barbeiro ali da praça Rui Barbosa cortar cabelo e fazer limpeza de pele. Nós dois. Vamos arrancar aquela espinharia da cara dele (RUFFATO, 2012, p. 109-110).

Referente a essas questões, Ricardo Antunes destaca que o tempo livre que existe na atualidade é um “tempo para consumir mercadorias, sejam elas materiais ou imateriais [de modo que] o tempo fora do trabalho também está bastante poluído pelo fetichismo da mercadoria” (ANTUNES, 2002, p. 194).

Convém expor outras atitudes de José Célio que mais do que influir na superficialidade das aparências, denotam uma grande preocupação do rapaz com a infraestrutura da casa onde residem seus pais e conseqüentemente com o conforto da família.

Refiro-me às reformas no imóvel e a aquisição de alguns eletrodomésticos se fazem notar por meio da pintura das paredes, na compra da geladeira, do rádio, na tentativa da aquisição de uma máquina de costura, assim como nas constantes ajudas financeiras enviadas à mãe junto com as correspondências.

Fica claro que mais do que nutrir um cuidado e um apreço especial para melhorar o bem-estar aparente dos seus consanguíneos, José também se empenha em investir naquilo que não é perceptível aos olhos alheios, ou seja, à ótica da sociedade em que está inserido.

E se as esferas sociais e econômicas atuais coexistem com as

relações de poder, num cenário darwinista em que o mais forte sobrevive, não é muito diverso o que ocorre quando o assunto é a questão do relacionamento afetivo – neste caso, especificamente, entre homem e mulher. A esse respeito convém destacar algumas características da personagem Esmeralda e a relação existente entre a moça e seus dois pretendentes a marido.

Ela é filha de migrantes cearenses que se deslocaram para São Paulo em busca de melhores perspectivas de vida e de trabalho:

Mãe, a viagem foi muito boa. Conheci os parentes da Nena lá em Irauçuba, na verdade num lugar chamado Capim Açú. É gente que não acaba mais e ainda me falaram que tinha muito mais, mas que foram embora por causa da seca e estão espalhados por esse mundão de meu Deus. Fiquei impressionado com a miséria lá. Para todo lado que a gente olha é seco. Não tem água direito para beber, não tem comida, não tem nada. Não sei como aquele povo vive lá (RUFFATO, 2012, p. 79).

Nessa região a coexistência da miséria com o fracasso parecem ser condicionantes sociais politicamente insolúveis:

Não sei como aquele povo vive lá. O pessoal diz que é de teimosia. Dá uma pena danada, uns boizinhos magros, uns cachorros magros, uns meninos tudo barrigudo. Andei conversando muito com o Fabinho. [...] O Fabinho é um sujeito inteligente pra chuchu. Ele me falou que a culpa daquela miséria lá é dos maiorais. Que quando o governo manda mantimentos para os flagelados, os chefões ficam tudo pra eles. E o povo tem que descer nos paus-de-arara para São Paulo senão morre de fome. Fiquei pensando nisso na volta. É muito revoltante mesmo (RUFFATO, 2012, p. 79-80).

Esmeralda passa a ter o pai (Válter) e o irmão (Fabinho) ocupados nas funções de operários da indústria paulista e é por intermédio deles que ela conhece o primeiro aspirante ao posto de esposo: José Célio.

Esmeralda e José começam um idílio que rapidamente se desfaz pelas incompatibilidades ideológicas em relação ao futuro. E se em um primeiro momento ele visualiza nela o perfil da mulher dos seus sonhos, que cuidará de si, da casa e dos filhos, com o passar do tempo vê suas expectativas lentamente sendo frustradas ao perceber que a jovem tem

como objetivos principais dar prosseguimento aos estudos, conquistar o certificado de um curso superior, ter um emprego formal e adquirir a tão sonhada independência pessoal e financeira³⁷.

Percebemos, assim, que apesar de Célio viver durante anos em São Paulo e se deslocar cotidianamente para o trabalho e raramente para o lazer, deseja para si uma esposa que siga os mesmos modos de vida e de trabalho vivenciados por ele no período da infância e da juventude – típicos do meio rural.

Isso significa dizer uma mulher que – além de se dedicar para a manutenção do lar, do marido e dos filhos, tenha um perfil que se assemelhe ao de sua mãe – pois na concepção do rapaz a futura esposa não deve dar prosseguimento à sua formação pessoal e profissional, tampouco assumir compromissos diários com atividades laborais que extrapolem o âmbito doméstico. Soma-se a isso o fato de que a aspirante deve possuir um modo de vida pacato e conservador em que a estrutura familiar seja o núcleo principal e predominante sobre quaisquer outras esferas.

E se, por um lado, essas atitudes são justificáveis pelo meio em que o rapaz foi criado durante a primeira idade, na concepção de que cabe ao homem ser o mantenedor econômico enquanto que à mulher é reservada a função de cuidadora do lar, por outro lado não é de causar espanto o fato de que ele queira para si, para sua futura companheira e para seus descendentes uma vida que não privilegie a profissionalização e o acúmulo de bens e de capital.

Esse comportamento em parte também se explica ao observarmos algumas características marcantes no aspecto psicológico do rapaz, especificamente no que se refere à questão da falta da autoestima e à sua não adaptação à cidade grande.

José Célio carrega consigo fortes traços vivenciais e de

³⁷Figura feminina oposta a Esmeralda encontramos no romance brasileiro da década de 70 *A hora da estrela* (1998) de Clarice Lispector. Caracterizada como uma matéria vivente, anônima, insignificante e feia, a jovem alagoana Macabéa vive seus dias na cidade do Rio de Janeiro sem muita vontade própria, ambição, esperanças ou planos para o futuro. Dependendo dos outros para dar sentido a sua existência, acreditada em tudo o que ouve e faz o que lhe mandam. Vai ao cinema quando recebe o salário, nunca comeu em um restaurante e não faz questão de olhar no espelho para descobrir seu ser. É datilógrafa de formação e seu namorado – também nordestino – Olímpio de Jesus Moreira Chaves, operário em uma metalúrgica. Ao contrário da cearense Esmeralda, Macabéa aceita passivamente sua realidade, sem interesse e motivação para questioná-la ou alterá-la. Sente orgulho de sua profissão e a de seu par. “ ‘ Metalúrgico e datilógrafa’ formavam um casal de classe” (LISPECTOR, 1998, p. 45). Um de seus únicos anseios é tornar-se noiva, casar e constituir uma família com Olímpio-operário.

personalidade do tempo em que viveu nos arredores do campo e que, apesar de morar durante anos na metrópole e persistir no processo de adaptação, não consegue assimilar a conjuntura urbana em que está inserido. Isso pode ser verificado por meio de seu desabafo em uma das cartas escritas à mãe: “Eu tento me adaptar a tudo, ao emprego, à cidade, às pessoas, mas sinceramente lá no fundo eu continuo um pé-rapado, um zé-ninguém, com medo de tudo e de todos” (RUFFATO, 2012, p. 74).

Essa fala é marcante, pois nos permite ter acesso à angústia do rapaz no que se refere ao seu complexo de inferioridade, que é constantemente nutrido pelos sentimentos de pânico, temor, fraqueza, baixa auto-estima e falta de confiança. Ele próprio se enxerga e se rotula como um ser pequeno, insignificante, desajustado, que não consegue se situar, muito menos se naturalizar em meio ao ambiente citadino. E, ao utilizar as palavras “pé-rapado”, “peão” e “zé-ninguém” para exprimir sua sensação de deslocamento, poderia muito bem utilizar outras de sentido semelhante: caipira, jeca, matuto, caboclo, mocrongo ou roceiro.

Assim, tais pensamentos, posicionamentos e atitudes – longe de colaborarem para uma construção e solidificação de seu relacionamento com Esmeralda – acabam por intensificar ainda mais as discussões, os desentendimentos e as brigas, porque ao invés de cultivar sentimentos como segurança, equilíbrio, sensatez, e autoestima, José cria em torno de si uma imagem que reforça a negatividade e o fracasso. E, como ele não pode oferecer o que não tem, é inevitável que todas estas manifestações acabem por culminar no término da relação.

Tenho uma notícia muito ruim para dar para a senhora e para o pai. Eu e a Nena terminamos o namoro. E é para sempre mesmo. Já até comunicamos para o seu Válter e a dona Germana, foi um baque para eles, principalmente para o seu Válter, porque pra mim a dona Germana já até torcia para isso [...]. A coisa vinha arrastando tinha muito tempo e eu e a Nena não conseguíamos mais nem conversar direito. Era só briga, briga, briga [...] ela acabou me falando que tinha dúvida se queria mesmo casar, porque pensava em continuar os estudos e que queria sair de Diadema, morar em São Paulo, etc. Aí fiquei nervoso e perguntei para ela se eu tinha cara de palhaço, que depois de todo esse tempo ela

vinha com essa conversa fiada, e que esperou eu comprar o terreno para vim me falar isso (RUFFATO, 2012, p. 87-88).

Referente ao segundo candidato ao “posto” de esposo de Esmeralda — que ela acaba namorando logo após o fim do relacionamento com José Célio — temos poucas informações. O romance não nos fornece dados sobre como se deu o primeiro contato da moça com o jovem, tampouco nos é informado seu nome e sobrenome, características físicas ou psicológicas. De modo que cabe totalmente ao leitor a função de imaginar sua provável estatura, idade, cor, peso, personalidade, atitudes, reações, manias, qualidades e defeitos, bem como sua origem, nacionalidade e lugar de residência.

Temos, no entanto, alguma informação sobre o segundo candidato. Ele é “um rapaz que trabalha no escritório da Volks” (RUFFATO, 2012, p. 106) e que aproximadamente dois anos depois do início do namoro acaba casando-se com Esmeralda:

Mãe, a senhora não sabe da maior! A Nena vai casar. O Fabinho me falou na semana retrasada e eu perguntei se ela não vai me mandar convite. Ele desconversou, mas já planejei tudo: mesmo que ela me mande convite eu não vou não. Mas vou comprar um presente daqueles pra ela. Um liquidificador ou uma batedeira elétrica, alguma coisa que ela vai ter que usar sempre e sempre que usar vai lembrar que fui eu que dei de presente. Apesar de tudo, eu gosto dela. É uma pessoa boa, só que tem aquele nariz empinado, pensa que é melhor do que os outros. Vai apanhar muito da vida (RUFFATO, 2012, p. 116).

Essas informações por si só, oferece-nos poucas ferramentas para uma leitura mais substancial. Mas podemos ainda que sucintamente, trazer à tona algumas questões históricas bastante específicas sobre a instalação de empresas no Brasil do período pré 1970 que podem colaborar para a caracterização deste personagem.

Octavio Ianni³⁸, no seu livro *O colapso do populismo no Brasil* (1968), cita um estudo intitulado *Grupos Multibilionários*, realizado por Maurício Vinhas de Queiroz. Nesta pesquisa é possível observarmos alguns fatos históricos referentes às décadas de 50 e 60 sobre o perfil da

³⁸Foi um importante sociólogo brasileiro. Professor da Universidade de São Paulo — USP, era um pensador devotado à compreensão das desigualdades sociais, das injustiças a elas relacionadas, bem como aos modos de superá-las.

economia e dos países investidores – especificamente na região de São Paulo.

De acordo com Ianni, nessa época os grupos estrangeiros são os predominantes nas atividades econômicas no país, principalmente no setor secundário³⁹ – considerado o mais dinâmico.

Perante essa constatação e de acordo com as considerações de Queiroz, é possível destacarmos algumas características principais no que se refere aos resultados da pesquisa:

- a) Os grupos multibilionários, em sua maior parte (52,7%), são estrangeiros;
- b) Via de regra, os grupos multibilionários nacionais são anteriores à guerra de 1914-18, enquanto os estrangeiros – se bem sejam numerosas as exceções – se instalaram mais recentemente;
- c) Os grupos multibilionários estrangeiros são, em sua maior parte, norte-americanos; em seguida, vêm os alemães, os ingleses e os franceses, justamente nessa ordem;
- d) Todo grupo estrangeiro é por definição gerencial, enquanto, nos grupos nacionais, a família do empresário e outras relacionadas com este jogam papel de importância;
- e) Mais frequentemente, nos grupos estrangeiros, os diretores, em sua maioria, são estrangeiros, e os cargos mais importantes são também ocupados por estrangeiros (QUEIROZ, 1965 apud IANNI, 1968, p. 172-173).

Tendo como base a reunião das informações acima, é possível realizar algumas considerações: a porcentagem maior de investidores no Brasil dessa época era principalmente estrangeira, investiam

³⁹O setor secundário é o setor da economia que transforma matéria-prima, extraídas e/ou produzida pelo setor primário em produtos de consumo, ou em máquinas industriais (produtos a serem utilizados por outros estabelecimentos do setor secundário). Geralmente apresenta porcentagens bastante relevantes nas sociedades desenvolvidas. É nesse setor que a matéria-prima é transformada em um produto manufaturado. A indústria e a construção civil são, portanto, atividades desse setor. A indústria é a atividade mais importante do setor secundário. Também é importante neste setor o fornecimento de água, gás e eletricidade. Divisões: fábricas automobilísticas, indústria alimentícia, indústria naval, indústria cervejeira, fábricas aeroespaciais, indústria química, fábricas de confecções, indústria de eletrônicos, indústria de cigarros, indústria de maquinaria, indústria de aço, indústria de energia como petróleo, gás e energia elétrica, indústria de telecomunicações. Disponível em <<http://goo.gl/oOoDo4>>. Acesso em: 29 junho 2014.

maciçamente na região paulista, tinham uma administração de tipo *gerencial* e seus melhores cargos também eram assumidos por profissionais advindos de outros países. E um exemplo de empresa que se enquadra neste tipo de perfil é a da indústria automobilística alemã Volkswagen.

No Brasil a história da Volkswagen começa em 23 de março de 1953, em um pequeno armazém alugado na Rua do Manifesto, no bairro Ipiranga, em São Paulo. Foi deste local que saíram os primeiros Fuscas feitos então com peças importadas da Alemanha. A força de trabalho da época era formada por 12 empregados.

A primeira fábrica própria da empresa, construída em São Bernardo do Campo (1959), foi também a primeira marca fora da Alemanha. Contando com 21 mil funcionários e outras três fábricas no país (Taubaté, São Carlos e São José dos Pinhais), esta indústria é hoje uma das maiores montadoras no Brasil e também a maior exportadora do segmento automotivo⁴⁰.

Se somarmos as informações do estudo de Queiroz, assim como os dados sobre a história da empresa Volkswagen e confrontarmos com a pista apresentada na ficção de Ruffato – por meio da afirmação de que o namorado de Esmeralda é “um rapaz que trabalha no escritório da Volks” (RUFFATO, 2012, p. 106), podemos pressupor que existem duas grandes probabilidades.

A primeira delas é a de que esse jovem não seja de nacionalidade brasileira – e sim alemã –, uma vez que os cargos mais elevados das empresas multinacionais que se instalavam nas regiões de São Paulo a partir dessa época, eram ocupados por funcionários estrangeiros.

Sendo alemão, nosso pensamento direciona nossa imaginação para o universo germânico e a algumas características – positivas e negativas – relacionadas à composição geral da cultura desse povo, como por exemplo: a tradição do trabalho árduo e prolongado, a higiene e organização no ambiente familiar, a rigorosidade da disciplina e da pontualidade, a rica culinária na mistura do doce com o salgado, ao povo que tem no seu processo histórico a Cultura como característica fortemente marcante⁴¹, bem como, às negativas históricas referentes ao

⁴⁰Disponível em <<http://goo.gl/cJjWMq>>. Acesso em: 29 junho 2014.

⁴¹Se olharmos para os principais processos históricos da Inglaterra, da França e da Alemanha, perceberemos que a primeira se destaca no que se refere à questão do trabalho industrial, do desenvolvimento fabril, da máquina a vapor, da ampliação das estradas de ferro, da exploração das minas de carvão e da expansão mundial de mercadorias. A França se faz lembrar pelas questões fortemente ideológicas, no que diz respeito à revolução pela conquista de direitos, a não aceitação do sistema feudal e à luta pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade. No caso da Alemanha a cultura

nazismo, holocausto, Hitler e a Segunda Guerra Mundial.

A segunda probabilidade, longe de se confrontar com a primeira, é convergente com a primeira, pois mesmo que o jovem não seja de nacionalidade alemã, isso não invalida o fato de que ocupe um alto posto de trabalho, visto que as exigências para desempenhar suas atividades em um escritório de uma multinacional reconhecida em âmbito mundial não devem ser pequenas, tampouco triviais.

Podendo desenvolver funções como administrador ou gerente, é um tipo de cargo em que o trabalho formal predomina sobre o informal, e atividades como: o raciocínio, o pensamento, a tomada de atitudes e o posicionamento perante decisões devam ser exercícios intelectuais cotidianos, precisos e certos.

Esses fatos nos levam igualmente a supor que pelo posto de trabalho que desempenha, esse rapaz deva receber um salário que se estabeleça acima dos mínimos. E se acaso essa condição não possibilite a ele ter uma estabilidade econômica imediata, ao menos faz com que não se encontre em uma situação em que a questão financeira seja um problema tão premente, tampouco uma luta que deva ser travada diariamente em prol do sustento.

Perante essas informações, é impossível não compararmos os perfis de José Célio e o “rapaz da Volks” e não nos questionarmos a respeito da decisão de Esmeralda em prol do segundo.

Se escolhesse José Célio, ela saberia que teria de conviver com as incompatibilidades de personalidade existentes entre ambos, além de aceitar a realidade de um homem que, possuindo um tipo de formação voltada exclusivamente para o trabalho braçal, tem seus dias cotidianamente mutilados por uma atividade laboral realizada no chão de uma fábrica e que demandam muito mais do corpo do que da mente para executar suas funções.

Além do fato de que ela estaria reproduzindo em sua vida a mesma rotina de vida e de trabalho vivenciada por sua família. Isto equivale a dizer, uma existência calcada no trabalho árduo, nas economias e nas privações constantes e de toda ordem, visto que nem nascimento e/ou formação foram capazes de proporcionar ao José-operário a oportunidade de ascender social e economicamente.

Recusando-se a casar com Célio, Esmeralda não estaria rompendo com a possibilidade de traçar o mesmo futuro que a mãe, tendo o marido e o filho operários? “Falei que a Nena tinha vergonha de mim, porque

se faz inerente a diversos nomes de intelectuais e artistas conhecidos não apenas em âmbito local mas, internacionalmente, como é o caso de: Nietzsche (Filosofia); Goethe (poesia, romance) e Pachelbel, Bach, Beethoven e Mozart (música).

eu era peão, e que o pai dela também era peão e o irmão também, então ela tinha é vergonha de nós todos, um pandemônio” (RUFFATO, 2012, p. 88).

Ocorre com Esmeralda um antagonismo e um rompimento de classe, pois ao mesmo tempo em que é filha do seio operário, é sustentada com o salário que o pai e o irmão ganham como trabalhadores fabris. E, percebendo a intenção de José Célio de estreitar os laços afetivos com ela – dando a entender que em breve a pedirá em casamento – Esmeralda se recusa a prolongar o namoro e termina o relacionamento.

É um rompimento não apenas do idílio, mas com uma classe social que representa não apenas a pobreza, mas uma vida de privações: na luta diária pelo sustento, nos baixos salários, na economia diária para se chegar ao final do mês, em um modo de vida conservador e na centralização da família. Tendo a opção de escolher seu futuro marido, Esmeralda opta por aquele que representa uma probabilidade maior de sucesso, dinheiro, consumo, prestígio e poder⁴².

Ao lado de Esmeralda há outra personagem feminina que possui características bastante peculiares e que nos chamam a atenção. Trata-se de Lúcia, irmã de José Célio.

Criada no mesmo ambiente pacato e interiorano em que se desenvolveu o irmão mais velho, Lúcia presencia todas as alegrias, tristezas, exemplos e influências decorrentes da vida familiar. Diferente dos irmãos – que acabam por desenvolver um grande prazer aliado ao esforço e dedicação para ter acesso ao mais precário do que há em termos de formação humana e profissional – ela acaba por ir na contramão desses sacrifícios e aptidões, uma vez que nem as primeiras letras tampouco os escassos números aprendidos nas séries iniciais, significam para si as sementes que poderiam futuramente desenvolver-se em flores e frutos.

⁴²O perfil psicológico de Esmeralda, aliado à questão da escolha do segundo pretendente a marido, nos traz à mente uma personagem criada por Machado de Assis em meados do século XIX chamada Guiomar, pois tendo que escolher um entre três pretendentes a esposa: Estevão, Jorge ou Luis Alves, opta pelo terceiro.

A escolha não é vã, uma vez que a jovem visualiza em Luiz Alves não apenas a determinação e a ambição de seu próprio caráter, mas também a força e o poder da posição de advogado e deputado – altamente situado social e economicamente.

Visto ter a possibilidade de unir seus anseios afetivos com uma posição social de grande prestígio, distinção e notabilidade, não hesita em ajustar “A mão e a luva”.

“E, posto que sua natureza exigia e amava essas flores do coração, mas não havia de esperar que as fosse colher em sítios agrestes e nus, nem nos ramos do arbusto modesto plantado em frente de janela rústica. Ela queria-as belas e vistosas, mas em vaso de Sèvres, sobre móvel raro, entre duas janelas urbanas, franqueando o dito vaso e as ditas flores pelas cortinas de caxemira, que deviam arrastar as pontas da alcatifa no chão” (ASSIS, 1997b, p. 82).

E, tendo impacto diverso ao que teve na vida dos irmãos Célio e Luiz, todo o universo do aprendizado e do conhecimento acabaram por se tornar cada vez mais hostis tanto ao seu gosto quanto ao intelecto. Por isso, não causa estranhamento o fato da moça almejar para si um futuro que não dependa nem do conhecimento científico – que não possui e que não pretende adquirir –, tampouco seguir os passos da mãe no trabalho doméstico, visto que essa função demandaria um trabalho físico extremamente desgastante e árduo, que está longe de querer desempenhar.

É no casamento com um homem abastado que ela vê a possibilidade de seus desejos mais íntimos serem realizados: por meio do conforto, proteção e sustento. E como toda empreitada – acertada ou equivocada – que demande mais ou menos esforço, Lúcia não se importa em parar seus estudos e trabalhar em uma Manufatora, cujo precário salário lhe possibilite “investir” mais na sua aparência física a fim de tornar-se mais atraente aos olhos masculinos e consequentemente aos aspirantes mantenedores de seu futuro lar.

A Lúcia é muito topetuda. A senhora acredita que ela me escreveu uma carta falando que não é pra eu me meter na vida dela não, que ela é dona do nariz dela. Fiquei muito chateado, porque eu só queria ajudar, a senhora sabe. A gente tem mais experiência, sabe que as coisas não são fáceis. De que adianta ela ter arrumado emprego na Manufatora, para ganhar aquela mixaria que eles pagam lá? Diz ela que com o salário vai poder andar mais arrumadinha e que logo logo ela arranja um marido rico e casa e ninguém vai mais poder encher ela. Quanta ilusão! Vai ficar batendo cartão a vida inteira, coitada. Mas, se ela quer assim, problema dela. Não falo mais nada (RUFFATO, 2012, p. 64).

Lúcia não se importa que todos saibam da sua intenção, tampouco faz caso dos conselhos de José para que invista em si e no seu porvir pessoal e profissional.

A irmã de José almeja, portanto, um tipo de *casamento* que poderia muito bem ser designado como *negócio*, ou *troca* entre os pretendentes, uma vez que a curto, médio ou longo prazo, a mulher passa a oferecer não apenas seu corpo, mas também seu espírito – em um acordo mais ou menos explícito – em que o homem lhe recompensa com segurança, bens, ociosidade, lazer, e estabilidade econômica e social.

Esse tipo de tratado tem se mantido ao longo da história, com as

devidas adaptações de cada época. De modo que as conveniências das famílias dos noivos ou deles mesmos prevalecem sob quaisquer circunstâncias ‘secundárias’ como: companheirismo, lealdade, cumplicidade, afeição, dignidade, respeito, tolerância, paciência e admiração. Tendo se aperfeiçoado cada vez mais ao longo dos anos, tal modelo permanece até os dias atuais, moldando-se e lapidando-se à estrutura e à roupagem da sociedade capitalista atual.

A inversão constante e contínua dos valores, a falta de uma moral estável e a *Corrosão do caráter*⁴³ faz parecer que um relacionamento superficial, cujos votos matrimoniais de viver na alegria, na saúde e no dinheiro, sejam muito mais atrativos e estimulantes ao corpo e à alma do que conviver e permanecer unidos apesar da tristeza, da enfermidade e das diversas dificuldades que possam surgir. E é nesse contexto que a transformação dos estados físicos da matéria⁴⁴ simboliza uma metáfora da sociedade moderna resultante da Revolução Industrial, do trabalho, da vida e do amor, visto que os sentimentos dos seres humanos também estão em um processo contínuo de transformação de um estado para outro.

Sobre essa temática merece destaque uma passagem presente em

⁴³Título do livro do sociólogo Richard Sennett. De acordo com as palavras do estudioso, “o termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Da confusão de sentimentos em que todos estamos em algum momento em particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres. Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem [...] Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva do tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego [...] o capitalismo de curto prazo corrói o caráter [...] sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável. [...] Durante a maior parte da história humana, as pessoas têm aceito o fato de que suas vidas mudarão de repente devido a guerras, fomes ou outros desastres, e de que terão de improvisar para sobreviver. Nossos pais e avós viveram em grande ansiedade em 1940, depois de suportarem o naufrágio da Grande Depressão, e enfrentando a eminente perspectiva de uma guerra mundial. O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser normal [...] Talvez a corrosão de caracteres seja uma consequência inevitável. ‘Não há mais longo prazo’ desorienta a ação a longo prazo, afrouxa ao laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento” (SENNETT, 2003, p. 10-27-33).

⁴⁴sólido, líquido e gasoso, nesta ordem.

Os sentidos do trabalho (2002), em que Antunes cita Michael Löwy para dizer que “o capitalismo, regulado pelo valor de troca, pelo cálculo dos lucros e pela acumulação do capital, tende a dissolver e a destruir todo valor qualitativo: valores de uso, valores éticos, relações humanas, sentimentos” (LÖWY, 1999 apud ANTUNES, 2002, p. 180).

Sendo uma jovem pobre, sem formação e sem perspectivas vindouras, Lúcia não atrai para si o tão sonhado marido, logo a tão sonhada vida de regalias e aquisições. Conseguir isso seria o mesmo que ganhar na loteria ou achar um tesouro no final do arco-íris, pois seus pais estão anos-luz distantes de seguir ou possuir altos padrões econômicos e influências sociais para atuarem como mediadores e negociadores entre sua filha e a família de um pretendente.

E como depende unicamente de si, e como tem pouco para oferecer como moeda de troca, seus artifícios visuais e sua beleza física são insuficientes para tirá-la de sua condição de pobre semianalfabeta fabril e ascendê-la à condição social e econômica mais privilegiada.

Situação semelhante já podia ser encontrada nos primórdios da sociedade brasileira moderna, tal como a presente no romance *Senhora* (1875), de José de Alencar, com os personagens Aurélia Camargo e Fernando Seixas.

Muito parecida com Lúcia, Aurélia é uma moça pobre, com pouca instrução e filha de uma mãe doente à beira da morte. De modo que a sobrevivência das duas se dá na extrema pobreza, garantida apenas pelas economias deixadas pelo pai antes de morrer. Aurélia sente na pele toda a hipocrisia de interesses ao descobrir que seu noivado com Seixas é rompido graças a um dote de trinta contos de réis.

Com a morte da mãe, a jovem recebe uma herança deixada pelo avô paterno. É a partir de então que Aurélia se transforma em uma mulher “rica e formosa [...] rainha dos salões [...] deusa dos bailes [...] musa dos poetas” (ALENCAR, 1997, p. 13). Sem depender de trabalho, esforço ou mérito Aurélia Camargo ascende socialmente. Essa elevação socio-econômica possibilita-lhe comprar o que quiser. “É minha felicidade que vou comprar” (ALENCAR, 1997, p. 28). Compra então por cem contos de réis o ex-noivo Fernando Seixas.

Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por esse momento (ALENCAR, 1997, p. 65).

Apesar do poderio que o dinheiro lhe traz, Aurélia sabe que é bajulada em todos os círculos sociais que frequenta não por sua pessoa, mas por sua repentina posição e posses:

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa a vassalagem que lhe rendiam. Por isso mesmo considerava o ouro vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis (ALENCAR, 1997, p. 14).

“Fernando Seixas professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade” (ALENCAR, 1997, p. 47). No entanto, no final do romance o próprio Seixas – criado em ambiente tão pobre quanto o de Aurélia – justifica suas antigas atitudes como fruto da própria sociedade em que foi educado:

A sociedade no seio da qual me eduquei, fez de mim um homem à sua feição; o luxo dourava-me os vícios, e eu não via através da fascinação o materialismo a que eles me arrastavam. Habituei-me a considerar a riqueza como a primeira força viva da existência, e os exemplos ensinavam-me que o casamento era um meio tão legítimo de adquiri-la, como a herança e qualquer honesta especulação [...]. Não somente vi-me ameaçado da pobreza, e o que mais me afligia, da pobreza endividado [...] ao mesmo tempo minha mãe, privada dos módicos recursos que meu pai lhe deixara [...] Tudo isso abateu-me. Não me defendo; eu devia resistir e lutar; nada justifica a abdicação da dignidade (ALENCAR, 1997, p. 187-188).

Assim, o destino de Lúcia acaba moldando-se de acordo com a sua realidade, ao casar-se com um jovem trabalhador de idade aproximada à sua, conhecido desde a infância por viver no mesmo vilarejo que a família, trabalhador e de origens e condições sociais humildes.

Gostei muito do Paulinho. Acho que a Lúcia está em boas mãos. Nós lembramos que jogamos muita pelada juntos na época em que a gente

morava na Vila Teresa. Espero que a Lúcia acerte com ele e que eles fiquem juntos [...] O Paulinho é um sujeito sério, honesto e trabalhador. E isso é o que importa [...] O Paulinho estava feito um lorde naquele terno, não é mesmo? Ele veio me agradecer, mas eu falei com ele que a senhora é que tinha dado de presente. Ele acabou acreditando, eu acho (RUFFATO, 2012, p. 92-95-111).

Esmeralda e Lúcia traçam um quadro feminino cujas cores, ao mesmo tempo em que se complementam, destoam uma da outra, de modo que o êxito e o fracasso na ascensão social coexistem paralelamente nas figuras e no comportamento dessas mulheres.

Sendo ambas de famílias humildes, a primeira busca sua independência pessoal, profissional e financeira através do mérito, na busca contínua pelo conhecimento, e apesar de jamais tornarem-se explícitos seus desejos por uma vida diversa daquela vivida pelos seus pais, acaba se unindo a um homem cuja colocação profissional lhe permite o acesso a uma situação econômica-social mais elevada.

A segunda fracassa ao não seguir os conselhos do irmão, ao explicitar suas intenções de casar-se com um magnata e ao dedicar todas as suas energias na tentativa de conquistar o “homem ideal”, ou seja, um ser desconhecido e criado em sua mente unicamente para soerguê-la da condição social desfavorecida na qual vive e sempre viveu.

Ao lado de figuras como José Célio e a família de Esmeralda⁴⁵, que se deslocaram de suas terras natais – Minas Gerais e Ceará – em busca de melhores perspectivas de vida e de trabalho, encontramos nesse romance outros trabalhadores oriundos de diferentes estados do país, porém com perspectivas e histórias de vida bastante semelhantes.

Eles, além de labutarem diariamente pelo sustento e pela existência, deparam-se frequentemente com as dores decorrentes do processo de migração a que estão submetidos, uma vez que não são apenas seus solos que ficaram pra trás, mas também suas raízes coletivas e individuais, como: nascimentos, infâncias, histórias, episódios, datas, segredos, alimentos, memórias, identidades, familiares e amigos.

De modo que figuras como Glenda, Nilson e Arnulfo, mais do que fazerem parte, em maior ou menor grau, da vida de Célio, personificam também a realidade vivida por esses sujeitos.

⁴⁵Composta por Esmeralda, Válter (pai), Germana (mãe), Fabinho e Eliane (irmãos).

A presença maciça de trabalhadores oriundos dos confins geográficos para desempenhar atividades informais e “invisíveis”, sem grande valorização social, como porteiro, copeiro, vigia, peão, empregada doméstica, cozinheira, entre outros, mais do que reiterar, confirmam as proposições expostas anteriormente por Paulo Renato Souza⁴⁶ referentes ao processo migratório de trabalhadores brasileiros rurais para a capital paulista em meados da década de 70.

Há pelo menos dois episódios no romance que mencionam a presença de grupos de trabalhadores migrantes. Temos conhecimento do primeiro deles no início das cartas, quando Célio está na fila da fábrica onde pretende ser empregado e percebe que parte considerável dos candidatos aos postos de trabalho que ali se encontram vem de diversas regiões do Brasil, conforme a fala do rapaz em carta escrita à mãe:

Graças a Deus correu tudo bem lá na firma. Tinha uma fila grande e muita gente querendo trabalhar lá, que é uma fábrica grande, chamada Conforja⁴⁷, e tinha gente do Brasil todo. Fiquei muito tempo na fila, mas na hora que o moço viu que eu era formado no Senai, me tratou com mais consideração e disse que eu já estava colocado. Ele falou que mão de obra qualificada é diferente e ainda me falou que, sendo mineiro, eu era gente boa (RUFFATO, 2012, p. 32).

O segundo momento em que visualizamos a presença de um grupo de migrantes é quando José se sente desestimulado em se juntar aos seus companheiros para alguma confraternização ou evento. Isto ocorre na maioria das vezes porque ele se chateia com o fato de seus amigos se alcoolizarem excessivamente e expressarem saudades de suas terras – por meio da música e das lágrimas -

⁴⁶No livro *O que são empregos e salários* (1984).

⁴⁷“Criada em 1954, inicialmente operando em São Paulo com a denominação de Alpaca Produtos Químicos S/A, a empresa atuava no comércio de inseticidas, tintas, produtos domésticos para limpeza, e produtos químicos para fins industriais. Em 1967 a empresa passa a produzir conexões de aço forjado e tubulações para instalações industriais, assumindo a partir daí a denominação de Conforja. Em 1968, a empresa é transferida para o município de Diadema, onde adquire um terreno que contempla seus planos de expansão. Na década de 70, em meio ao ‘milagre econômico’ brasileiro, a empresa tem um crescimento vertiginoso, impulsionado pela demanda da Petrobras [...] (uma vez que) fornecia à estatal brasileira de petróleo conexões e anéis de aço” (ODA, Nilson Tadashi. *Gestão e trabalho em cooperativas de produção: dilemas e alternativas à participação*. 2001. Dissertação de Mestrado em Engenharia – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 58-59).

Na maioria das vezes essas coisas terminam com o pessoal bêbado tocando violão, um chororô danado, uma tristeza de dar dó. É nessas horas que eu entendo a revolta do Fabinho, que sempre fala que não entende porque para ganhar a vida a gente tem que mudar para longe das pessoas que ama. Eu penso que nem ele que o mundo é muito injusto (RUFFATO, 2012, p. 98).

Embora episódios desagradáveis como este ocorram, há no romance algumas passagens em que José participa de eventuais almoços elaborados pela família de Esmeralda. Esses momentos se apresentam de modo bastante agradável ao rapaz, visto ele se sentir à vontade e sempre retornar quando convidado. Um fator que certamente influencia esses sentimentos e disposição é o fato de Germana e seu marido explicitarem verbalmente suas boas intenções e gosto em reunir os amigos que, assim como eles, também se encontram na condição de indivíduos desterrados.

O seu Válter [...] ele vinha me convidando para ir na casa dele, num bairro chamado Casa Grande, há algum tempo já. Domingo retrasado eu fui. A mulher dele, dona Germana, faz almoço para um monte de gente. Ela fala que, como nós somos todos de fora, a nossa família é esta. É a maneira dela de reunir gente na casa dela e nós não sentirmos tão sozinhos. Eles já fazem isso há muitos anos, mas a partir de agora o seu Válter falou que eu também já sou da família (RUFFATO, 2012, p. 57).

Percebemos por meio dessa ficção que a linguagem típica do meio rural, ou com fortes traços regionais, não possui a mesma recepção e leveza aos ouvidos não familiarizados. De modo que a probabilidade de um falante caipira ou estrangeiro sofrer discriminação ou estranheza por parte de seus ouvintes é bastante elevada.

Isso ocorre porque mais do que sua fala, todo o seu ser é visto como diferente, estranho, deslocado e desencaixado da conjuntura em que tenta se inserir. Mesmo que na realidade esse distanciamento por parte do receptor esteja muito mais relacionado com a segregação econômica e social do emissor do que necessariamente com a linguística.

A linguagem de um migrante ou estrangeiro pode adquirir tanto uma conotação pejorativa e discriminatória ao “incomodar o ouvido” de quem está por perto na condição de ouvinte ou espectador, quanto

se tornar pouco ou nada tolerada se a comunicação de fato não se fizer minimamente compreendida.

No primeiro contato de José Célio com a dona da pensão em que se hospeda ao chegar em São Paulo, ele diz em carta à mãe: “A dona Glenda – ou é dona Brenda, eu não entendi direito o nome dela [...] ela fala tão enrolado que eu não entendo se é dona Glenda ou dona Brenda” (RUFFATO, 2012, p. 30).

No mesmo contexto e no mesmo quarto de pensão, José desconfia que o jovem com o qual irá partilhar o recinto deve ser oriundo de um lugar diferente do seu. A possibilidade é mais uma vez levantada por meio da constatação: “Eu durmo debaixo. Em cima dorme um rapaz, deve ser baiano pelo jeito dele falar” (RUFFATO, 2012, p. 30).

Em um terceiro momento a questão da linguagem se faz presente no instante em que José admite ter compreendido muito pouco o que falava o diretor da fábrica onde trabalha: “O seu Volfe [...] ele fala esquisito pra caramba, mas agora eu já acostumei, no começo não entendia quase nada” (RUFFATO, 2012, p. 91).

Na última passagem fica evidente que há uma movimentação maior de José Célio em compreender a fala de seu superior na fábrica onde trabalha em relação à dona da pensão e a seu colega de quarto. Isso ocorre porque há, além de uma relação de poder, também uma hierarquia, que pode ser manifestada por meio das oposições: chefe x subordinado, patrão x empregado, burguês x proletariado.

Assim, consciente ou inconscientemente, a necessidade de continuar no emprego, manter-se a si e aos seus dependentes, assim como o receio de perder o cargo ocupado caso “alguma coisa saia dos padrões”, faz com que haja uma tolerância e esforços ainda maiores do rapaz em entender tanto a língua como o modo de se expressar do diretor da fábrica.

No que se refere à sociabilidade e interação, é possível afirmar que são significativamente visíveis e bastante fortes os laços de solidariedade, partilha, amizade, companheirismo e ajuda mútua entre os indivíduos e os grupos de migrantes. Parece-nos que a falta da geografia natal – e com ela seus costumes e cultura interioranos – faz reforçar a lembrança de que embora estejam em um lugar que originalmente não é o seu, estão todos na mesma condição de luta, sobrevivência e perseverança por dias melhores.

Essa identificação com os pares, além de reforçar a união, a empatia e a preocupação com o bem-estar de uns com os outros, simboliza também uma auto-reflexão, uma vez que olhar para as condições e para as dificuldades enfrentadas pelo outro significa olhar

para si mesmo e para suas próprias narrativas de classe, de vida, território, privações, solidão, distanciamentos, isolamento, medo, sacrifícios, sofrimento, perdas, luta e trabalho.

O processo de migração de indivíduos se deslocando do campo para a cidade não foi o único fenômeno ocorrido em meados da década de 70, pois junto com ele prevalecia a questão da ditadura militar em todas as regiões do país, tanto urbanas como rurais. No romance, embora a questão da repressão política apareça de modo fortuito, se faz presente muito próxima a José Célio, fazendo florescer sentimentos como desconfiança, medo e preocupação, manifestados em vários gestos e atitudes do rapaz.

Ao perceber que a mãe não recebeu uma de suas correspondências, ele primeiro tenta se explicar argumentando a possibilidade de ter sido extraviada. Quando finalmente atina para a situação real da falta de privacidade e das constantes violências a que todos os brasileiros estão sujeitos, ele reflete: “ou, o que é pior, foi confiscada, porque agora eles abrem cartas particulares e baixam cacete em trabalhador. Ainda bem que não tinha nada de comprometedor na carta” (RUFFATO, 2012, p. 116).

Percebemos da parte de José um posicionamento cauteloso no sentido de evitar ao máximo deparar-se com situações que possam ameaçá-lo ou prejudicá-lo, como ser alvo de emboscadas ou se deparar com policiamento. Sabe que a humilhação, espancamentos e “desaparecimentos” de modo súbito e inexplicável são ações “rotineiras e comuns”, conforme foi possível verificarmos no capítulo anterior referente aos períodos Médici e Geisel. Exemplo disso é seu colega Norivaldo, que acaba desaparecendo de modo inexplicável:

Outro dia, aconteceu um negócio esquisito com um rapaz que mora comigo na pensão, o Norivaldo, um sujeitinho falante, desses meio entrão, sabe? Parece que ele estava andando na rua, o pessoal da cavalaria que tem aqui perto passou, ele fez pouco dos soldados, um deles desceu, mandou ele beijar o cavalo, ele falou que não ia beijar coisa nenhuma, eles carregaram ele para a delegacia e deram uma surra danada nele. Parece que o negócio foi feio, porque ele apareceu na pensão todo machucado, eu não vi não, me contaram, pegou a bolsa dele e sumiu. Ninguém mais ouviu falar dele (RUFFATO, 2012, p. 84).

Esse tipo de episódio suscita cada vez mais um clima de medo

e silenciamento: “a gente tem que tomar cuidado com o que fala por aqui. Eu tomo” (RUFFATO, 2012, p. 84). Tais acontecimentos fazem José tomar a atitude de se distanciar ao máximo que pode do perigo e da injustiça. Isso se materializa ao decidir se mudar para outro lugar quando suspeita da presença de um vigilante na pensão onde vive. “Devo mudar de pensão no começo do ano. Tem um rapaz que mudou para aqui que o pessoal do sindicato me falou que não é pra confiar nele não, que é dedo-duro da Polícia Federal”⁴⁸ (RUFFATO, 2012, p. 115).

Tendo consciência do terreno movediço em que está pisando, Célio aconselha a mãe: “era bom até a senhora rasgar essas cartas, porque vai que alguém pega e lê e ainda pode dar problema” (RUFFATO, 2012, p. 115). E arremata, “a senhora sabe que a gente vive debaixo de uma ditadura que prende e mata trabalhadores, que a única coisa que querem é mudar a situação injusta do país” (RUFFATO, 2012, p. 115).

Além dessas questões, observamos que desde o início do romance o jovem busca adquirir conhecimento. A princípio é uma aprendizagem voltada para o trabalho técnico e para o desenvolvimento, aperfeiçoamento, proliferação e multiplicação do capital. Com o decorrer do tempo sua formação passa a ser construída tendo como base sua experiência cotidiana, que o leva constantemente a repensar seu papel no mundo e sua relação com os indivíduos que o cercam.

Próximo aos oito anos em que Célio viveu em São Paulo – há algumas manifestações do rapaz que denotam um gradual despertar para as questões trabalhistas que extrapolam o âmbito de sua rotina diária: trabalhar-voltar do trabalho. É a questão crítica muitos anos submersa no inconsciente do rapaz que começa vir à tona na medida em que ele passa a participar das reuniões do sindicato.

Na correspondência do dia 13 de março de 1977, ele descreve à mãe os compromissos com os quais tem se envolvido: “no dia 4 a gente fez uma assembleia para discutir a pauta de reivindicações da campanha salarial desse ano” (RUFFATO, 2012, p. 117) e com os quais pretende se envolver “agora a gente está preparando uma grande festa para o 1º de maio. Acho que esse ano a coisa pega fogo” (RUFFATO, 2012, p. 117). É visível que no decorrer de quase uma década, as atitudes, o posicionamento e a forma de pensar do rapaz se alteram significativamente para melhor.

O processo é decorrente da experiência de vida e de trabalho que

⁴⁸Segundo Foucault “o corpo está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais” (FOUCAULT, 2011, p. 28).

adquiriu observando seu entorno. O cotidiano e a partilha de ideias com outros trabalhadores industriais fez aflorar as diferenças de idade e de aprendizado, e também trouxe à tona diversas semelhanças referentes às necessidades básicas de sobrevivência, à condição de migrantes, às narrativas de vida e lutas de classe.

O rapaz não espera mais passivamente e não se ilude com a “benevolência” dos chefes da fábrica onde trabalha frente à promessa do aumento do salário, mas participa de reuniões e se engaja nas questões trabalhistas para reivindicar aquilo que é seu por direito. Uma passagem que reitera essas afirmações é quando conta à mãe que “o nosso 1º de maio vai ser uma demonstração de força da categoria [...] quero estar aqui firme para a posse do nosso presidente do sindicato, no dia 21, e para participar dos preparativos da nossa festa do Dia do Trabalhador” (RUFFATO, 2012, p. 125).

Ao fim de tantas horas diárias trabalhadas nos finais de semana, horas extras, venda das férias, economias e sacrifícios, José finalmente recebe a recompensa por ter vendido não apenas o corpo, mas a alma ao sistema. Quando alcança a “prosperidade” e a “riqueza” por meio da aquisição do tão sonhado fusca amarelo colônia, é achatado não apenas por uma carreta, quando ele decide viajar para visitar a família em Cataguases, mas moído e anulado pelo sistema capitalista a que serviu cegamente.

Todas as noites de sono perdidas, a falta de descanso, de lazer, do contato com a família, com os amigos, de recreação e de uma alimentação minimamente dignas, um dia subitamente aparecem para reivindicar o motivo de suas faltas. E é então que o organismo e a psique, sem poderem argumentar por não possuírem mais forças, entregam a palavra à morte e cruel decapitadora humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apresentou uma leitura crítica do romance *De mim já nem se lembra* (2012), de Luiz Ruffato. Nesta pesquisa, os aspectos relacionados aos modos de vida e de trabalho retratados na obra foram o principal alvo de análise.

O início deste estudo envolvendo a classe trabalhadora, da qual o protagonista do livro José Célio faz parte, começou com a caracterização do grupo de trabalhadores fabris que constituíram a força motriz da Revolução Industrial Inglesa.

A revolução da indústria impulsionou o desenvolvimento da tecnologia e de ciências como a física, a química e a matemática. Este movimento também introduziu profundas mudanças econômicas que afetaram diretamente a classe trabalhadora da Inglaterra de fins do século XVIII e que se estendem até os dias atuais.

A reflexão sobre esse tema trouxe à tona questões como: a migração; a fragmentação do trabalho; as condições precárias de segurança nas fábricas; a redução do tempo dedicado ao lazer; e a piora da qualidade de vida destes trabalhadores; que são vistas como consequências da supervalorização do capital em relação às necessidades humanas.

As questões relacionadas aos trabalhadores industriais não se restringem ao seu surgimento na Inglaterra, mas também estiveram presentes durante o desenvolvimento industrial brasileiro ocorrido em meados da década de 1970, especificamente na região do ABC paulista.

No capítulo dedicado à contextualização deste período histórico, observou-se a implantação de grandes empresas multinacionais em nosso território, fomentada principalmente pelos líderes governamentais daquela época.

Apesar destes avanços, não houve uma preocupação semelhante por parte das empresas e do governo com as necessidades básicas e salariais da classe trabalhadora menos favorecida economicamente. Esse descaso fortaleceu a união de grupos de funcionários fabris organizados coletivamente na luta por direitos trabalhistas.

Como no Brasil desta época vigorava a ditadura militar, eram cotidianos os casos de censura, repressão e perseguição a todo indivíduo ou grupo que representasse uma ameaça e/ou oposição ao sistema vigente.

As reflexões desenvolvidas nos primeiros dois capítulos, juntamente das contribuições de outros autores que abordam as

relações de trabalho, foram fundamentais na análise crítica empreendida no capítulo dedicado ao romance *De mim já nem lembra* (2012), de Luiz Ruffato.

Neste romance, verificamos que a migração de pessoas pobres em busca de uma melhor perspectiva de vida e de trabalho nunca significa apenas a mudança de um espaço geográfico interiorano para a cidade. Isso porque as marcas físicas e psicológicas acompanharam José Célio por quase toda a década em que viveu no ambiente citadino.

Físicas, quando decorrentes da excessiva e constante dedicação ao trabalho materializado por meio das horas-extras, venda das férias, supressão do lazer, falta de tempo para escrever correspondências à mãe e escassas horas de sono diárias.

Psicológicas, nas frequentes queixas decorrentes da saudade, no espanto ao perceber que o seu lugar de origem transformou-se em ruínas, na falta de adaptação ao ambiente metropolitano, nas constantes tristezas, ansiedades, desabafos, baixa auto-estima e pressão por cumprir metas.

Essas questões se concretizam também na tentativa de possuir os bens e frequentar os espaços destinados às pessoas abastadas de sua cidade, na não conformidade com seu destino, na luta por dias melhores, no papel de provedor do lar materno e na vontade de voltar para sua terra e para os seus.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- ALENCAR, J. **Senhora**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- ALENCAR, J. **Como e porque sou romancista**. Adaptação ortográfica de Carlos de Aquino Pereira. Campinas: Pontes, 2005.
- ANDRADE, C. D. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- ASSIS, M. **A mão e a luva**. São Paulo: Globo, 1997.
- AZEVEDO, A. **O cortiço**. 33. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- BATISMO de sangue. Direção Hervécio Ratton, Downtown Filmes Distribuidora 2007. 1 DVD (110 min.): DVD, Ntsc, son., color. Port.
- BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRASILEIRO, Instituto Universal. **Curso de Desenho Mecânico**. Disponível em: <<http://goo.gl/WGjepM>>. Acesso em: 3 junho 2014.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- DICKENS, C. **Tempos difíceis**. Tradução: Jacy Monteiro. São Paulo: Paulinas, 1968.

DRAGHICHEVICH, P. **Da vocação industrial e ausência de políticas sociais: os movimentos populares pela moradia.** São Paulo: Zilda Márcia Gricoli Iocoi: Humanitas, 2001.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2010.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **O dicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, S. C. **Diadema e o Grande ABC: expansão industrial na economia de São Paulo.** São Paulo: Zilda Márcia Gricoli Iocoi: Humanitas, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOETHE, J. W. V. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister.** Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GONÇALVES, A. **Um romance (?) da cidade-monstro.** Disponível em: <<http://goo.gl/QPCHIk>>. Acesso em: 27 julho 2014.

HEES, F. **A industrialização brasileira em perspectiva histórica.** Disponível em: <<http://goo.gl/FIJQMQ>>. Acesso em: 28 agosto 2014.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos Impérios. 1875-1914.** Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica de Maria Celia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991.** Tradução de Marcos Santarrita; revisão técnica de Maria Célia Paoli. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, E. J. **A era do Capital. 1848-1875.** Tradução de Luciano Costa Neto. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWM, E. J. **A era das Revoluções. 1789-1848.** Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

IANNI, O. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

INDUSTRIAL, Serviço Nacional de Aprendizagem: (SENAI). **Técnico de Metalurgia**. Disponível em: <<http://goo.gl/4D7vj4>>. Acesso em: 1 junho 2014.

JATOBÁ, R. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Lazuli Editora, 2006.

LAFARGUE, P. **Direito à preguiça**. Tradução de Otto Lamy de Correa. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANKIW, N. G. **Macroeconomia**. Tradução de Maria Jose Cyhlar Monteiro; revisão técnica de Roberto Luis Troster... [et al.]. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora JC., 1998.

MIRANDOLA, C. **Projeto Volkswagen na comunidade Volkswagen**. Disponível em: <<http://goo.gl/cJjWMq>>. Acesso em: 29 junho 2014.

MORENO, J. B. **A história de Mora, capítulo 17: “Severo Gomes é irmão!”**. Disponível em: <<http://goo.gl/xUcr9O>>. Acesso em: 27 março 2014.

NUNCA fomos tão felizes. Direção Murilo Salles. Cinema Brasil Digital 1984. 1 Videocassete (91 min.): VHS, Ntsc, son., color. Port.

O ano em que meus pais saíram de férias. Direção: Cao Hamburger, Walt Disney Distribuidora 2006. 1 DVD (110 min.): DVD, Ntsc, son., color. Port.

ODA, N. T. **Gestão e trabalho em cooperativas de produção: Dilemas e alternativas à participação**. Dissertação (Mestrado) --- Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2001.

OFFE, C. **Trabalho: a categoria-chave da sociologia?** 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/n6zcvJ>>. Acesso em: 19 agosto 2014.

PRA frente Brasil. Direção Roberto Farias. Embrafilme Video Distribuidora 1982. 1 Videocassete (104 min.): VHS, Ntsc, son., color. Port.

QUINTÁS, A. L. **La manipulación del hombre a través del lenguaje.** Disponível em: <<http://goo.gl/ALJPW>>. Acesso em: 4 junho 2014.

RAMALHO, J. R.; RODRIGUES, I. J.; CONCEIÇÃO, J. J. d. **Reestruturação industrial, sindicato e território - Alternativas políticas em momentos de crise na região do ABC em São Paulo - Brasil.** Disponível em: <<http://goo.gl/T3mqVa>>. Acesso em: 28 agosto 2014.

REPÚBLICA, Biblioteca da presidência da. **Ernesto Geisel, General.** Disponível em: <<http://goo.gl/udDMX0>>. Acesso em: 1 setembro 2014.

RODRIGUES, I. J.; RAMALHO, J. R. (Ed.). **Trabalho e sindicato em antigos e novos territórios produtivos: comparações entre o ABC Paulista e o Sul Fluminense.** São Paulo: Annablume, 2007.

ROUSSEAU, J.-J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Tradução de Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RUFFATO, L. **De mim já nem se lembra.** Lisboa: Tinta-da-china, 2012.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.

SKIDMORE, T. E. **Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985.** Tradução de Mario Salviano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SMITH, A. **A riqueza das nações: da causa do aprimoramento das forças produtivas do trabalho e a ordem segundo a qual sua produção é naturalmente distribuída entre as diversas categorias do povo.** Tradução de Maria Tereza Lemos de Lima. Curitiba: Juruá, 2011.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A maldição de Adão.** Tradução: Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A força dos trabalhadores.** Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

VARELLA, D. **Tifo**. Disponível em: <<http://goo.gl/B1kRcK>>. Acesso em: 9 março 2014.

VARGAS, G.; FALCÃO, W. **Regulamento a que se refere o decreto-lei n. 399, de 30 de abril de 1938**. Disponível em: <<http://goo.gl/782Bom>>. Acesso em: 3 abril 2014.

VIANA, S. **Notas de aula de metrologia**. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/rEhxEa>>. Acesso em: 16 setembro 2014.

VIEIRA, E. **A República Brasileira: 1964-1984**. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

ZOLA, E. **Germinal**. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Nova Cultura, 1996.